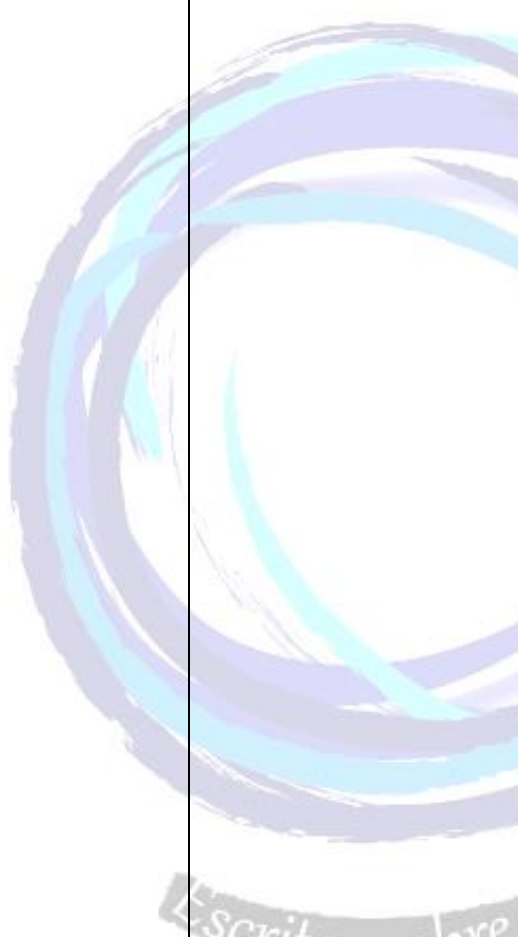


ACIOLI, José de Sá Betencourt e. 1752-1828

José de Sá Betencourt e Acioli nasceu em Caeté, Minas Gerais, em 1752, e morreu na mesma localidade em 1828. Formado em ciências naturais, Acioli, depois de amargar 3 anos de prisão por conta de seu envolvimento com a Inconfidência Mineira, escapou do degredo e deu seguimento às suas atividades científicas, participando, a serviço do governo, de diversas expedições minerológicas na Bahia.

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>1- Memória sobre a viagem do terreno nitroso. Offerecida Ao Illm. e Exm. Sr. D. Rodrigo de Sousa Continho, do Conselho d’Estado, Ministro e Secretario d’Estado dos Negocios da Marinha, e Dominios Ultramarinos; por José de Sá Bitancourt Accioly, Bacharel em Filosofia, Socio da Real Academia das Sciencias de Lisboa. Lisboa: 1799.</p>	<p>1799</p>	<p>Páginas: 103, 107, 108</p> <p>Por toda a encosta da serra desde os Montes Altos, até as Tabocas, se encontra uma mataria continuada, que abunda de muita lenha e madeiras de construção, tais são os amargos paus pretos, paus de arco, cedros, tamboris, aroeiras &c havendo igualmente muita pedra de cal por toda a planície, de que se observam aqui e ali vários servos espalhados no plano das catingas que ficam entre a serra dos Montes Altos e das Emburanas, que é a mesma que segue ao largo do Rio de S. Francisco para vila de Urubu, passando-lhe mais de dezesseis léguas desviadas pelas cabeceiras do riacho de Santo Onofre, que abunda e muita pedra hume: a serra da malhada, que fica sobranceira ao dito rio. Destas serras tenho alguma notícia comunicada pelos habitantes, que todas as vezes que fazem Lapas, contém salitre, o que não observei por me ficarem fora do giro da minha viagem, e não querer retardar as notícias e observação dos mais lugares que me restava fazer, o que em outro qualquer tempo se pode executar depois de estabelecida a fabrica neste lugar, havendo homens hábeis, que bem o possam executar ainda que eu encarreguei esta observação a Manoel Ribeiro de Vasconcelos, sujeito inteligente, que assistiu comigo em todos os exames, e é um dos homens brancos, que há no lugar dos Montes Altos, que contém unicamente doze fogos de muito pobre gente, morando desviados alguns,</p>

		<p>que são senhores das fazendas vizinhas do dito lugar, cujo terreno foi doado a virgem Madre de Deus, pelo primeiro que a povoou, e passa hoje debaixo do título de encapelamento, que consiste em doze léguas de terra despovoada, mil cabeças de gado, nove cavalos, e um negro vaqueiro, de que é administrador José Pereira da Silva, homem pardo, com a pensão única de pagar seis mil e duzentos e cinquenta para os paramentos da capela, tendo a mais parentalha deste faculdade de morarem, criarem e cultivarem os lugares da sua residência, sendo o sobredito terreno muito necessário para a administração, comodidade do serviço, caso a vista dos exames, que remeto haja Sua Majestade por bem levantar fábrica, como também todo o mais terreno que acompanha a serra, que é dominado com diferentes possuidores, não sei com que direito. (p. 103)</p> <p>Cada serviço destes deve ter fábrica suficiente, e adminiculos próprios para a extração e gente que se possa empregar na lavoura para sustentação dos empregados, para o que é muito próprio o terreno, e a razão de se empregar alguma parte dos escravos na lavoura é por ser o país presentemente pouco cultivado e não haver abundância de mantimentos, reservando S. Majestade os dízimos de todo o terreno que pertencer a regência do lugar para sustentação e vestuário dos trabalhadores, porque se os gados por exemplo, do ramo grande do Rio de S. Francisco fazem conta ao comprador que negocia com o arrematante para lucrar, muito melhor fará a administração o tê-los antes pelo diminuto preço de dez tostões por cabeça, do que pelo quadrúplo; o dízimo das miunças para a sustentação, e dos algodões para o vestuário, ficando a S. Magestade esta despesa muito moderada, vendendo-se por conta da extração o que sobrar. (pp. 107-108)</p>
--	---	---

ANTONIL, André João. 1649-1716

O jesuíta André João Antonil, cujo verdadeiro nome é João Antônio Andreoni, nasceu em Lucca, na Toscana, no ano de 1649, e morreu na Bahia, a 13 de março de 1716. Formado em Direito Civil pela Universidade de Perugia, Andreoni entrou para a Companhia de Jesus em 1667. Em 1683, convencido pelo padre Antônio Vieira — de quem se aproximara em Roma —, largou as suas atividades docentes no Seminário Romano, embarcou para Lisboa e daí para o Brasil. Em terras brasileiras, teve uma vida extremamente ativa: foi professor de retórica, mestre de noviços, assessor de visitantes, visitador, pregador, reitor de colégio e Provincial. Religioso culto e amante da arte de escrever, Andreoni deixou inúmeros escritos inéditos (cartas, relações de missões, orações, etc.), grande parte deles em latim. Em letras impressas, o jesuíta, com o pseudônimo de Antonil, legou-nos somente o *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas* (1711).

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>2- Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas, Com várias notícias curiosas do modo de fazer o Assucar, plantar, & beneficiar o tabaco; tirar ouro das minas; & descobrir as de prata: E dos grandes emolumentos, que esta conquista da America Meridional dá ao Reyno de Portugal com estes, & outros generos e contratos Reaes. Lisboa, Officina Real Deslandesiana, 1711.</p>	<p>1711</p>	<p>Praticamente todo o livro discorre sobre o escravo/negro. Alguns capítulos são mais elucidativos. Há menções ao mulato. Foco: dinâmica do engenho. Livro destinado, sobretudo, aos senhores de engenho.</p> <p>Índice:</p> <p>Primeira Parte. Livro I.</p> <p>Cap. I. Do cabedal que há de ter o senhor de engenho, p. 1. Cap. II. Como se há de haver o senhor do engenho na compra, e conservação das terras, e nos arrendamentos dela, p. 5. Cap. III. Como se há de haver o senhor do engenho com os lavradores e outros vizinhos, e estes com o senhor, p. 7. Cap. IV. Como se há de haver o senhor de engenho na eleição das pessoas, e oficiais que admitir ao seu serviço: e primeiramente da eleição do capelão, p. 10</p>

	<p>Cap. V. Do feitor mor do engenho, e dos outros feitores menores que assistem na moenda, fazendas e partidos da cana: suas obrigações, e soldadas, p. 14</p> <p>Cap. VI. Do mestre do açúcar e <i>sotomestre</i>, a quem chamam banqueiro, e do seu ajudante a que chamam <i>ajudabanqueiro</i>, p. 18</p> <p>Cap. VII. Do purgador do açúcar, p. 20</p> <p>Cap. VIII. Do caixeiro do engenho, p. 21</p> <p>Cap. IX. Como se há de haver o senhor de engenho com seus escravos, p. 22.</p> <p>Cap. X. Como se há de haver o senhor de engenho no governo da sua família, e nos gastos ordinários de casa, p. 29</p> <p>Cap. XI. Como se há de haver o senhor de engenho no recebimento dos hóspedes, assim religiosos, como seculares, p. 31</p> <p>Cap. XII. Como se há de haver o senhor do engenho com os mercadores e outros seus correspondentes na praça: e de alguns modos de vender e comprar o açúcar, conforme o estilo do Brasil, p. 33</p> <p style="text-align: center;">Livro II.</p> <p>Cap. I. Da escolha da terra para plantar canas de açúcar, e para os mantimentos necessários e provimento do engenho, p. 36.</p> <p>Cap. II. Da planta e limpas das canas: e da diversidade que há nelas, p. 38.</p> <p>Cap. III. Dos inimigos da cana enquanto está no canaveal, p. 41</p> <p>Cap. IV. Do corte da cana e sua condução para o engenho, p. 42</p> <p>Cap. V. Do engenho ou casa de moer a cana: e como se move a moenda com água, p. 46.</p> <p>Cap. VI. Do modo de moer as canas: e de quantas pessoas necessita a moenda, p. 53</p> <p>Cap. VII. Das madeiras de que se faz a moenda, e todo o mais madeiramento do engenho, canoas e barcos: e do que se costuma dar aos carpinteiros e outros semelhantes oficiais, p. 56</p> <p>Cap. VIII. Da casa das fornalhas, seu aparelho, e lenha que há mister, e da cinza, e sua decoada, p. 59</p>
--	--

	<p>Cap. IX. Das caldeiras e cobres, seu aparelho, oficiais e gente que nelas há mister: e instrumentos de que usam, p. 63</p> <p>Cap. X. Do modo de limpar e purificar o caldo da cana nas caldeiras, e no parol de coar, até passar para as tachas, p. 67</p> <p>Cap. XI. Do modo de cozer e bater o melado nas tachas, p. 69</p> <p>Cap. XII. Das temperas do melado: e sua justa repartição pelas formas, p. 72</p> <p style="text-align: center;">Livro III.</p> <p>Cap. I. Das formas do açúcar e sua passagem do tendal para a casa de purgar, p. 75</p> <p>Cap. II. Da casa de purgar o açúcar nas formas, p. 77</p> <p>Cap. III. Das pessoas, que se ocupam em purgar, mascavar, secar, e encaixar o açúcar: e dos instrumentos que para isso são necessários, p. 79</p> <p>Cap. IV. Do barro que se bota nas formas do açúcar: qual deve ser e como se há de amassar: e se é bem ter no engenho olaria, p. 81</p> <p>Cap. V. Do modo de purgar o açúcar nas formas: e de todo o benefício que se lhe faz na casa de purgar até se tirar, p. 83</p> <p>Cap. VI. Do modo de tirar, mascavar e secar ao açúcar, p. 86</p> <p>Cap. VII. Do peso, repartição e encaixamento do açúcar, p. 89</p> <p>Cap. VIII. De várias castas de açúcar que separadamente se encaixam: marcas das caixas e sua condução ao trapiche, p. 91</p> <p>Cap. IX. Dos preços antigos e modernos do açúcar, p. 94</p> <p>Cap. X. Do número das caixas de açúcar que se fazem cada ano ordinariamente no Brasil, p. 96</p> <p>Cap. XI. Que custa uma caixa de açúcar de trinta e cinco arrobas, posta na alfândega de Lisboa, e já despachada: e do valor de todo o açúcar que cada ano se faz no Brasil, p. 97</p> <p>Cap. XII. Do que padece o açúcar desde o seu nascimento na cana, até sair do Brasil, p. 102</p> <p style="text-align: right;">Seguda Parte.</p>
--	---

		<p>Cultura e Opulencia do Brasil Na Lavra do Tabaco.</p> <p>Cap. I. Como se começou a tratar no Brasil da planta do tabaco: e a que estimação tem chegado, p. 107</p> <p>Cap. II. Em que consiste a lavra do tabaco: e de como se semeia, planta e alimpa: e em que tempo se há de plantar, p. 109</p> <p>Cap. III. Como se tiram e curam as folhas do tabaco: e como delas se fazem e beneficiam as cordas, p. 111</p> <p>Cap. IV. Como se cura o tabaco depois de torcido em corda, p. 112</p> <p>Cap. V. Como se enrola, e encoura o tabaco: e que pessoas se ocupam em toda a fábrica dele, desde a sua planta até se enrolar, p. 113</p> <p>Cap. VI. Da segunda e terceira folha do tabaco: e de diversas qualidades dele, para se marcar, cachimbar e pisar, p. 115</p> <p>Cap. VII. Como se pisa o tabaco: do granido e em pó, e como se lhe dá oo cheiro, p. 116</p> <p>Cap. VIII. Do uso moderado do tabaco para a saúde: e da demasia nociva a mesma saúde, de qualquer modo que se use dele, p. 118</p> <p>Cap. IX. Do modo com que se despacha o tabaco na alfândega da Bahia, p. 120</p> <p>Cap. X. Que custa um rolo de tabaco de oito arrobas, posto da Bahia na alfândega de Lisboa, e já despachado e corrente para sair dela, p. 122</p> <p>Cap. XI. Da estimação do tabaco do Brasil na Europa e nas mais partes do mundo: e dos grandes emolumentos que dele tira a fazenda, p. 124</p> <p>Cap. XII. Das penas dos que levam tabaco não despachado nas alfândegas: e das indústrias de que se usa para se levar de contrabando, p. 126</p> <p>Terceira Parte.</p> <p>Cultura e Opulencia do Brasil Pelas Minas de Ouro.</p> <p>Cap. I. Das minas do ouro, que se descobriram no Brasil p. 129</p> <p>Cap. II. Das minas do ouro que chamam gerais: e dos descobridores delas, p. 131</p> <p>Cap. III. De outras Minas de Ouro no Rio das Velhas e no Caeté, p. 133</p>
--	--	--

	<p>Cap. IV. Do rendimento dos Ribeiros: e de diversas qualidades de ouro que deles se tira, p. 134</p> <p>Cap. V. Das pessoas que andam nas Minas, e tiram ouro dos Ribeiros, p. 136</p> <p>Cap. VII. Da abundância de mantimentos e de todo o usual que hoje há nas minas: e do pouco caso que se faz dos preços extraordinariamente altos, p. 139</p> <p>Cap. VIII. De diversos preços do ouro vendido no Brasil: e do que importa o que cada ano ordinariamente se tira das minas, p. 143</p> <p>Cap. IX. Da obrigação de pagar a El-Rey nosso senhor a quinta parte do ouro que se tira das minas do Brasil, p. 146</p> <p>Cap. X. Roteiro do caminho da Vila de S. Paulo para as Minas Gerais, e para o Rio das Velhas, p. 159</p> <p>Cap. XI. Roteiro do caminho velho da cidade do Rio de Janeiro para as minas dos cataguas e do rio das velhas, p. 166</p> <p>Cap. XII. Roteiro do caminho novo da cidade do Rio de Janeiro para as Minas, p. 164</p> <p>Cap. XIII. Roteiro do caminho da cidade da Bahia para as minas do Rio das Velhas, p. 166</p> <p>Cap. XIV. Modo de tirar o ouro das minas do Brasil, e dos ribeiros delas, observando de que nelas assistiu com o governador Artur de Sá, p. 168</p> <p>Cap. XV. Notícias para se conhecer as minas de prata, p. 173</p> <p>Cap. XVI. Modo de conhecer a prata e de beneficiar os metais, p. 176</p> <p>Cap. XVII. Dos danos que tem causado ao Brasil a cobiça do descobrimento do ouro nas minas, p. 179</p> <p style="text-align: center;">Quarta Parte. Cultura e opulencia do Brasil Pela abundancia do gado e courama, e outros contratos reais que se rematam nesta conquista.</p> <p>Cap. I. Da grande extensão de terras para pastos, cheias de gado que há no Brasil, p. 183</p>
--	---

		<p>Cap. II. Das boiadas que ordinariamente se tiram cada ano dos currais para as cidades, vilas e recôncavos do Brasil, assim para o açougue, como para o fornecimento das fábricas, p. 187</p> <p>Cap. III. Da condução das boiadas do sertão do Brasil: preço ordinário do gado que se mata e do que vai para as fábricas, p. 188</p> <p>Cap. IV. Que custa um couro em cabelo, um meio de sola beneficiado até se por do Brasil na alfândega de Lisboa, p. 190</p> <p>Cap. V. Resumo de tudo o que vai ordinariamente cada ano do Brasil para Portugal: e do seu valor, p. 191</p> <p>Cap. Último. Quanto é justo que se favoreça o Brasil por ser de tanta utilidade ao reino de Portugal, p. 193</p> <p>Busca por termos/páginas: 2, 3, 4, 5, 11, 14, 15, 16, 17, 20, 22, 23, 66, 24, 25, 26, 27, 28, 33, 41, 44, 45, 53, 58, 59, 60, 66, 68, 74, 76, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 93, 95, 103, 104, 114, 115, 118, 119, 131, 138, 140, 142, 144, 145, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 188, 191.</p>
--	--	---

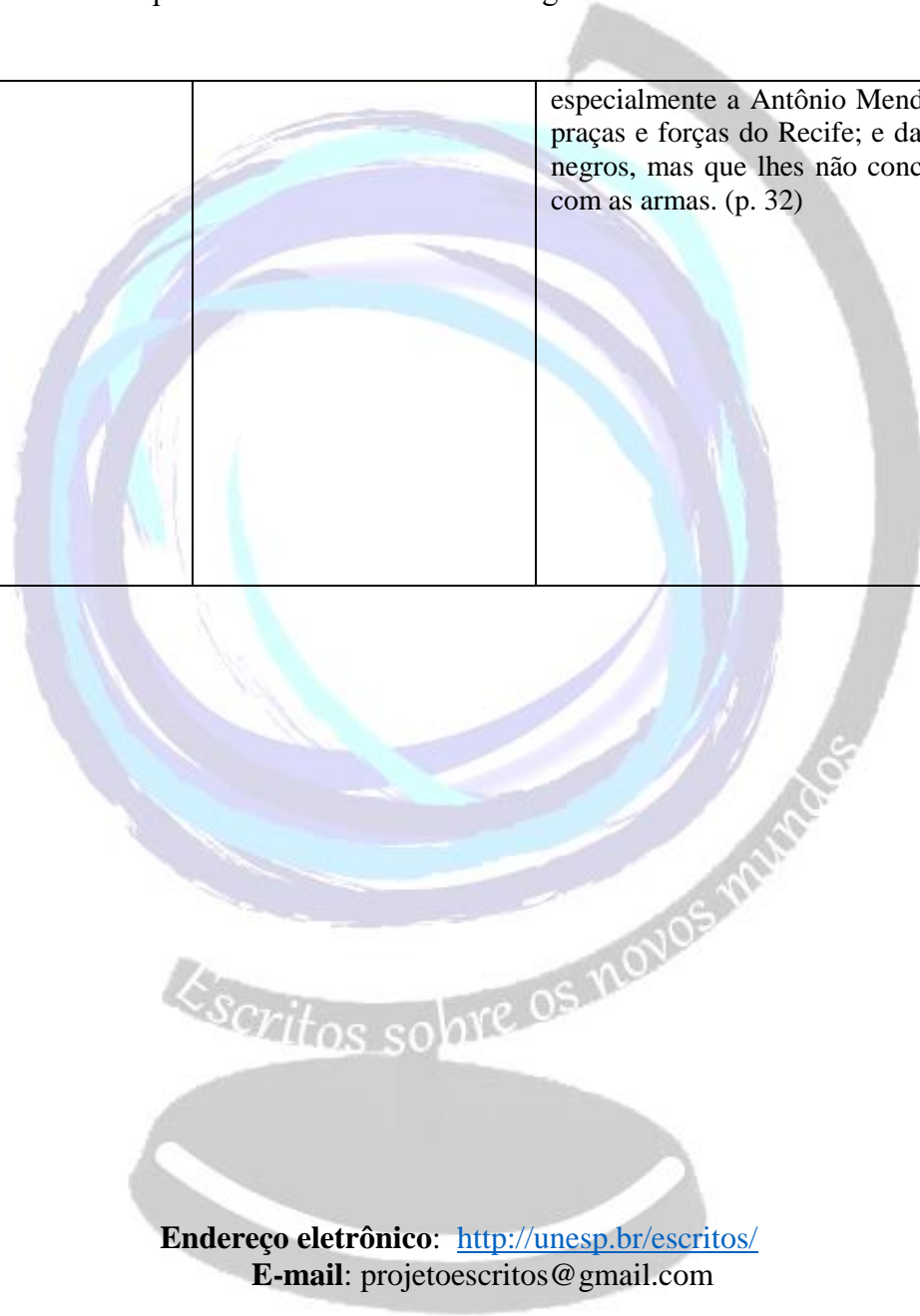
AZEREDO, José Pinto de. 1763-1810		
<p>José Pinto de Azeredo nasceu no Rio de Janeiro, em 1763, e morreu na cidade de Lisboa, em 1810. Formado em medicina pela Faculdade de Edimburgo, Azeredo foi cavaleiro da ordem de Cristo, membro da Academia das Ciências de Lisboa e físico-mór de Angola, onde tentou implantar, sem sucesso, o ensino de medicina.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>3- Ensaio sobre algumas enfermidades D' Angola, dedicados ao sereníssimo senhor D. João Príncipe do Brazil por Jose' Pinto de Azeredo, Cavalleiro da Ordem de Christo, Doutor em Medicina, e Socio de varias Academias da Europa. Lisboa. Lisboa: Na regia officina typografica, M.DCC.XCIX.</p>	<p>1799</p>	<p>* Compêndio composto por um médico português que atuou como físico-mór em Angola. Seu propósito é descrever as principais enfermidades e métodos de cura presentes em Angola. Compara suas descrições com outros países situados na “zona tórrida”, como o Brasil, sobretudo, as seguintes localidades: Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.</p>

BACELAR, Antônio Barbosa. 1610-1663		
<p>O magistrado Antônio Barbosa Bacelar nasceu em 1610, em Lisboa, e morreu em 1663, na mesma cidade. Doutor em direito civil pela Universidade de Coimbra, foi provedor de Évora e desembargador da Relação do Porto. Nunca esteve no Brasil, ao qual dedicou sua única obra em prosa.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>4- Relaçam diaria do sitio, e tomada da forte praça do Recife, recuperação das capitaniás de Itamaracá, Paraíba, Rio Grande, Ciará, & Ilha de Fernão de Noronha, por Francisco Barreto Mestre de campo general do Estado do Brasil, & Governador de Pernambuco. Lisboa: na Officina Craesbeeckiana, 1654.</p>	<p>1654</p>	<p>Páginas (do PDF. Documento não paginado): 7, 24, 25, 32</p> <p>Em os 6 dias do dito, seriam 10 horas da noite, toparam as embarcações ligeiras da nossa armada 2 fumaças do inimigo que vinham de Itamaracá e fizeram presa, e a mais pequena que trazia 12 Flamengos e alguns negros, e vinha carregada de pau Brasil. A outra, que levava 110 índios, escapou por velejar melhor, mas não tanto a seu sabor que não levasse alguns feridos da nossa mosquetaria. (p. 7)</p> <p>Depois de os soldados holandeses arrimarem as armas na forma das capitulações, se acharam em dezenove companhias mil e duzentos em que entravam 85 índios e 22 negros, não contando neste número os rendidos antes da entrega do Recife, que foram alguns trezentos, nem os moradores que tomavam armas, que também eram em número, nem outros 852 índios, que se retiraram ao Ceará. (p. 24)</p> <p>Os índios que na dita praça estavam em serviço dos holandeses com a nova que lhes deu o Nielas, fugiram para o interior do sertão com quatrocentos negros escravos. (p. 25)</p> <p>O senhor mestre de campo general concede perdão a todos os rebelados,</p>

Endereço eletrônico: <http://unesp.br/escritos/>

E-mail: projetoescritos@gmail.com

		<p>especialmente a Antônio Mendes; e a todos os mais índios assistentes nas praças e forças do Recife; e da mesma maneira aos mulatos, mamelucos e negros, mas que lhes não concorde aos ditos rebelados a honra de saírem com as armas. (p. 32)</p>
--	--	--



BARBOSA, Domingos Caldas. 1740-1800		
<p>Domingos Caldas Barbosa nasceu no Rio de Janeiro, por volta de 1740, e morreu em Lisboa, em 1800. Filho de mãe negra e pai português, estudou no colégio dos jesuítas de sua cidade natal, mas, pouco tempo depois de diplomado, foi vítima de um alistamento forçado e transferido para a colônia de Sacramento. Ao retornar do extremo sul da América portuguesa, por volta de 1763, embarcou para Lisboa, com o intuito de cursar direito na Universidade de Coimbra, mas não conseguiu se matricular em razão da morte de seu pai e de sua consequente penúria financeira. Graças, no entanto, à proteção do conde de Pompeiro, deu continuidade aos seus estudos, ordenou-se padre e foi capelão da Casa de Suplicação de Lisboa. Barbosa teve uma vida literária e mundana bastante ativa: foi sócio da Arcádia de Roma, com o nome de Seleno Selinuntino, e fundador da Academia de Belas Letras de Lisboa (Nova Arcádia).</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>5- Almanak das musas, oferecido ao gênio português. Parte I. Lisboa: Na Officina de Filippe Joze de França, 1793.</p>	<p>1793</p>	<p>Página: 133</p> <p>Negro azei te torra o Stavel, E ali coze a Boga e o Barbo, A Bodegôa agradável, Que já rendeu ao seu garbo Duro Campino intratável. (p. 133)</p>

BENCI, Jorge. 1650-1708		
<p>O jesuíta Jorge Benci nasceu por volta de 1650, em Rimini, na Itália, e morreu na cidade de Lisboa, em 1708. O seu ingresso na Companhia de Jesus deu-se em 1665, em Bolonha. Por volta de 1681, embarcou para Lisboa e da capital portuguesa seguiu para o Rio de Janeiro, onde, dois anos mais tarde, fez a sua profissão de fé. Em terras brasileiras foi pregador, procurador do colégio da Bahia, lente de humanidades e teologia, visitador local e secretário do Provincial. Deixou o Brasil em 1700, com destino à São Tomé, e daí rumou para Portugal, terminando os seus dias em Lisboa.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>6- Economia Christã Dos Senhores no Governo dos Escravos. Deduzida Das palavras do Capitulo trinta e três do Ecclesiastico: Panis & disciplina, & opus servo: Reduzida a quatro Discursos Morais Pelo Padre Jorge Benci de Arimino Da Companhia de Jesu, Missionario da Provincia do Brasil. E offerecida à Alteza do Brasil. E offerecida à Alteza Real do Sereniss. Granduque de Toscana Pelo Pare Antonio Maria Bonucci Da mesma Companhia. Em Roma: Na Officina de Antonio de Rossi na Praça de Ceri, 1705.</p>	<p>1705</p>	<p>Todo o livro discorre sobre o escravo/negro. Alguns capítulos são mais elucidativos.</p> <p>Índice:</p> <p>Dos discursos e parágrafos desta obra.</p> <p>Introdução. Discurso I.</p> <p>Em que se trata da primeira obrigação dos senhores para com os servos.</p> <p>§. I. Do sustento que devem os senhores aos servos</p> <p>§. II. Do vestido que devem os senhores aos servos</p> <p>§. III. Do cuidado que devem ter os senhores dos servos em suas enfermidades</p> <p>Discurso II. Em que se trata da segunda obrigação dos senhores para com os servos.</p>

		<p>§. I. Da doutrina cristã que os senhores são obrigados a ensinar aos seus servos</p> <p>§. II. Digressão exortatória aos párocos, para que ensinem a doutrina cristã aos escravos, como tem de obrigação</p> <p>§. III. Como os senhores estão obrigados a procurar que os servos recebam a seu tempo os santos sacramentos</p> <p>§. IV. Do bom exemplo que devem dar os senhores aos servos</p> <p>§. V. Em que se infere e mostra quão grave seja o pecado daqueles senhores que escandalizam a seus servos induzindo-os por qualquer modo ao pecado</p> <p>Discurso III. Em que se trata da terceira obrigação que tem os senhores para com os servos</p> <p>§. I. Que os senhores devem castigar os servos merecendo eles o castigo</p> <p>§. II. Que os senhores não hão de castigar tudo, mas revelar algumas faltas a seus escravos</p> <p>§. III. Que as pragas e nomes injuriosos não servem para castigo dos escravos</p> <p>§. IV. Que no castigo dos servos não devem usar os senhores de serviçais</p> <p>§. V. Mostra-se que o castigo dos escravos não deve passar de açoites, e prisões moderadas</p> <p>Discurso IV. Em que se trata da quarta obrigação dos senhores para com os servos</p>
--	--	---

		<p>§. I. Que os senhores devem ocupar os servos no trabalho, para que mereceram o sustento, e não se façam insolentes contra os mesmos senhores</p> <p>§. II. Que devem os senhores dar o trabalho aos servos, para que não se façam insolentes contra Deus</p> <p>§. III. Que os senhores devem desocupar: e não mandar trabalhar os servos nos domingos e dias santos</p> <p>§. IV. Em que se mostra que são de nenhum vigor as razões que alegam os senhores, pelas quais ocupam os servos nos domingos e dias santos</p> <p>§. V. Que o trabalho dos servos nos dias de serviço deve ser interpolado com o descanso necessário</p> <p>§. VI. Que o trabalho dos escravos não deve ser excessivo e superior a suas forças</p> <p>§. VII. Conclusão de toda a obra</p>
--	--	--

BERNARDES, Manoel (1644-1710)

“Manoel Bernardes nasceu em 1644, em Lisboa, onde viveu e morreu em 1710 . Estudou Filosofia e Direito Canônico na Universidade de Coimbra e seguiu, posteriormente, o curso de Teologia ordenando-se sacerdote . No consenso unânime dos críticos e historiadores da literatura portuguesa “Nova floresta...” é a mais importante obra do Padre Manuel Bernardes. Ela contém, na ordem alfabética dos assuntos (Abstinência, Alegria, Alma, Amizade, etc.): histórias, narrativas morais e apólogos que são, segundo Fidelino de Figueiredo, "verdadeiros modelos da arte de contar com serenidade, equilíbrio, economia, boa ordem e incisão incisiva". António José Saraiva e Oscar Lopes veem a obra "como remate ou apuramento final de um gênero que vem da Idade Média: o exemplo ou conto exemplar, gênero em que a cultura do clero se vivifica ao contacto da tradição folclórica”. (Fonte: Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados - <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/16239#>).

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
7 - Nova Floresta: ou sylva de varios apophtegmas e ditos sentenciosos espirituaes e moraes: com reflexoens, em que o util da doutrina se acompanha com o vario da erudição, assim Divina como humana. Lisboa Ocidental: Oficina de Joseph Antonio da Silva. Tomo I.	1706 (Tomo I)	A mulher prudente, sisuda, e amiga de sua casa é comparada por Salomão à não mercantil, porém nãoo, que de longe traz pão (...). Mas a mulher vã e amiga de enfeites e galas é não que de longe traz a fome; porque a todas as partes do mundo faz desembolsos. Aquela o pão que traz é seu (...) porque sobre ser bem ganhado, é bem conservado. Esta a fome que traz é sua, e de seus filhos, e criados, e escravos; porque quanto se põem no supérfluo, tanto se tira do necessário (p. 181). Outras menções rápidas ao escravo podem ser encontradas nas páginas: 105, 199, 421, 436, 442 e 443.

<p>8 - Nova Floresta: ou sylva de varios apophthegmas e ditos sentenciosos espirituales e morales: com reflexões, em que o útil da doutrina se acompanha com o vario da erudição, assim Divina como humana. Lisboa Ocidental: Oficina de Joseph Antonio da Silva. Tomo II.</p>	<p>1708 (Tomo II)</p>	<p>Emendem-se o consentirem os senhores que seus escravos e escravas aos dias Santos pondo diante um painel de N. Senhora, festejem publicamente a Virgem das Virgens, com bailes, gestos e meneios arriscados até para a imaginação, quanto mais para a vista. E advirta quem tem a seu cargo o bem da República e salvação das almas, que uma alma vale mais que a cabeça de São João Batista: e se com razão estranhemos tanto que o Batista fosse degolado por amor do baile de uma mulher: quanto devemos estranhar, que pelo baile destes escravos se continha a ruína de suas almas e das outras que o vêm (p. 18).</p>
<p>9 - Nova Floresta: ou sylva de varios apophthegmas e ditos sentenciosos espirituales e morales: com reflexões, em que o útil da doutrina se acompanha com o vario da erudição, assim Divina como humana. Lisboa Ocidental: Oficina de Joseph Antonio da Silva. Tomo V</p>	<p>1728 (Tomo V)</p>	<p>XLIII – Do Padre João de Almeida da Companhia de Jesus. Indo um Governador confessar-se com o servo de Deus João de Almeida, ele o recebeu humanamente e o confessou a primeira vez, porém, tornando segunda lhe disse: Senhor, eu sou bom confessor de negros e escravos, e não de Príncipes e Governadores, peço-lhe humildemente me escuse dessa honra (p. 269).</p> <p>LXIV – Do infante D. Luiz, filho do Rei Dom Manoel. Foi este príncipe muito devoto, e dizia com ponderação afetuosa: <i>Que será de mim, se no dia do Juízo, o negro meu escravo me levar o Reino do Céu, e a mim lançarem no abismo?</i> (p.450).</p>

BETENDORF, João Filipe. 1625-1698		
<p>O jesuíta João Filipe Bettendorf nasceu em Luxemburgo, a 25 de agosto de 1625, e faleceu no colégio do Pará, em 1698. Bettendorf graduou-se em artes na Universidade de Tréveris e estudou direito na Itália, entrando para a Companhia de Jesus em 1647. Em 1660, veio servir no Brasil, onde foi missionário, reitor dos colégios do Maranhão e do Pará e Superior da Missão do Pará.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>10 - Compendio da Doutrina Christã na Lingua Portuguesa, e Brasilica. Composto Pelo P. João Filippe Betendorf Antigo Missionario do Brasil e Reimpresso de Ordem de S. Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor por Fr. José Mariano da Conceição Vellozo. Lisboa: Na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, M. DCCC.</p>	<p>1800</p>	<p>Páginas: 103</p> <p>M. Pecam também gravemente os nossos pais, e mães, e senhores, e padrinhos e madrinhas não ensinando ou não fazendo ensinar os seus filhos, os seus escravos, os seus afilhados? (p. 103)</p>

BRITO, Francisco Tavares de.		
Nada conseguimos apurar sobre Francisco Tavares de Brito.		
<i>Menções ao negro e ao escravo</i>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
11 - Itinerario Geografico com a verdadeira descrição dos Caminhos, Estradas, Rossas, Citios, Povoçoens, Lugares, Villas, Rios, Montes, e Serras, que há da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Até as Minas do Ouro. Composto por Francisco Tavares de Brito. Sevilha: Na Officina de Antonio da Sylva, 1732.	1732	<p>Páginas: 20, 21</p> <p>Ao Sul de todas as vilas, vinte e um graus e seis minutos se erigiu esta vila, em umas planícies que convidam, com sua amenidade e frescura, e interior alegria com que dela gozam, ornada de verdes campos que lhe servem de proveitosos pastos, e não menos é enriquecida de lucrosas minas; mas de suma dificuldade, e nem para todos, sem o no inverno; de cujas afluências e enxurradas se aproveitam, indo os negros à gandaia, a que se chama faisqueira, pela falda de um monte de mais que mediana grandeza, todo composto de pedra de recha de ouro, a qual moída com pedaço de ferro, no que mais se desperdiça do que se aproveita por mera incúria, e no tempo seco padece o comum e somente lavram alguns particulares com força de escravos, dando catas nas faldas do dito monte, que são de grande utilidade, e com menos conveniência se dão também por aquela dilatada margem. Umás e outras vezes senão aproveitam, por não poder vencer a muita água que vertem. (pp. 20-21)</p>

		<p>A pouca distância desta vila corre o Rio das Mortes, cujo fundo se sabe é empedrado de ouro, e dele se tirava antigamente o que podia trazer um negro, indo de mergulho arrancar com um almocafre em quanto lhe durava o folgo: agora com novo artifício se tira em canoas, com umas grandes colheres de ferro enxeridas em uma comprida haste de pau, as quais artificioosamente vasam em uns caços de couro cru, que estão pendentés pela parte convexa [...] (p. 21)</p>
--	--	--

CASTRO, Bernardo Pereira de Barredo e.		
<p>O militar Bernardo Pereira de Berredo e Castro nasceu em Beja (Portugal), em data desconhecida, e morreu em Lisboa. Foi oficial de cavalaria, combatendo na guerra da Catalunha, em 1710, e, posteriormente, capitão-geral de Mazagão (atual El Jadida, no Marrocos) e governador do Maranhão (1718-1722).</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>12 - Annaes históricos do Estado do Maranhão, em que se dá noticia do seu descobrimento, e tudo o mais que nelle tem sucedido desde o anno em que foy descuberto até o de 1718: Offerecidos ao Augustissimo monarca D. João V. Nosso Senhor. Escritos por Bernardo Pereira de Berredo do Conselho de S. Magestade, Governador, e Capitão General, que foy do mesmo Estado, e do Mazagão. Lisboa: Officina de Francisco Luiz Ameno, Impressor da Congregação Cameraria da Santa Igreja de Lisboa, 1749.</p>	<p>1749</p>	<p>Páginas: 356, 571, 572, 583, 584, 586, 608. 609</p> <p>Não respondeu cabalmente o sucesso às esperanças de Antônio Moniz porque avançando trinta soldados, logo tomou terra para o descobrimento da campanha, se encontraram dentro de poucas horas com quarenta holandeses que tinham saído da cidade na mesma diligência, informado já o seu governador da desgraça do Itapecuru por notícias de um negro, que sem alguma nossa se salvou a nado no ardor da peleja: porém como estas se comunicaram igualmente aos moradores portugueses, já algum deles (mais venturosos que duzentos, de que fez logo presa a tirania do mesmo comandante) se haviam unido à nossa partida, quando se bateu com a dos inimigos que mais oprimidos do valor, do que do número, ficaram todos degolados. (p. 356)</p> <p>Neste mesmo tempo tinha acrescentado o número dos presos o padre Bartolomeu Galvão da Rocha, e um Tangerino do hábito de Cristo, que se chamava N. Afonso; o qual declarou que fora convidado a casa do eleito juiz do juiz do povo, onde achara Simão da Costa de Sousa, cavaleiro da Ordem de Santiago e o mesmo clérigo Bartolomeu Galvão com outras pessoas que ele não conhecera, por ter ainda pouca assistência daquela cidade: porém que entre todos vendo também um negro a que davam o nome de Antônio de França, deixara logo a tal assembleia, totalmente</p>

	<p>ignorante das negociações que nela se tratavam. (pp. 571-572)</p> <p>Havia concebido o ministério de Portugal que os interesses do Maranhão se não podiam adiantar, sem que as suas drogas se encaminhassem a uma só mão, que fizesse crescer a reputação delas; e para segurar a felicidade deste projeto, ajustou um assento com Pedro Alvares Caldas, e outros negociantes de grossos cabedais pelo longo termo de vinte anos, que não só estancava todas as do país, mas também as fazendas do reino de qualquer qualidade, e negros de toda a Costa de África, que passassem a ele, ficando somente permitida a navegação de todo o comércio aos sócios nesta Companhia de que era caixa e administrador um Pascoal Pereira Janssem, que além de ser homem de muita inteligência no trato mercantil, se tinha criado no mesmo Estado do Maranhão. (pp. 583-584)</p> <p>Contudo sem alteração, que se temesse como perigosa, entrou o novo ano de 1683; mas já se ouviam os clamores dos povos pela escandalosa contravenção das condições do assento, porque a ambição dos contratadores, para melhor encher as suas medidas, não vendia gênero pela pauta dos preços que se não achasse falsificado com gravíssimo dano dos compradores, e de quinhentos negros da Costa de África, pela taxa ajustada de cem mil reis cada cabeça que haviam prometido meter todos os anos em uma e outra capitania, caminhando já para o segundo, nenhum até então se tinha visto nelas o que também não era de menor prejuízo; porém um e outro penetrando mais os moradores do Pará pelo melhor vulto dos interesses, articulavam eles estas mesmas queixas com tal comedimento, que só esperavam o remédio de todas, no que lhes aplicasse a piedade do príncipe cabalmente informado; o que não sucedia nos orgulhosos ânimos do Maranhão, como veremos no seguinte ano; porque na duração deste presente se não encontra outra alguma memória que possa merecê-la nas recomendações da posteridade. (p. 586)</p> <p>Contudo, já experimentava perigosas faltas no respeito público, quando foi socorrido de um novo acidente com grande fortuna; porque entrando</p>
--	--

	<p>naquela baía um navio do estanco com muitas fazendas e duzentos negros de Guiné, ainda sem notícia da comoção do povo, alvoroçado este com os interesses que se lhe prometiam na repartição de toda a carga, como boa preza dos contratadores que se reputavam por inimigos, ratificou a sua obstinação já menos discursivo, do que ambicioso; mas por mais que quis o Beckman lisonjear a sua cobiça com a injustiça posse das suas esperanças, vencido ainda do parecer oposto dos menos orgulhosos, se entregou tudo aos administradores do contrato com ordem só que sem que precedesse a dos governadores, nada se venderia: e chegando logo outra embarcação de inferior lote, também dos assentistas se praticou o mesmo com a sua carga, que era dos mesmos gêneros. (pp. 608-609)</p> <p>Não tardou muito a permissão da venda com a repartição dos negros de Guiné na forma do contrato; mas os governadores dando a entender nela a mais reta justiça distributiva, concebeu o povo do seu procedimento conceito tão contrário, que para o sossegar, já pouco menos comovido, necessitou bem o Beckman de toda a sua indústria revestida de zelo: porém, acabando de conhecer as frouxidões da sua autoridade nas particulares atenções dos sediciosos; porque desenganada a sua cegueira, seguiam quase todos o mesmo desatino só como forçados da desesperação em que os tinha posto a do perdão dele. (p. 609)</p>
--	---

COUTINHO, José Joaquim da Cunha de Azeredo. 1743-1821		
<p>O padre Azeredo Coutinho nasceu na vila de Campos (Rio de Janeiro), em 1743, e morreu em Lisboa, a 12 de setembro de 1821. Formado em cânones pela Universidade de Coimbra, Azeredo Coutinho foi bispo de Pernambuco, de Beja (Portugal) e de Elvas (Portugal) e inquisitor geral do reino, cargo que ocupou até 1820, quando foi extinto o Tribunal do Santo Ofício em Portugal.</p>		
<p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>13- Ensaio Economico Sobre o Comercio de Portugal e suas Colonias Oferecido ao Serenissimo Principe do Brazil nosso senhor e Publicado de Ordem da Academia Real das Siencias pelo seu Socio Joze Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho. Lisboa: Na Oficina da mesma academia, 1794.</p>	<p>1794</p>	<p>Páginas: 11</p> <p>Se ali se estabelecessem boas fábricas de pescarias a imitação das do Algarve, Cines, Cezimbra, etc., seriam sem dúvida de uma riqueza imensa para os proprietários das redes, das salinas, das terras; e de um grande socorro ao menos para a sustentação da marinha de comércio daquelas costas, e dos escravos, principalmente das lavouras. (nota de rodapé número 12, p. 11)</p> <p>§ XIV. Logo é necessário que um tal Estado ou não tenha comércio com as outras nações, e por consequência, que não passe da sua infância que se conserve na sua primeira barbaridade, sem artes, sem luxo, só contente com a simples produção do seu terreno; ou que a maior parte dos seus habitantes sejam escravos, que só vivam do absolutamente necessário para sustentar o luxo da pequena parte dos seus senhores. A história das viagens de todo o mundo nos faz ver constantemente que os Estados que vivem reconcentrados sem o comércio da navegação, ou são totalmente bárbaros, ou vivem na escravidão. (p. 19)</p> <p>Seria bom que até se pusesse uma certa contribuição sobre cada escravo pescador ou marinheiro, e que se desse algum prêmio ou privilégio a cada dono de uma rede, ou de um navio cujos marinheiros fossem todos índios</p>

	<p>domésticos. (Nota de rodapé número 7, p. 39)</p> <p>O clima que produziu os Alexandres e os conquistadores da Ásia, apenas produz hoje humildes escravos do maior déspota do mundo. (p. 57)</p> <p>§ XXIII. Montesquieu para dar uma prova do quanto influi na felicidade do homem o nascer debaixo deste ou daquele clima para ter uma fibra mais ou menos forte; e por consequência para ser, conforme o seu sistema, livre ou escravo, diz que nos países frios reinou sempre a liberdade, por isso que neles a fibra é mais forte; e que nos países quentes reinou sempre a escravidão, porque neles a fibra é mais frouxa. Que as repúblicas e os governos populares, por isso que são de maior liberdade, são mais próprios para os países frios, e pelo contrário as monarquias para os países quentes. (p. 57)</p> <p>A Czarina está premiando todos os dias os seus grandes generais com muitos centos de escravos; e os mesmos Moscovitas até muitas vezes de vendem. (pp. 57-58)</p> <p>Nos Estados meridionais da Europa apenas se ouve falar no nome de escravo. Da mesma sorte a religião protestante, que ele diz ser mais própria para as repúblicas, e a católica romana para as monarquias. (p. 58)</p> <p>§ X. Esta falta porém pode ser suprida em muita parte por aqueles braços que, ou pela barbaridade da África, ou pelos seus crimes deveriam parecer nas pontas das Zagáias; e por isso a conservação dos estabelecimentos de Portugal naquela costa é absolutamente necessária para o Brasil: e suposto Portugal tenha ali perdido alguns, contudo ainda possui muitos, e talvez os melhores para o comércio do resgate dos escravos. (pp. 95-96)</p> <p>§ XI. Na África possui Portugal os fortes de Cacheu, Bissau e outros sobre o riu de Gâmbia, na Costa da Negrícia, onde se faz um importante comércio do resgate dos escravos para se transportarem para a América. Uma colônia</p>
--	--

	<p>em Malagueta na Costa da Guiné. No reino do Congo, onde ha riquíssima minas de ferro, Portugal não só é senhor da capital de São Salvador de Loango, de Embaca, de Cabinda sobre a costa, e de outras partes; mas também de todo o seu comércio com exclusão das outras nações. No reino de Angola da mesma sorte possui São Paulo de Loanda e Benguela. (pp. 96-97)</p> <p>§ XII. Além do grande comércio do resgate dos escravos que faz Portugal na Costa de Angola, tem de mais muitas comodidades, que não tem os estrangeiros; porque os escravos vindos do interior das terras de mais de 100 léguas, chegam a Costa muito magros e muito fracos. O uso dos portugueses é de os fazer curar e nutrir antes de os embarcar, e tomam precauções para que se conservem são a bordo; o que tudo concorre para que morram poucos na travessia da Costa de África para o Brasil. (pp. 97-98)</p> <p>§ XVII. Na costa de Zanfuebár é Portugal senhor da importante e rica praça de Moçambique. O comércio daquela costa está naturalmente ligado com o de Goa; a maior parte das mercadorias que para ali são próprias, se tiram da Índia: as da Europa tem ali pouca saída. O ouro, o marfim, e os escravos que dali se tiram são artigos muito vantajosos na Índia, e por isso os navios de Goa podem aperfeiçoar o sortimento das suas carregações no tempo da sua demora em Moçambique. (p. 101)</p> <p>Além das despesas necessárias ainda se fazem muitas por falta de método na construção das fornalhas das caldeiras, em que se purificam os caldos para o açúcar. E suposto já em alguns engenhos, como vi no Rio de Janeiro se fazem as fornalhas com algum método, formando uma abóbada sobre a qual estão assentadas as taxas dividida em suas parte por um crivo de tijolos, que serve não só para ter sobre si a lenha, que conserva a chama; mas também para dar passagem as cinzas que caem para a parte inferior da abóbada chamada vulgarmente cinzeiro; contudo ainda tem muitas</p>
--	---

	<p>imperfeições que é necessário remediar, para se evitarem os muitos desperdícios de lenhas, dos serviços dos escravos que as cortam e dos bois, que as conduzem. (p. 141)</p> <p>Em qualquer gênero de agricultura um escravo não trabalha mais de doze horas por dia na fábrica de açúcar, trabalha dezoito horas seguidas: este trabalho por sua natureza excessiva abrevia a vida dos escravos, extingue nos pais e nas mães o germe da propagação, a qual, aliás, é um dos maiores socorros para o serviço das mesmas fábricas. V. Labat d. tom. 3. chap. 5. du sucre pag. 209. (nota de rodapé número 8, p. 144)</p> <p>Portugal que primeiro descobriu a Costa de África, ainda hoje conserva as melhores colônias dos resgates dos escravos que lhe produzem braços com menos despesas do que as outras nações. O Brasil está defronte de África, comunicando-se por uma navegação mais breve, e em todos os tempos do ano: o que tudo, dadas as mesmas proporções, produzirá mais em nosso favor uma outra terça parte. (p. 149)</p>
--	--

DEUS, Gaspar da Madre de. 1715-1800		
<p>Frei Gaspar da Madre de Deus ou Gaspar Teixeira de Azevedo nasceu no seio de uma família abastada, na fazenda Santana, próximo à vila de São Vicente, em 1715, e morreu no mosteiro de São Bento, na mesma cidade, em 1800. Estudou no colégio dos jesuítas de Santos e, em 1731, entrou para a Ordem Beneditina, no convento da Bahia. Foi lente do mesmo convento, abade do mosteiro do Rio de Janeiro, abade provincial do Brasil e cronista-mor de sua congregação.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>14 - Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, do Estado do Brazil Publicadas de Ordem da Academia R. das Sciencias por Fr. Gaspar da Madre de Deos, Monge Benedictino, e Correspondente da mesma Academia. Lisboa: Na Typografia da academia, 1797.</p>	<p>1797</p>	<p>Página: 197</p> <p>De tudo fizeram cientes os camaristas ao governador geral, e ao conde de Monsanto, a quem escreveram a seguinte carta memorável pelas verdades que noticiaram ao dito conde: “Por janeiro em companhia das que escreveu Manoel Rodrigues de Moraes, avisamos desta câmara da vila de S. Vicente, como cabeça desta capitania, dando-lhe a V. S. os parabéns da sucessão, e o mesmo tornamos de novo a fazer por esta, já que pessoalmente o não podemos fazer com as pessoas. Juntamente mandamos a V. S. o auto da posse trasladado, e o foral e aviso sobre o regimento de ouvidor, advertindo de mais a V. S. o bem que será alcançar de ElRei uma provisão para os negros, que se Angola vierem a esta capitania, se pagarem os direitos deles em açúcares e fazendas da terra, como passou a vila do Espírito Santo; porque vá em mais aumento a terra, e acudam a ela escravos pela muita mortandade que houve de gentio; pois se impede o imos buscar ao sertão, e não havendo gentio, totalmente se acabará de perder a terra. [...]”(p. 197)</p>

DEUS, Manuel da Madre de. 1724-?		
<p>Frei Manuel da Madre de Deus nasceu na Bahia, em 1724, e morreu em data e local desconhecidos. Professo no convento de Santo Antônio da Vila de Igarassu, em Pernambuco, a 5 de maio de 1745, cedo padeceu de grave moléstia, que não lhe permitiu dar prosseguimento aos seus estudos. Adotou o pseudônimo de Sotério da Silva Ribeiro na sua relação de festa intitulada <i>Summa Triunfal</i> (1753).</p>		
<p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>15 - Summa Triunfal da nova, e grande celebridade do Glorioso, e invicto Martyr S. Gonçalo Garcia: Dedicada, e oferecida ao Senhor Capitão Joze Rabello de Vasconcellos, por seu autor Soterio da Sylva Ribeiro: Com huma Colleção de vários solgedos, e danças, Oração Panegirica, que recitou o Doutissimo, e Reverendissimo Padre Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatam, Religioso Capucho da Provincia de Santo Antonio do Brazil, Na Igreja dos Pardos da Senhora do Livramento, Em Pernambuco no primeiro de Mayo do anno de 1745. Lisboa: Na Officina de Pedro Ferreira, 1753.</p>	<p>1753</p>	<p>Páginas: 5, 37</p> <p>Se assim como aconteceu isto seis anos atrás, viesse neste tempo; nem o orador tivera tanto trabalho em revolver livros esquisitos, e aparar notícias antigas; nem os duvidosos tanta ocasião para a censura; pois com as novas conquistas da Índia aos que dela tem notícia e leem as relações impressas, acharão que todos aqueles povos são nelas tratados por negros. Negro se chama muitas vezes nesses poéticos discursos da Índia o Monsoló e negros são também os Maratas, que hoje ocupam e senhoreiam a cidade de Baçaim, pátria do Beato Gonçalo Garcia: estes negros inda que reproduzidos, não são novamente produzidos ali, nem vieram para a Índia das partes da África, nem “e força que para ser um pardo haja algum de seus pais de ser nacional de África, antes basta que seja de negro a cidade ao meu ver; que podem mais acrescentar os duvidosos? (p. 5)</p> <p>Rodava de quatro por quem tiravam oito homens negros vestidos de fraldões de damasco guarnecidos de rendas: camisas presas nos buchos dos braços: nas cabeças gorras encarnadas e franjas de ouro. (p. 37)</p>

DIAS, Pedro. 1622-1700		
<p>O jesuíta Pedro Dias nasceu na vila de Gouveia (Portugal), em 1622, e morreu na Bahia, em 1700. Entrou para a Companhia de Jesus em 1641, no Rio de Janeiro, e foi superior do colégio de Porto Seguro, reitor do colégio de Santos, procurador dos engenhos de açúcar da Comânia e reitor do colégio de Olinda.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>16 - Arte da Lingua de Angola, e Oferecida a Virgem Senhora N. Do Rosario, May, & Senhora dos mesmo Pretos, Pelo P. Pedro Dias Da Companhia de Jesu. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1697.</p>	<p>1697</p>	<p>*Toda a obra é voltada para a língua falada em Angola. Fala sobre o negro e sobre o escravo, sobretudo nas páginas 10 e 44</p>

DURÃO, José de Santa Rita. 1722-1784

O frei José de Santa Rita Durão nasceu nas proximidades de Mariana (Minas Gerais), em 1722, e morreu na cidade de Lisboa, em 1784. Iniciou seus estudos no colégio dos jesuítas do Rio de Janeiro, mas cedo seguiu para Portugal, onde entrou para a ordem dos Eremitas de Santo Agostinho (1737) e formou-se em filosofia e teologia pela Universidade de Coimbra (1756). Em 1759, querelas religiosas e políticas o fizeram se mudar de Portugal, primeiro para Madri, onde foi confundido com espião e detido, depois para Paris e, finalmente, para Roma, cidade em que fixou residência por mais de uma década. Em 1771, retornou a Portugal e passou a ensinar teologia na Universidade de Coimbra.

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>17 - Caramurú. Poema Epico do Descobrimento da Bahia, Composto por Fr. José de Santa Rita Durão, Da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, natural de Cata-Preta nas Minas Geraes. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, M. DCC. LXXX.</p>	<p>1780</p>	<p>Página: 280</p> <p>Henrique Dias. Negro valerosissimo e comandante dos etíopes, que tiveram grande parte na restauração do Brasil. (p. 280)</p>

FREIRE, Francisco de Brito. 1623-1692

Francisco de Brito Freire nasceu na vila de Coruche (Portugal), por volta de 1623, e morreu em Lisboa, provavelmente em 1692. Militar de carreira, em 1654 comandava, na qualidade de almirante, a esquadra da Companhia do Comércio do Brasil, que impôs a derrota definitiva aos holandeses em Pernambuco. Freire retornou a Portugal pouco depois e atuou como governador da praça de Juromenha, no Alentejo. Entre 1661 e 1664 esteve novamente no Brasil, desta vez para governar a capitania de Pernambuco.

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>18 - Nova Lusitania, Historia da Guerra Brasilica a puríssima alma e saudosa memoria do serenissimo principe Dom Theodoro principe de Portugal, e principe do Brasil, por Francisco de Brito Freyre. Decada primeira. Lisboa, Officina de Joam Galram, 1675.</p>	<p>1675</p>	<p>Páginas: 21, 22, 75, 76, 81, 82, 91, 104, 105, 136, 159, 161, 254, 255, 265, 266, 280, 281, 282, 329, 343, 389, 390, 395, 397, 398, 399, 412, 447, 514 [do PDF], 515 [do PDF]</p> <p>Vivendo em igual distância do mesmo paralelo, aqueles e estes habitantes, uns são vermelhos, outros negros. Deixando o parecer dos que buscam a causa da descendência de Cam, porque foi justo Noé desobediente filho, dizem os professores da filosofia, que nasce da quentura, depois de convertida em natureza. Assim os primeiros homens que na África ou na América degeneraram de brancos foram pelo curso do tempo queimando-se ao ardor do sol, e adquirindo mais cálido e mais intrínseco temperamento. Ainda que o espaço de uma vida não era para mudar de todo a cor, mudou em parte. Vieram depois os filhos destes, em que se transfundiram outros graus de calor mais intenso. Em os netos outros; e outros, e outros mais, em os mais descendentes. Com que tiveram causa bastante para a diferença da dor, conforme o temperamento do clima. Que por ser na Etiópia mais quente, são os negros os de Angola; e por ser na América menos cálido, são vermelhos os do Brasil. (pp. 21-22)</p> <p>Aqui se faz a pescaria notável das baleias; e pode surgir todo o gênero e</p>

Endereço eletrônico: <http://unesp.br/escritos/>

E-mail: projetoescritos@gmail.com

		<p>número de navios. Girando por diversas partes, separa noventa e duas ilhas; corta vários canais; e recebe seis caudalosos rios, um de que se dividem quase infinitos braços, abundantes de saboroso peixe, e navegados de muitas embarcações, para facilitar o áspero serviço dos engenhos. Contam-se ao presente fabricados sessenta e nova de água ou de bois. Nos meses que dura a safra, laureará cada um sete ou oito mil arrobas de açúcar, por meio do perpétuo trabalho de muitos oficiais, e melhor de cem negros que continuam dia e noite a quartos diferentes. Qualquer destes engenhos parece povoação de uma vila, por suas grandes máquinas, igrejas, casas nobres dos senhorios, e chapelões; e as ordinárias dos criados e lavradores: avizinhandos outros lugares de mui perto, por tão largo distrito. (pp. 75-76)</p> <p>O general João Dorth, a quem deixamos com a tormenta desgarrado da armada, sem poder descobrir mais vela alguma, surgiu na Bahia, ganhada já a cidade. De cujo governo, a que vinha destinado de Holanda, tomando agora posse, repreendendo meterem-na nos seus, a tão furioso saco no divino e no humano, como se vieram a destruir e não a conquistar. Ordenou, trabalhando com destros engenheiros, toda a infantaria e muitos negros, outras fortificações mais regulares; e um novo recinto a toda a praça. Que a ativa diligência, suave modo e boa disposição deste cabo, noutras muitas ocasiões lhes haviam adquirido já o aplauso com que se fez lugar entre os mais dignos sujeitos das províncias unidas. (pp. 81-82)</p> <p>Partiu também Pedro Perez com oito naus a cometer a cidade de Luanda, cabeça principal dos reinos de Angola. Ou tomar posto para introduzir o comércio dos negros, sem os quais não podem conservar-se os engenhos se açúcar. Intento que lhe frustrou a cuidadosa diligência do governador Fernão de Sousa; conseguindo só a presa de quatro velas desprevenidas e limitadas, de outubro até dezembro, que o detiveram maiores esperanças em aquela paragem. (p. 91)</p> <p>Em o navio Nossa Senhora da Ajuda, capitão de mar e guerra Gregório Soares Pereira, Estevão de Brito Freyre; o qual tendo grossas fazendas,</p>
--	--	---

	<p>com dois dos melhores engenhos na Bahia, logo que se perdeu aquela praça, fez serviço a ElRei de duzentos negros para ajudarem nas fortificações, ao trabalho dos gastadores. (pp. 104-105)</p> <p>Além de mil novecentos e dezenove soldados, se acharam na praça alguns moradores; seiscentos negros; dezoito bandeiras; duzentas e setenta peças de artilharia; muitas armas e munições; seis navios (porque os mais deitaram a pique os nossos, e fizeram de fogo os holandeses. (p.136)</p> <p>Conhecendo então o Perez, era mais pelo não quererem ouvir, que por deixarem de o entender, largou quarenta e cinco prisioneiros em um navio que tomara de Angola, carregado de negros, e saiu com a armada na volta do mar, o primeiro de abril. (p. 159)</p> <p>Donde mandado o capitão Ruy Calaça Borges, a desalojar esta gente, por Cabo de quatrocentos homens com sete caravelas, achou furto um navio. Livrou este velejado, deixando-nos a chalupa que tinha ido a terra. Em a qual matando os nossos quatro holandeses, e fazendo prisioneiros sete com alguns negros (além de outros que escaparam no áspero cume de um rochedo) destruíram a povoação principiada, com muitas plantas de tabaco e bastimento. (p. 161)</p> <p>Um negro, indigno deste nome, pelo que emendou ao defeito da natureza, o esforço do ânimo, tomando confiança da nossa falta, por ver que tínhamos dado já aos índios armas de fogo e quanto carecíamos de mais gente, se ofereceu ao general com a que pudesse se juntar da sua, para servirem como negros, e pelejarem como brancos. Chamava-se Henrique Dias, e mostrou sempre tanta constância e tal indústria, que entre outras mercês, o despachou ElRei com foro de fidalgo, larga tença, posto de mestre de campo e hábito de Cristo, suprimdo as suas provanças, os seus merecimentos; que lhe fizeram nobre o sangue vil, criando aquele, depois</p>
--	--

	<p>que por tantas feridas esgotou este. Se bem o não estimaram os portugueses, quanto o temeram os inimigos: devendo-se a virtude louvar mais onde se espera menos. (pp. 254-255)</p> <p>Feito agora capitão este negro, de trinta e seis que escolhera para trazer consigo, cresceu brevemente a terço a nova companhia, assentando nela a forros e a escravos. Os quais, por desculparem as necessidades precisas, as coisas indecentes, foram já admitidos na guerra pelos romanos, I. que perdida a batalha de Canas, sem eles se oferecerem os procuraram, comprando do dinheiro público oito mil, que faltos da liberdade própria, serviram a alheia e mereceram depois a sua. Como se concedeu também aos nossos, que restaurado Pernambuco, pagos da fazenda real, ficaram isentos de toda a obrigação em prêmio da vitória. (p. 255)</p> <p>Agradecendo quantos puderam trazer alguns carros, e quarenta negros, além de trinta e cinco homens com suas armas, que lhe ofereceu com a sua pessoa Francisco do Rego, um dos moradores mais nobres a que seguiram outros muitos. (p. 261)</p> <p>Entendeu-se da primeira notícia, chegada confusamente ao Recife, que estava em grande aperto Biman; e puxando por mais de mil infantes, marchou Segismundo a socorrê-lo. Soube Matias de Albuquerque, e despediu os capitães Antônio de Figueiredo e Vasconcelos, Francisco de Almeida Manuel Rebello da Franca, João de Campos e Gamboa, com duzentos homens e trinta e cinco dos seus negros Henrique Dias. Descobriram os contrários; e suprindo a resolução, a desigualdade, degolaram cento e trinta, obrigando-os com muito sangue e maior pressa, a entrarem decompostos em Garassú. (pp. 265-266)</p> <p>Entre tantas e tão estupendas calamidades, podendo-se já reputar a morte pela menor pena dos que morriam, vieram a ter os nossos afligidíssimos paisanos, por menos ímpios os holandeses com este e outros assaltos dos</p>
--	--

	<p>tapuias. Além dos que lhes repetiam continuamente os negros dos Palmares: dos quais para maior clareza, referirei uma breve notícia. (p. 280)</p> <p>Sendo a liberdade o afeto mais natural do coração humano, e tantos os negros cativos que entrarão e entram no Brasil, fugirão e fogem muitos casais para os bosques ermos daquele imenso sertão. Onde opostos à província de Pernambuco, correm os Palmares, que se dividem em maiores e mais pequenos; distantes terra a dentro trinta léguas, por outras tantas de circuito: copiosos de arvoredos e fecundos de novidade; a que juntando-se o trabalho e indústria dos negros nas plantas que lavram, e nas feras que caçam, abundam de sustento em todo ano. (pp. 280-281)</p> <p>Aqui levantando barracas de rama, dizem que habitarão trinta mil pessoas em numerosas, mas não grandes aldeias, a que chamam Mocambos. Acautelados de nos ter por vizinhos, sempre estão prevenidos de veredas ocultas, que abrem a força de machado, entre as brenhas mais densas, para se livrarem melhor da nossa gente, quando os busca em alguns verões, e lhes destrói as sementeiras, e dificulta a água que então se acha daquela banda em poucas partes. Ainda que também os mata e torna a cativar, (principalmente as mulheres e filhos, menos capazes de acompanhá-los nas retiradas) mais dano recebem com os descômodos, que com as armas: por ser tão coberta a campanha, e eles tão destros nela, que metendo-se pelo mato, e sustentando-se de animais e frutas silvestres com a mesma facilidade que largam suas aldeias quando imos, as tornam a ocupar quando voltamos. (p. 281)</p> <p>Conservam piedosa, posto que ridiculamente (culpa mais da ignorância que da maldade) ao rito católico, que entre nós professaram. Mas vagando por donde lhes parece, baixam das suas estâncias, fazendo grande dano, sem recebe-lo, quando sopitos, rebentam dentre as moitas e assolam, roubam e matam fazendas, casas e lavradores. Que para cultivarem paz tão largo, distam alguns a uma, duas e mais léguas dos mais vizinhos. Observando</p>
--	--

	<p>pontualmente estes negros levantados, com os nossos cativos que indo-se de su mesmos para eles ficam livres; e tomando-os, são lá escravos dos que os levam. (pp. 281- 282)</p> <p>Pelo muito que já se padeceu e padece de contínuo, nestes perniciosos assaltos em benefício do seu remédio, apontaremos que como o tempo tem mostrado, apesar das diligências referidas que antes aqueles negros se aumentam que diminuem; parecera melhor impossibilitar-lhes o descanso e o mantimento, com os perseguir pela campanha, largando aos soldados as presas que tomarem. E com os desaninhar dos Palmares, fazendo neles duas povoações de moradores convenientes para assistências e marchas semelhantes. Ou reduzi-los com indústria, dando favor e liberdade a alguns dos que trazemos, para persuadirem os mais que venham lograr seguramente para as almas e para as vidas na escola da nossa doutrina, e no amparo da nossa assistência, o fruto da sua quietação. E sem nenhum receio de tornarem a ser cativos, viverem livres na forma de todos os outros negros seus parentes, alistados no terço de Henrique Dias; que ElRei mandou livrar: e assim lhes constaria, aos olhos dos mesmos senhores, andarem livres. (p. 282)</p> <p>Ultimamente pediu aos moradores mais vizinhos e mais fiéis, buscassem qualquer meio. Para o intentarem em carros, impedia-o o vagar e ruído deles. Em ombros de negros dificultava-o um bando dos contrários, pelo qual concediam liberdade a quantos lhes descobrissem que se metia socorro na praça; e condenava, em pena de vida as pessoas que o fizessem. (p. 329)</p> <p>Agregaram-se para se retirar (sendo das que não se retiraram muito maior o número) quase oito mil pessoas, com imensa quantidade de carruagens, gados e negros; havendo senhor levava consigo mais de trezentos. (p. 343)</p> <p>Encontraram-se no engenho de João Rebello de Lima; e mostraram grande resolução entre tanta desigualdade; até que não se podendo sustentar mais,</p>
--	--

	<p>foram os portugueses rotos com morte de trinta e oito. Em que entraram Diogo Correa, filho de Ruy Barba de Mesquita, o alferes Luís de Abreu, e dezesseis negros que procederam valorosamente ao exemplo de Henrique Dias. (pp. 389-390)</p> <p>O Nassau procurando lograr seguramente a primeira facção em que se empenhava, puxa por quase toda a guarnição das praças. Junta seis mil homens, de que eram quinhentos índios e negros: uns tirados das aldeias; outros pedidos a seus senhores, com que dispõem a jornada por esta forma. (p. 395)</p> <p>Não menos tarde do que confusamente mandou então o Banholo, o tenente de mestre de Campo General Alonço Ximenes de Almiron, e o sargento mor Martim Ferreira da Câmara, com oitocentos soldados; e Dom Antônio Felipe Camarão e Henrique Dias, com trezentos índios e oitenta negros, que era quanto havia em ambos estes troços. (p. 397)</p> <p>O mal que provaram hoje os índios de Camarão, supriram os negros de Henrique Dias. A ele do cotovelo para baixo cortaram o braço esquerdo, e perdeu da sua gente três capitães e o sargento mor. (pp. 398-399)</p> <p>Depois de S. Francisco para Sergipe; e agora de Sergipe para a Bahia. Distâncias que compreendem duzentas léguas. Em muitas das quais a constância abriu caminho por donde a natureza fechou o passo. E tendo sempre maiores dificuldades que vencer; por não serem poucos os retirados a que fugiram, morreram ou furtaram negros, bois e cavalos. Além dos que iam vendendo para acudir ao sustento e obrigação de suas famílias. (p. 412)</p> <p>Destes espias, tomamos um na campanha, que em confessando o referido, fez enforcar o Conde de Banholo com dois negros, por quem Maurício mandava saber quanta infantaria deixávamos a noite de emboscada; e</p>
--	--

		<p>porque parte recebíamos mais dano das batarias. (p. 447)</p> <p>Chamam asas duas barbatanas disformes, que servem como de remos proporcionados a máquina de todo aquele corpo. Encalham-no de preamar, e ficando depois em seco, com passarem de oitenta negros os que começam a abri-lo da parte oposta, nenhum se vê da outra. (p. 514 [do PDF])</p> <p>Fregem-no, e derrete-se nas caldeiras que ardem dia e noite em uma casa, e dissera melhor um inferno, pelo perpétuo fogo, espesso fumo, nocivo fedor, e negros nus, que gateadas as carnes com lavores ou manchas sem ordem de certo barro, para despegarem a grossura, cruzando a todas as partes, em benefício deste trabalho, com ganchos de ferro e instrumentos semelhantes, fazem própria figura de ministros de Satanás ou de almas danadas. (p. 515 [do PDF])</p>
--	--	--

GAMA, José Basílio da. 1741-1795		
<p>O poeta José Basílio da Gama nasceu em São José do Rio das Mortes, atual Tiradentes, em 1741, e morreu na cidade de Lisboa, em 1795. Gama entrou para o colégio dos jesuítas do Rio de Janeiro em 1757, todavia, com a expulsão dos inacianos dos domínios portugueses, seguiu para Roma, onde concluiu seus estudos e vinculou-se à importante Arcádia Romana. Retornou ao Brasil em 1768, por um breve período, mas construiu a sua vida em Lisboa, a maior parte dela sob proteção do marquês Pombal.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>19 - O Uruguay poema de José Basilio da Gama na arcadia de Roma Termino Sipilio dedicado ao ILL.mo e EXC.mo Senhor Francisco Xavier de Mendonça Furtado Secretario de Estado de S. Magestade Fidelissima. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1769.</p>	<p>1769</p>	<p>Páginas: 25, 26</p> <p>Os padres hoje como no primeiro dia sentem perder, e os índios vivem a estes em uma obediência tão cega, que ao presente em este povo estou vendo mandar o padre cura aos índios que se lancem por terra, e sem mais prisão que o respeito levam vinte e cinco açoites, e levantando-se vão dar-lhe as graças e beijar-lhe a mão. Estas pobríssimas famílias vivem na mais rígida obediência, e em maior escravidão, que os negros dos mineiros. (pp. 25-26)</p>

GUSMÃO, Alexandre de. 1629-1724

Alexandre de Gusmão, padrinho e amigo da família do renomado diplomata e escritor Alexandre de Gusmão (seu homônimo), nasceu em Lisboa em 1629 e morreu, recluso e com fama de santo, no seminário de Belém da Cachoeira, na Bahia, em 1724. A sua vida no Brasil começou em 1644, quando se transferiu com a família para a colônia e iniciou os seus estudos na cidade do Rio de Janeiro, ingressando na Companhia de Jesus em 1646. A partir daí, foi longa e profícua a sua vida na instituição. Depois de fazer a profissão solene em 1664, foi Mestre de Noviços, Reitor dos Colégios do Espírito Santo e da Bahia e Provincial por duas vezes. Para além das atividades administrativas na Companhia, Gusmão foi um educador atuante e um escritor bastante ativo, que conseguiu publicar — o que não era tarefa fácil na época — muitas de suas obras, entre as quais duas que experimentaram um relativo sucesso no seu tempo: *História do Predestinado Peregrino* (1682), uma pioneira *novela* escrita no Brasil, que suscitou uma tradução espanhola, publicada na cidade de Barcelona em 1696; e *Arte de criar bem os filhos* (1685), um então bem acolhido manual de educação cristã.

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>20 - Escola de Belem. Jesus nascido no presépio. Dedicado ao patriarca S. Ioseph. Pelo P. Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesu da Provincia do Brazil. Evora: Na Officina da Universidade, Anno M. DCC. XXXV.</p>	<p>1735</p>	<p>Páginas: 89, 90, 99</p> <p>Porém, fazendo-se este sapientíssimo mestre menino para nos ensinar o desprezo do mundo, que outra coisa nos quer dizer, senão que nos iremos de haver neste mundo como se hão os meninos para todas as coisas que o mundo ama e estima? Os meninos, diz S. Basílio de Seleucia, nenhum cuidado tem de riquezas, nem ambição de dignidades; nenhuma glória da geração ou termos da fidalguia; vereis ao pobre e ao rico, ao nobre e ao peão brincarem juntos sem distinção, vereis ao senhor e ao escravo ao colo da mesma ama, e mamando na mesma teta; tanta estimação fazem da peça de ouro, como da peça de latão, e talvez estimam mais o assovio de chumbo, que o trancelim de diamantes, assim tem o homem naquela idade limpo afeto e pura intenção de toda a vaidade. (pp. 89-90)</p>

		<p>Um escravo fugitivo poderá fugir de seu senhor quando o busca, mas de outro escravo fugitivo como ele não; em forma de escravo nasce e como escravo fugitivo te busca, não tens que fugir, nem que temer; homem peccor que, para que não receies engano, também te busca em traje de pecador [...] (p. 99)</p>
<p>21 - Historia do Predestinado Peregrino, e seu irmam precito em a qual de baxo de huma misteriosa parábola se descreve o sucesso feliz do que se há de salvar, & infeliz sorte do que se há de condenar. Dedicada ao peregrino celestial S. Francisco Xavier apostolo do Oriente Composta pello P. Alexandre de Gusmam da Companhia de IESV, da Provincia do Brazil. Evora: Na Officina da Universidade, Anno de 1685.</p>	<p>1685</p>	<p>Páginas: 220, 305, 306</p> <p>Para moderar as demasias do primeiro sentido do gosto, que é um escravo da casa mal criado, me valho das primeiras duas filhas Abstinência e Sobriedade, as quais por meio destas duas criadas, Discrição e Mortificação, moderam as demasias da mesa e da garrafa. (p. 220)</p> <p>Que importa a um escravo trabalhar todo o ano sem cessar, se é contra a vontade de seu senhor. (pp. 305-306)</p>

<p>22 - Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia. Dedicada ao menino de Belém Jesus Nazareno. Composta pelo P. Alexandre de Gusmam, da Companhia de Jesus do Brazil. Lisboa. Na Oficina de Miguel Deslan.</p>	<p>1685</p>	<p>Páginas: 107-109, 227</p> <p>Não menos temerosa é a história seguinte ao mesmo intento. Uma irmã do Santo e Apostólico Varão São Vicente Ferreira concebeu de um seu escravo negro que, atrevida e aleivosamente, com um punhal no peito lhe havia feito força. Vendo-se daquela sorte a triste senhora, temendo a sua desonra e a justa indignação do marido, matou com peçonha o escravo culpado e atrás dele a criança inocente. Confessou seu pecado e arrependida morreu; depois de morta apareceu a seu Santo irmão feita toda uma ascoa (sic) de fogo com um negrinho nas mãos, ao qual comia e vomitava de contínuo com mostras de grande aflição. Admirado o Santo lhe perguntou por sua sorte e o segredo do negrinho: ao que respondeu a defunta que ela estava condenada a penas do Purgatório até o dia do juízo, pelos dois homicídios que havia feito, de pai e filho, e que em pena da morte do filho, que concebera do negro seu escravo, ordenara a Divina justiça que na forma daquele negrinho o estivesse comendo e vomitando até o fim do mundo. Compadecido o Santo das penas de sua irmã, que muito amara, lhe perguntou se havia algum remédio para que ela tivesse alívio de tão intoleráveis tormentos. Ao que respondeu a alma que se ele se afligisse e se sacrificasse por ela, usaria Deus de sua misericórdia, dizendo isto desapareceu a alma, e o Santo fez muitas penitências e disse muitas Missas por ela, depois das quais lhe apareceu gloriosa, dando-lhe as graças porque por suas orações Deus lhe havia condonado (sic) as penas que padecia (pp. 107-109)</p> <p>Quanto ao mentir, diz Aristóteles, ser vício próprio de escravos; deve ser logo muito alheio de meninos bem criados; e se os meninos se costumam de pequenos a mentir, não terão diferença dos escravos (p. 227).</p>
--	-------------	---

HONORATO, João. 1690-1768		
<p>O jesuíta João Honorato nasceu na Bahia, em 1690, e morreu exilado na cidade de Roma, em 1768. Entrou para a Companhia em 1704, com quatorze anos apenas. Foi lente de humanidades, filosofia e teologia em vários colégios da Companhia, vice-reitor do colégio de Olinda, reitor do noviciado da Jequiabaia e do colégio de São Paulo, examinador sinodal e provincial da ordem no Brasil; função que exercia quando foi preso e enviado para Lisboa, onde amargou 7 anos de cárcere antes de exilar-se na Itália.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>23 - Oraçam Funebre nas exequias do illustrissimo, e reverendissimo D. Luiz Alvares de Figueiredo Arcebispo Metropolitano da Bahya celebradas na Cathedral da mesma Cidade ao primeiro de Outubro de 1735. Assistindo o excellentissimo Conde das Galveas Vice-Rey deste Estado como o Senado, e Nobreza de toda a Cidade, em que orou O R. P. M. Joam Honorato da Companhia de Jesus da Provincia do Brazil, Prefeito dos Geraes do Collegio da Bahua, e Theologo do Illustrissimo cabido Sede Vacante. Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca Impressor do Duque Estribeiro Mòr. M. D. CC. XXXVII.</p>	<p>1737</p>	<p>Páginas: 9, 12</p> <p>É que fez este ilustrissimo esmoler, assim que se viu neste arcebispado feito pastor de tantas e tão pobres almas? Digam as mais necessitadas, que são as dos escravos, e falem por elas os confesionários sem perigo do sigilo nesta matéria. (p. 9)</p> <p>Saia já pela porta desta igreja o bom prelado para embarcar-se, e passar a outra freguesia, quando a poucos passos se lhe põem diante um menino, que no aspecto mostrava até de saúde ser pobre, pedindo-lhe que se não fosse sem o crismar: pôs nele os olhos o compassivo prelado, e sem atender mais para a grave comitiva que o acompanhava, e para a boa ocasião de seguir viagem, mandou logo reconduzir o pontifical, que já estava embarcado, e voltando para a igreja, lhe conferiu o sacramento da confirmação, sucedendo-lhe o mesmo com dois pretos escravos na freguesia do Rio das Contas. (p. 12)</p>

ITAPARICA, Manuel de Santa Maria. 1704-1768		
<p>Manuel de Santa Maria Itaparica nasceu na vila de Itaparica, da província da Bahia, em 1704, e morreu em local desconhecido, por volta de 1768. Professou no convento franciscano de Paraguaçu, na Bahia, em 1720, e seguiu vida de pregador e poeta.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>24 - Eustachidos. Poema Sacro, e tragicômico, Em que se contém A Vida de Sto. Eustachio Martyr, Chamado antes Placido, E de sua Mulher, e Filhos. Por hum anonymo, Natural da Ilha de Itaparica, termo Da Cidade da Bahia. Dado á luz por hum devoto do santo. [s.Zs.impr., s.d.].</p>	<p>s.d</p>	<p>Páginas: 20</p> <p>VII.</p> <p>Hum negro arroio em pálida corrente Irado ali se troce tão furioso, Que é no que morde horrífica serpente, E no que infecciona Áspide horroroso: Fétido vapor, negro e pestilente Exala de seu seio tão raivoso, Que lá no centro sempre agonizado De peste, e sombras mostra ser formado. (p. 20)</p>

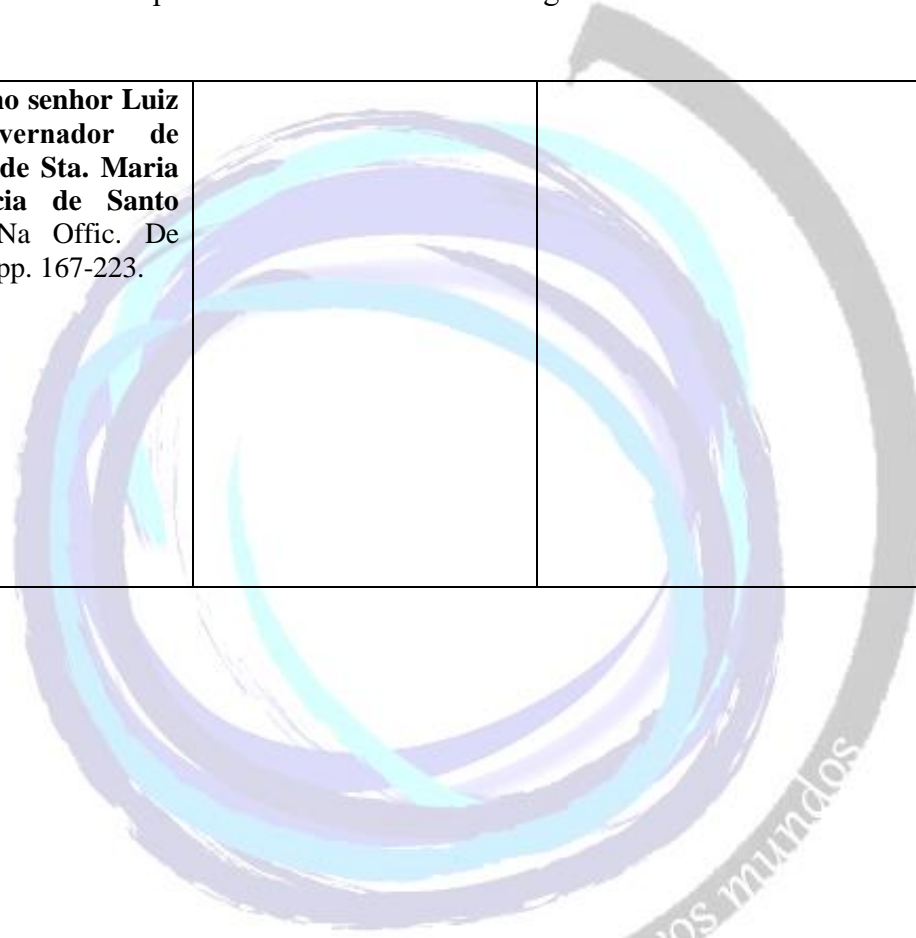
JABOATÃO, Antônio de Santa Maria. 1695-1779

Antônio Jaboatão nasceu na freguesia de Santo Amaro (Recife), em 1695, e morreu em Salvador, na Bahia, em 1779. Religioso franciscano, professo em 1717, Jaboatão iniciou sua carreira no convento de Santo Antônio do Paraguaçu, na Bahia, passando, mais tarde, para o colégio de Pernambuco, onde recebeu ordens e concluiu os seus estudos. Foi mestre de noviços no convento de Igarassu, por duas vezes guardião no convento da Paraíba, secretário do Capítulo, prelado no convento de Santo Antônio (Recife) e cronista da ordem franciscana. Teve uma vida intelectual ativa, participando de pelo menos duas academias, e deixou vasta obra publicada — para os parâmetros da época (século XVIII) e do lugar (Brasil).

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>25- FONTE VII. Nasce do V. 22., e 23 do Cap. 6. Luc. Beati eritis cum vos oderint homines, e cum separaverint vos, & exprobraverint vos, & ejecerint nomen vestrum tamquam malum... Graudete in illa die, & exultate. E com as suas mysticas agoas entra a unir-se com as desta primeira Corrente em hum discurso Historico, Geografico, Genealogico, Politico, e Encomiastico; recitado em a nova celebridade, que consagrarão os Pardos de Pernambuco ao Santo da sua cor: o Beato Gonçallo Garcia, Na sua Igreja do Livramento em Santo Antonio do Recife aos 12 de Setembro do anno de 1745. In: JABOATÃO, Antônio de Santa Maria. Jaboatão Mystico Em correntes sacras dividido. Corrente primeira panegyrica, e moral, oferecida, Debaixo da Protecção da Milagrosa Imagem do senhor Santo Amaro, Venerada na sua Igreja Matriz do Jaboatão,</p>	<p>1758</p>	<p>O sermão trata das cores de pele dos negros e dos pardos a partir do elogio ao santo Gonçalo Garcia.</p> <p>Páginas: 175, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 204, 210, 219</p>

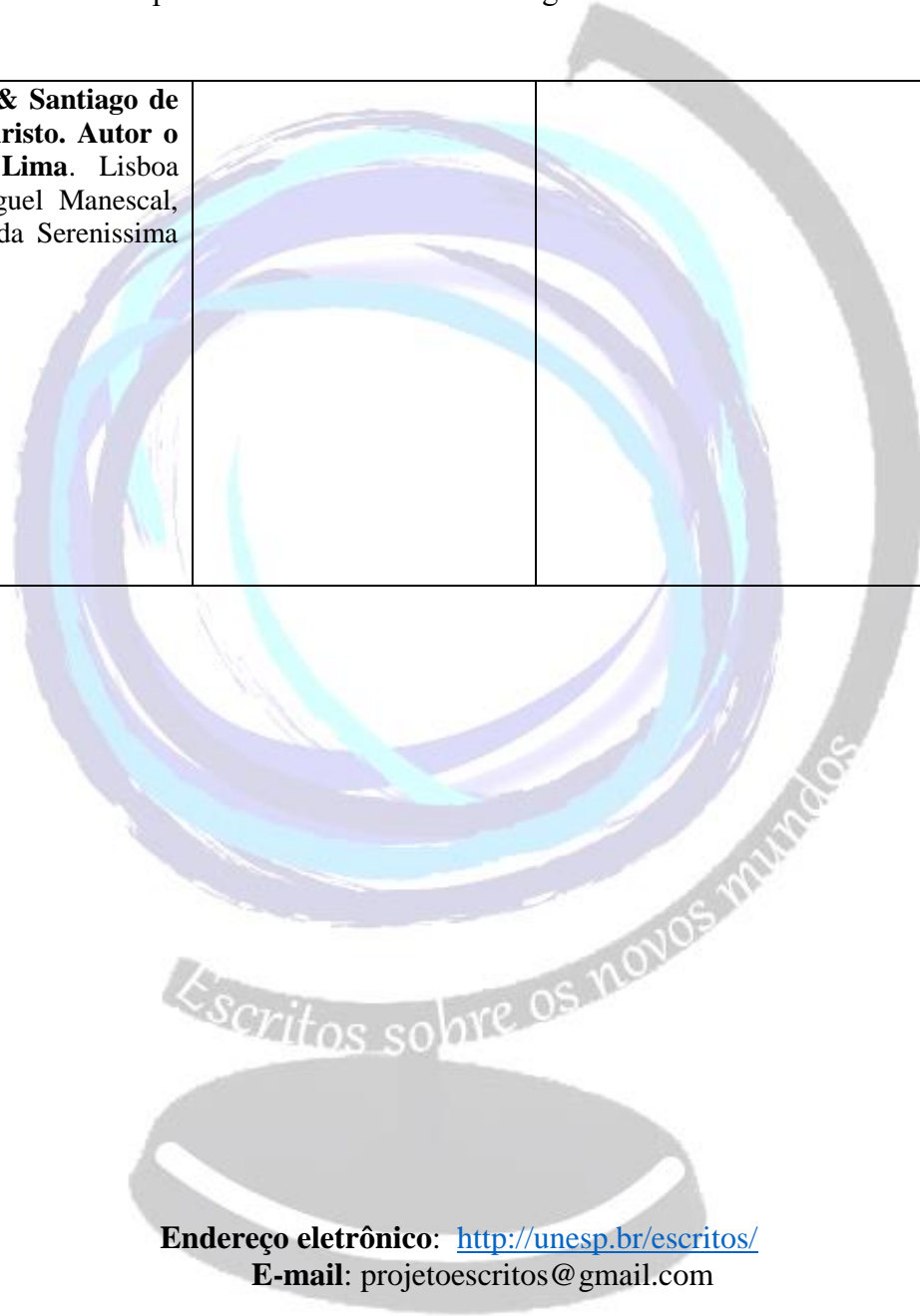
<p>Ao illustrissimo e excellentissimo senhor Luiz Joze Correa de sa', Governador de Pernambuco, por Fr. Antonio de Sta. Maria Jaboatam, Filho da Provincia de Santo Antonio do Brasil. Lisboa: Na Offic. De Antonio Vicente da Silva, 1758, pp. 167-223.</p>		
---	--	--



Escritos sobre os novos mundos

LIMA, João de Brito. 1671-1747		
<p>João de Brito Lima nasceu na cidade da Bahia, a 22 de outubro de 1671, e morreu na mesma cidade, em 1747. Estudou humanidades com os jesuítas e foi capitão de infantaria na Bahia, três vezes vereador do senado da câmara e um dos fundadores da Academia Brasilica dos Esquecidos.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>26- Applausos Natalicios com que a cidade da Bahia celebrou a noticia do Felice primogênito do excellentissimo senhor Dom Antonio de Noronha, Conde de Villa Cerde, do Conselho de Sua Nag. & seu Mestre de Campo General, & Governador das Armas da Provincia de Entre Douro, & Minho, Netto do excellentissimo senhor D. Pedro Antonio de Noronha, Conde, e senhor de Villa-verde, Marquez de Angeja, ViceRey, & Capitão Geral do Estado da India, Mestre de Campo General dos Exercitos de S. Mag. General da Cavallaria da Provincia de Alem-Tejo, & Governador das Armas da mesma Provincia Vedor da Fazenda da repartição do Reyno, & dos Conselhos de Estado, & Guerra do mesmo Senhor; Vice Rey, & Capitão General de Mar, & Terra, & Estados do Brasil; Senhor das Villas de Angeja, Pinheyro, & Bemposta Comendador das Comendas de Santo André de Alzejur da Ordem de Santiago, & da de S. Salvador de Boisos, S. Salvador da Ribeyra de Pena, Santa Maria de</p>	<p>1718</p>	<p>Página: 144</p> <p>De fogo leva garrochões a pares, Em tanta cópia o bruto truculento, Que a sentir tanto fogo o de Fallares, De Perillo maior fora o tormento. O negro bruto envolto em tais pesares, Bramindo desafoga o sentimento, Porém no temor frio mostrou logo Mais alentos de neve, que de fogo. (p. 144)</p>

<p>Alvarega, S. Pedro de Cayde, & Santiago de Pennamacor, da Ordem de Christo. Autor o Capitão Joam de Brito, e Lima. Lisboa Occidental: Na Officina de Miguel Manescal, Impressor do Santo Officio, & da Serenissima Casa de Bragança,1718.</p>		
---	--	--



Endereço eletrônico: <http://unesp.br/escritos/>
E-mail: projetoescritos@gmail.com

LISBOA, Baltazar da Silva. 1761-1840

Silva Lisboa nasceu na Bahia, em 1761, e morreu no Rio de Janeiro em 1840. O carioca mudou-se cedo para Portugal — aos 14 anos —, com o intuito de ingressar na Universidade de Coimbra, onde, mais tarde, tomou o grau de doutor em direito civil e canônico. De volta ao Brasil, nomeadamente ao Rio de Janeiro, fez carreira na magistratura. De suas muitas obras, interessa-nos aqui somente uma, aquela que veio a público antes do desembarque de D. João VI no Rio de Janeiro.

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>27 - Discurso Historico, Politico, e Economico Dos progressos, e estado actual da Filozofia Natural Portugueza, acompanhado de algumas reflexoens sobre o estado do Brazil. Offerecido A sua alteza real o sereníssimo Principe nosso senhor pelo seu muito humilde vassalo Balthazar da Silva Lisboa Doutor em Leis pela Universidade de Coimbra, e Oppozitor aos lugares de Letras. Lisboa: Na Officina de Antonio Gomes. MDCCLXXXVI.</p>	<p>1786</p>	<p>Páginas: 51, 52, 53, 54, 55, 62</p> <p>É excitado o trabalho pelos miseráveis escravos que mal-educados, nus, tiranizados, mortos muitas vezes de fome, como hão de interessar nas fortunas do senhor? Uma melhor educação e trato dos servos pode prosperar a agricultura do Brasil, e deve formar mui interessantes capítulos das leis morais e econômicas, pelas quais se produziriam necessariamente maravilhosas consequências. (pp. 51-52)</p> <p>§ XXXVIII. Deve-se em I lugar geralmente estabelecer o uso de casar os escravos, por quantos os penhores da mulher e filhos os ligarão estreitamente na família do senhor, donde não desejarão sair, nem então jamais prosseguirão nos crimes e excessos das paixões sensuais, e em muitos outros que frequentemente praticam. (pp. 52-53)</p> <p>§ XXXVIII. Não é menos considerável a maneira com que se deve prover a sustentação: praticam ordinariamente os senhores de engenho concederem a cada escravo o dia do sábado, para que consigam pelos trabalhos, que nele exercerem, a sua sustentação e vestuário. (p. 54)</p> <p>§ XXXX. Parece ser portanto aquela constante prática mui alheia da humanidade, e menos capaz de reduzir os escravos a serem amigos e fiéis</p>

	<p>aos seus senhores; que sucederá sem dúvida sendo mais humanizados, sem faltar-se nada a sua conveniente conservação; desterrada a nudez em que vivem; e conduzidos em fim por uma boa moral e prudente econômica dos senhores, ao ponto desejando de que eles cuidem com gosto no aproveitamento e comodidade dos seus senhores. (p. 55)</p> <p>XXXXVII. Contém as costas muito peixe desde outubro até março, que desaparece com a chegada das baleias, e por isso necessitam para a quaresma de bacalhau que vai de Portugal; apesar de que os pescadores dos Ilhéus e Porto Seguro levam a Bahia em suas barcas muitas garoupas, meros secos e verdes; assim como os de Santos ao Rio de Janeiro enchovas, tainhas, etc, e outros a outros portos para o sustento dos escravos e gentes pobres [...] (p. 62)</p>
--	--

LISBOA, Joaquim José da Silva.		
<p>Pouco conseguimos apurar sobre Joaquim José Lisboa; sabe-se que nasceu em Vila Rica, que era alferes e que, em dada altura da vida, se transferiu para Lisboa, onde ainda vivia em 1811.</p>		
<p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>28 - Joquino, e Tamira: versos pastoris de Joaquim José Lisboa, oferecidos ao senhor capitão João Pinto Gonçalves, no Rio de Janeiro. Lisboa: Of. De Simão Thaddeo Ferreira, 1802.</p>	<p>1802</p>	<p>Página: 10</p> <p>Com sanguínea vista impura, Negros Manes consultou, Quatro vezes me observou, Cinco em segredo murmura: Voltando-se então me augura, Sucessos tristes danados, E com os dedos mirrados, Fazendo gestos, me diz, Nunca hás de ter, infeliz, Instantes afortunados. (p.10)</p>

MACHADO, Simão Ferreira.		
Nada conseguimos apurar sobre o lisboense Simão Ferreira Machado.		
<i>Menções ao negro e ao escravo</i>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
29 - Triunfo Eucharístico, exemplar da Christandade Lusitana em publica exaltação da Fé na solemne Trasladação do divinissimo Sacramento da Igreja da Senhora do Rosario, para hum novo Templo da Senhora do Pilar em Villa Rica, Corte da Capitania das Minas. Aos 24. de Mayo de 1733. Dedicado á soberana senhora Do Rosario pelos irmãos pretos da sua irmandade, e a instancia dos mesmos exposto á publica noticia Por Simam Ferreira Machado natural de Lisboa, e morador nas Minas. Lisboa Occidental: Na Officina da Musica, de baixo da protecção dos Patriarchas São Domingos, e São Francisco, M.DCC.XXXIV.	1734	Páginas: 58, 59, 96 Atrás deste, distância de dois passos, vinham a pé oito negros, vestidos por galante estilo: tocavam todos charamelas, com tal ordem, que alternavam as suas vozes com as vozes do clarim, suspendidas umas em quanto soavam outras. (pp. 58-59) Mais atrás distância de dois passos vinham quatro negros cobertos de chapéus agaloados de prata com plumas brancas; vestidos todos de berne; calçados de encarnado. (p. 96)

MAMIANI, Luís Vicêncio. 1652-1730		
<p>O jesuíta Luís Vicêncio Mamiani nasceu em Pésaro, na Itália, em 1652, e morreu em Roma, em 1730. Entrou para a Companhia em 1668 e embarcou para a Bahia em 1684, onde foi auxiliar do Provincial. Retornou para a sua terra natal em 1701.</p>		
<p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>30 - Catecismo da Doutrina Christãa Na Lingua Brasilica da Nação Kiriri Composto Pelo P. Luis Vicencio Mamiani, Da Companhia de Jesus, Missionario da Provincia do Brasil. Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade, 1698.</p>	<p>1698</p>	<p>Páginas: 89, 105</p> <p>Os dias que os índios são obrigados de guardar, e neles ouvir missa (e o mesmo se entende doos negros) são os seguintes. Todos os domingos do ano, o primeiro dia das festas no nascimento do Senhor, da Ressurreição e de Pentecoste: as festas da Circuncisão, da Epifania, da Ascensão e de Corpus Cristi: as festas do Nascimento da Senhora, da Purificação, da Anunciação, e da Assunção, e o dia dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo. Nos outros dias santos podem trabalhar por concessão de uma Bula de Paulo III. (p. 89)</p> <p>D. Em todas as sextas-feiras da Quaresma, e a Vigília do Natal, e da Ressurreição. Nos outros jejuns da igreja basta que os índios não comam carne. (Este privilégio foi concedido do Papa Paulo III aos índios e negros desta América). (p. 105)</p>

MATOS, Francisco de. 1636-1720		
<p>O jesuíta Francisco de Matos nasceu na cidade de Lisboa, em 1636, e morreu na Bahia, em 1720. Entrou para a Companhia de Jesus muito cedo e, em 1652, desembarcou no Brasil e iniciou seus estudos no colégio jesuíta da Bahia, onde, posteriormente, lecionou filosofia e teologia. Em 1674, embarcou para Lisboa e lá se estabeleceu por quase duas décadas. De volta ao Brasil, foi reitor dos colégios jesuítas da Bahia e do Rio de Janeiro, Provincial, Mestre de Novícios, Examinador do Sínodo da Bahia e, por fim, Padre Espiritual do colégio da Bahia.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>31 - Vida Chronologica de S. Ignacio de Loyola, Fundador da Companhia de Jesus, oferecida ao illustrissimo senhor Arcebispo da Bahia Dom Sebastião Monteyro da Vide pelo Padre Francisco de Mattos, da mesma Companhia, & Provincia do Brasil. Lisboa Occidental: Na Officina Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade, 1718.</p>	<p>1718</p>	<p>Página: 264</p> <p>E no fim da dança lhe disseram que se aqueles padres entrassem na cidade, perderia ele todo o fruto do seu zeloso intento, e desapareceram. Não parando aqui, nem o cônego com a sua teima, nem Deus em lhe dar o castigo; outra vez lhe apareceram os demônios figurados em dois negros perros, que com o pesado trato que lhe deram o chegaram as portas da morte. (p. 264)</p>

<p>32 - Dor sem lenitivos dividida Em seis discursos concionatorios, que por Exequias Para honras funeraes da augustissima rainha senhora nossa D. Maria Sofia Isabel, &c. Offerece ao seu real tumulo O P. Francisco de Mattos da Companhia de Jesus, Reytor do Collegio da Bahia. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes, 1703.</p>	<p>1703</p>	<p>Páginas: 326, 328, 329, 331</p> <p>Nem se diga contra a consideração da prudentíssima rainha, que no contrato dos escravos, não é o mesmo gananciar com o trabalho dos seus corpos, que com a sujeição das suas almas. (p. 326)</p> <p>O contrato oferecido a sereníssima rainha, ainda que não foi tentação do demônio, para os escravos perderem os bens espirituais da alma; foi tentação do mundo, para que lhe sujeitasse as forças temporais da alma na venda do corpo. (p. 328)</p> <p>Sabemos nós que, se lhe oferecessem algum contrato em que os escravos livrando do cativo dos corpos, livrassem também por meio do batismo, de outra maior sujeição das almas, abraçaria sem dúvida este contrato [...] (p. 329)</p> <p>E quando o despido pede a vestidura, vó a pedis e nós a damos: <i>cooperuistis me</i>. Isto vinha a dizer a muito judiciosa rainha, rebatendo a tentação do mundo na negociação dos escravos. (p. 331)</p>
--	-------------	--

<p>33 - Palavra de Deos desatada em discursos concionatorios de Doutrinas Evangelicas, Moraes, & Politicas. Primeira Parte oferecida ao glorio Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier por seu Author O P. Francisco de Mattos, da Companhia de Jesus, Mestre dos Noviços no Collegio da Bahia. Lisboa: Por Valentim da Costa Deslandes, Impressor de Sua Magestade, M. DCCIX.</p>	<p>1709</p>	<p>Livro composto por discursos e doutrinas evangélicas organizados por letras. Na letra C, encontramos a palavra “Castigos”, onde há muitas referências aos escravos. (pp. 158-170).Páginas: 165, 166,</p> <p>Porém se acaso eles hoje padecem pelo ódio que tiveram aos seus escravos, e Deus não condenou aos escravos pelo ódio que tivessem a seus senhores; os compreendidos na sentença de não se poder servir no mesmo tempo a dois senhores, foram eles, e nós não. (p. 165)</p> <p>Esta é a resposta dos escravos: suponhamos já feita a mesma pergunta aos senhores, e atentamos a sua resposta. (pp. 165-166)</p> <p>Os nossos escravos tinham um cativo passivo porque eram os pacientes do cativo que neles dávamos: nós os senhores do domínio, e eles os escravos do mando. (p. 166)</p>
---	-------------	--

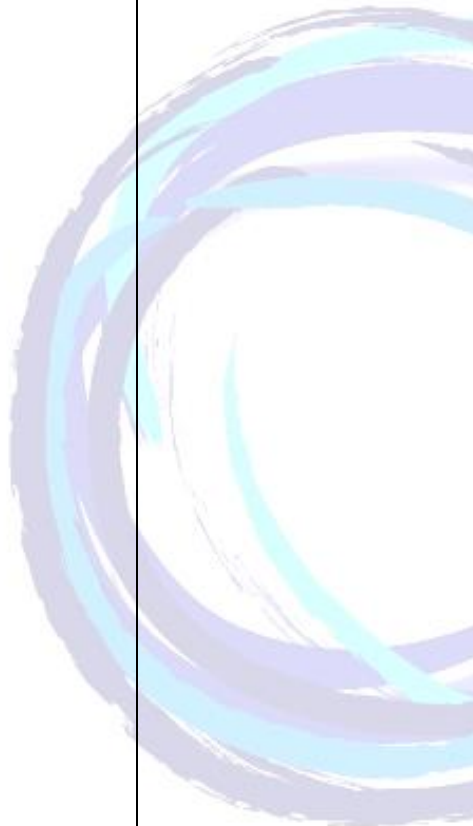
NAVARRO, José Gregório de Moraes.		
<p>Pouco conseguimos apurar sobre o mineiro José Gregório de Moraes Navarro; sabe-se que era formado em leis pela universidade de Coimbra e que exerceu o cargo de juiz de fora em Paracatu (Minas Gerais), onde também foi fazendeiro.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>34 - Discurso sobre o melhoramento da economia rustica do Brazil, pela introdução do arado, reforma das fornalhas, e conservação de suas mattas, &c. Offerecida a sua Alteza Real o Principe do Brazil nosso senhor por José Gregorio de Moraes Navarro, Bacharel formado em Direito Civil, e Juiz de fora, e creador da nova Villa de Paracatú do Principe, por S. Magestade, &c. Publicado por Fr. José Marianno da Conceição Velloso Jubet amor patriae, natura juvat, sub numine crescit. Lisboa. M. DCC. XCIX. Na Of. De Simão Thadeo Ferreira.</p>	<p>1799</p>	<p>Páginas: 14 e 15</p> <p>Aí temos já as grandes povoações cercadas de grandes fazendas para lhes fornecer os gêneros da primeira necessidade por menor preço; ai temos lavradores com 40 escravos, e algumas juntas de bois fazendo o mesmo serviço e conveniência que outros, sem o uso do arado com quatrocentos escravos. (p. 14)</p> <p>Lavradores com 10 escravos e algumas juntas de bois, fazendo o mesmo serviço e conveniência que outros, sem o uso do arado, com quatrocentos escravos. Aí temos os escravos mais contentes, mais sadios, mais duráveis, porque o trabalho é muito mais suave. Aí temos finalmente a terra prodigalizando outra vez as suas riquezas. (pp. 14-15)</p>

NAVARRO, Martin de Azpilcueta (1492-1596)

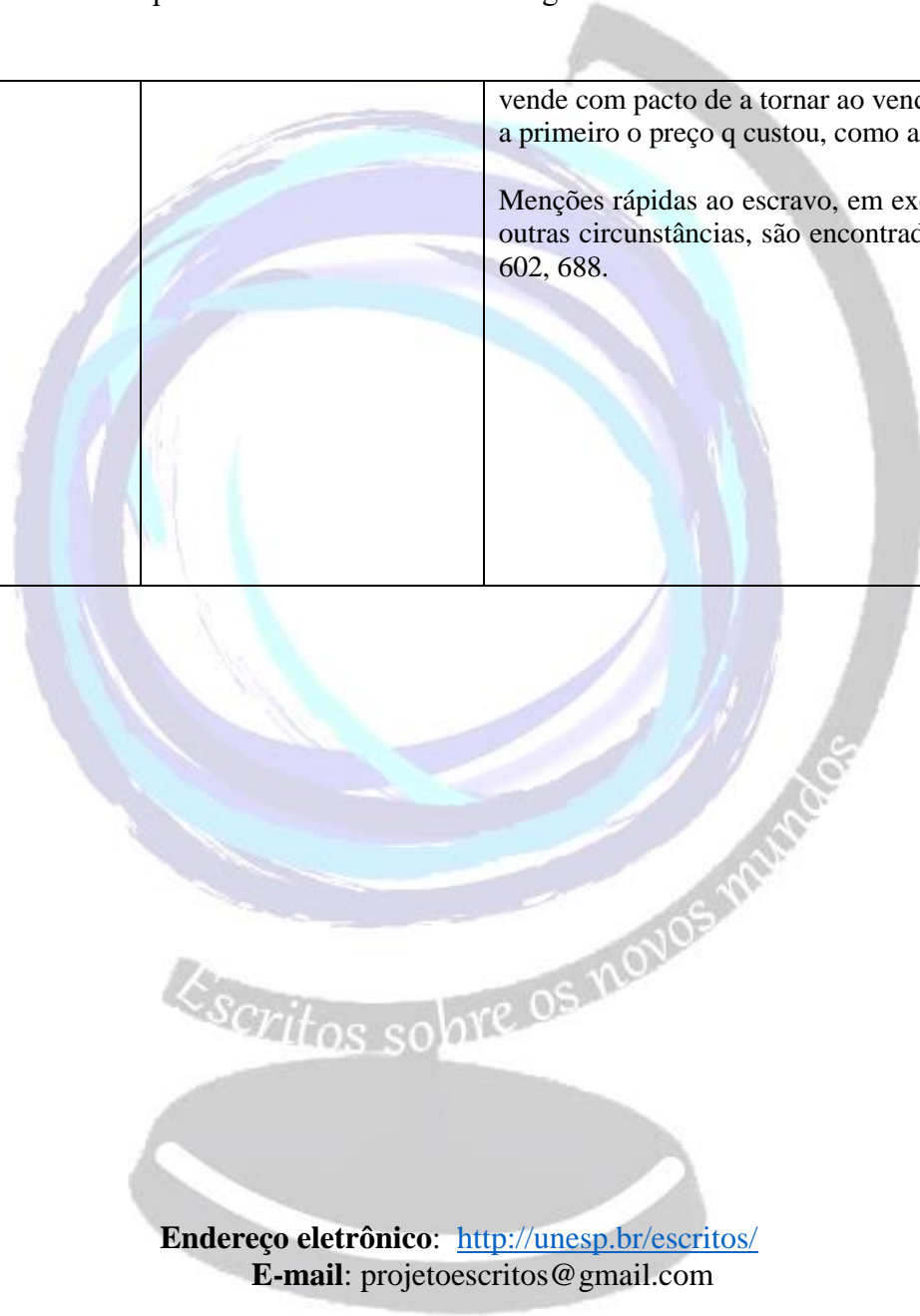
Dominicano nascido em Navarra, Martin de Azpilcueta Navarro foi considerado um dos mais eminentes conhecedores do direito canônico de seu tempo. Doutor em direito Canônico, ensinou em Salamanca e Coimbra (Portugal), atuando, também, como consultor dos Jesuítas.

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>35 - Manual de confessores e penitentes, que clara e brevemente contém a universal decisão de quase todas as dúvidas que em confissões podem ocorrer dos pecados, absolvições, restituições, censuras e irregularidades. Composto pelo muito resoluto e celebrado Doutor Martim de Azpilcueta Navarro. Catedrático jubilado de Prima em Cânones na Universidade de Coimbra. Pela ordem de um pequeno que fez um Padre português da província da piedade. Impresso em Coimbra por Joam de Barreyra. Impressor da universidade.</p>	<p>1560</p>	<p>Dos pecados dos senhores acerca de seus escravos e servidores. Sumário. Senhor peca mortalmente se é negligente para o que convém à salvação de seus escravos e servidores. Se lhe não defendem do julgar, nem os faz confessar, comungar, ouvir missa, e se aos tempos devidos se não procura por saber seus pecados manifestos, se impediu de casar-se a seu escravo (pp. 131-132).</p> <p>Da lei que diz que ainda que contra o dono do animal que mata a um escravo seu senhor tem ação e também o homem livre ferido pelo animal, para que lhe pague a cura e os jornais porém não para que lhe paguem a fealdade que disso lhe fica. Nem tão pouco se o mata segundo a glosa e outras semelhantes a ela. E o mesmo disse Azo e o mesmo mais claro tem Hostiense. Assim que nós resolvemos que quem mata ou fere algum animal bruto do próximo ou escravo é obrigado a restituir o que valia o que matou e ainda a fealdade que disso lhe fica enquanto o faz valer menos (p. 147). OBS. Uma comparação do escravo com uma besta pode ser encontrada na página 449.</p> <p>Se injustamente solta preso (...) Por dívida (...) Se ajuda a fugir, se sendo escravo foge (...) Ainda que seja Cristão em terras de Mouros (p. 211).</p> <p>Se (sendo escravo ou escrava) se casou com livre que não sabia seu estado não vale nada o casamento. Porque ainda que quando o escravo casa com o escravo, cuidando que ela é livre ou se casa com livre cuidando que é escrava vale o</p>

	 <p>Escritos sobre os</p>	<p>matrimônio (...) porém se o livre se casa com escrava ou escravo cuidando que é livre não vale. Dissemos cuidando que é livre porque se sabia que o não era válido o matrimônio e se se casará clandestinamente pode a deixar por sua própria autoridade quanto ao leito e quanto a coabitação. Mas se se casará em face da igreja pode a deixar quanto ao leito mas não quanto a coabitação, senão por sentença da igreja. E pode-se fazer isto ainda que seu senhor depois do casamento o tivesse forro sem o saber o outro e tivesse havido cópula depois de ser livre porque a tal cópula se teve em virtude do primeiro consentimento que foi nenhum ainda que se depois que soube que era escrava consentiu nisso por palavra ou cópula como com sua mulher o marido também vale o matrimônio. E ainda se quando casou lhe tinha tanta afeição que ainda que então soubera a verdade casara.se o livre depois de casar ignorantemente com escrava, sem embargo disso a quer ter por sua mulher e ela não quer não é matrimônio mas constrange-la a igreja a que consinta nesse primeiro se ela ainda se não casou com outro que sabe ela escrava segundo a glosa recebida. A qual mesma diz que o que casa sua escrava com homem livre que cuida que ela também é livre é visto forrá-la. Se o senhor consentiu no casamento do seu escravo ou escrava e depois não lhe dá lugar para pagar p débito à sua mulher. Porque ainda que os escravos quando se casam contra a vontade de seus senhores ficam mais obrigados a obedecer a eles que apagar o débito a suas mulheres: porém se se casam com vontade e consentimento de seus senhores, antes devem pagar o débito conjugal que fazer o que o seus senhores lhes manda. E ainda que depois de casados os possam vender porém não para partes tão remotas que o voto matrimonial se impeça entre eles (...) ainda que seria bem que tão pouco se vendessem para tão longe quando se casam contra a vontade dos senhores porém não são obrigados a isso sob pena de pecado (...) ao menos quando sem seu dano os não podem vender para perto (pp. 381-382).</p> <p>Donde inferimos que o vendedor do tal escravo há de avisar ao comprador a maneira que foi cativado: como também o vendedor do escravo que se fez tal (pelo vendedor seu pai com extrema necessidade) há de avisar disto ao comprador. Porque vale menos pelo privilégio que tem de se poder resgatar por si e por outros contra a vontade de seu senhor como menos vale a herdade que se</p>
--	--	--

		<p>vende com pacto de a tornar ao vendedor, tornando-lhe elle a primeiro o preço q custou, como acima se disse (p. 452).</p> <p>Menções rápidas ao escravo, em exemplos ao lado de filhos outros criados e em outras circunstâncias, são encontradas nas páginas: 78, 327, 339, 356, 373, 483, 602, 688.</p>
--	--	--



NUNES, Feliciano Joaquim de Sousa. 1730-1808		
<p>Feliciano Joaquim de Souza Nunes nasceu no Rio de Janeiro, em 1730, e aí morreu por volta de 1808. Foi almoxarife dos armazéns do Rio de Janeiro e promotor da Academia dos Seletos, que resultou na obra <i>Júbilos da América</i>.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>36 - Discursos Politico-Moraes, comprovados com vasta erudição das Divinas, e humanas Letras, a fim de desterrar do mundo os vícios mais inveterados, introduzidos, e dissimulados, Primeiro Tomo dedicado ao ill.mo e exc.^{mo} Senhor Sebastião José de Carvalho e Mello, Do Conselho de S. Magestade, e Secretario de Estado dos negocios do Reino. &c. &c. por seu author Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, Natural da Cidade do Rio de Janeiro. Lisboa: Na Officina de Miguel Manescal da Costa Impressor do Santo Officio, 1758.</p>	<p>1758</p>	<p>Páginas: 140 e 222</p> <p>Se o pai de famílias deixa aos filhos pobres, e sem estado algum, escravos os constitui do irmão mais velho, ou vendidos os deixa ao testamenteiro simulado; e se lhes deixa riquezas, para se dividirem entre eles depois da morte, delas faz o tirano instrumento com que um ou outro há de ser o verdugo das vidas de seus amados filhos. E assim não pode haver algum discurso prudente, que deixe de estorvar naqueles o delito, e nestes a crueldade. (p. 140)</p> <p>Já solícitos e vigilantes nos inventários dos bens que lhes ficaram de seus pais; já cuidadosos e incansáveis nas suas administrações; e finalmente sempre prontos para o receberem e gozarem; porém nunca deliberados para os entregarem e restituírem; nem ainda da forma que praticarem aqueles dois célebres irmãos, que para se mostrarem inteiros, quebraram um vidro e partiram um vestido, que de seus pais</p>

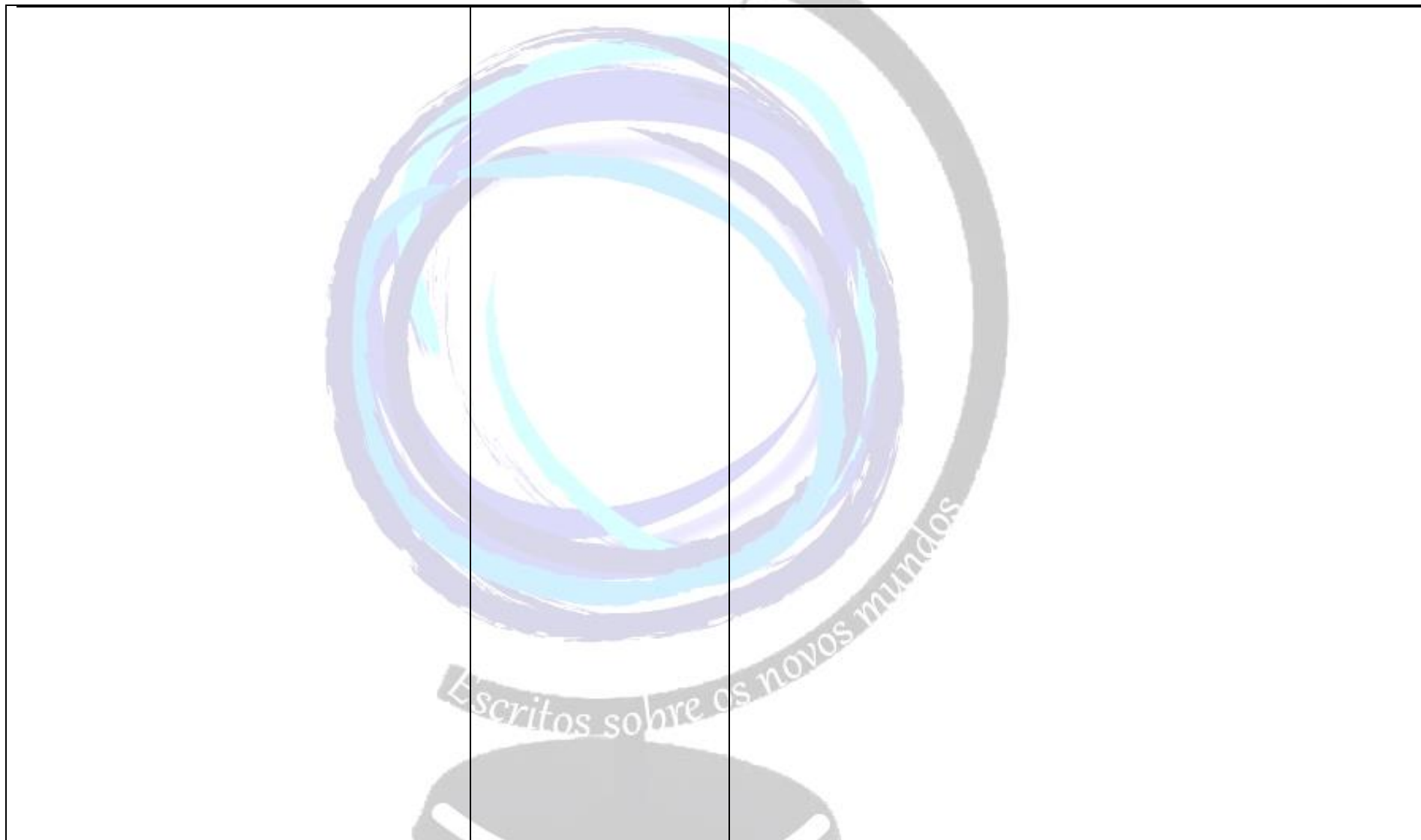
		<p>Ihes ficara, para que cada um levasse a sua parte, vindo ambos a ficar sem nada, porque para nada servia o que levavam ambos; pois tem chegado a tanto a ignorância de tais irmãos maiores, que parece se chegam a capacitar que, assim como os bens do escravo pertencem a seu senhor, por igual título é propriamente dos maiores ou mais velhos o que aos menores ou mais moços pertence. (p. 222)</p>
--	--	--

PEREIRA, Duarte Pacheco (1460?-1533)

De acordo com Alberto da Costa e Silva, no livro *Imagens da África* (2012), Duarte Pacheco Pereira foi um “navegador e cosmógrafo português (1460?-1533). Fez várias viagens à África durante o reinado de D. João II. Há quem sustente que teria chegado ao Brasil em 1498. Foi governador do Forte de São Jorge da Mina, na atual cidade de Elmina, no Gana, de 1509 a 1522. Seu grande livro, *Esmeraldo de Situ Orbis*, deve ter sido escrito entre 1505 e 1508”(p. 83).

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>37 - Esmeraldo de Situ Orbis por Duarte Pacheco Pereira. Edição comemorativa da descoberta da America por Christovão Colombo, no seu quarto centenário. Sob a direção de Raphael Eduardo de Azevedo Basto, conservador do Real Archivo da Torre do Tombo e membro da Comissão Colombina.</p>	<p>1892 Possivelmente escrito entre 1505 e 1508</p>	<p>(...) este Rio foi descoberto por Afonso Gonçalves Baldaya cavaleiro do Infante Dom Henrique que foi seu copeiro e por Gillañes também seu cavaleiro capitães de seus navios que então lá foram no qual fizeram um assalto em que cativaram seis Alarues homens honrados os quais se resgataram por dez escravos negros e por hum pouco d’ouro em pó, os quais negros e ouro foram os primeiros que daquelas partes ao Infante Dom Henrique trouxeram e por isto puseram nome a ele Rio do Ouro (p.41).</p> <p>Conforme o exemplo destacado, quanto à África, na obra referida sempre como Etiópia, há muitas referências sobre onde se podem resgatar escravos e os valores desses resgates, em geral definidos em unidades de cavalos. Páginas: 42, 45, 51, 52, 54, 58, 61, 63, 64, 70, 71, 73, 76 e 84.</p>

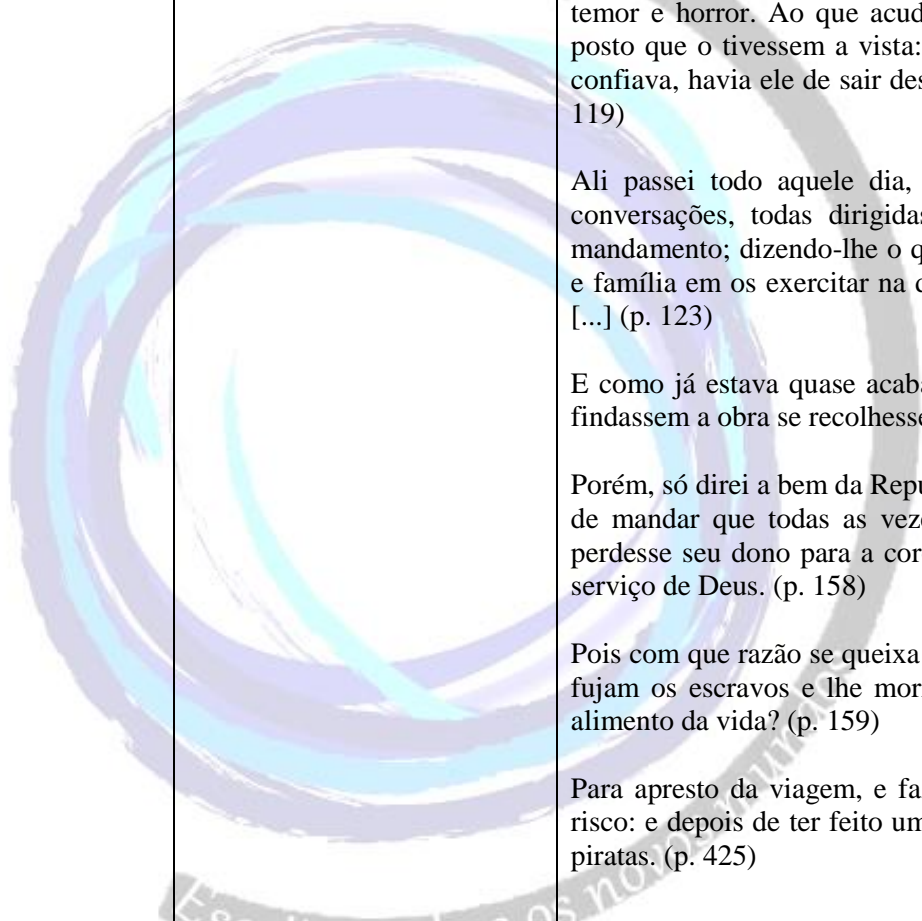


PEREIRA, Nuno Marques. 1652-1731		
<p>Muito pouco se sabe sobre o padre Nuno Marques Pereira, nascido possivelmente em Cairú, nas proximidades de Salvador, em 1652, e morto na cidade de Lisboa, por volta de 1731. Crê-se que tenha cursado direito na Universidade de Coimbra.</p>		
<p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>38 - Compêndio Narrativo do Peregrino da América 6ª Edição completada com a 2ª Parte, até agora inédita, acompanhada de notas e estudos de Varnhagen, Leite de Vasconcelos, Afrânio Peixoto, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon, em dois volumes. Volume II. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1939.</p>	<p>1939</p>	<p>Páginas: 33, 74, 75, 89, 156, 157, 164, 168, 171, 172, 265</p> <p>E seguindo a minha viagem, fui descobrindo verdes e copados arvoredos [...]. Ali almocei, e depois de ter gozado da amenidade do sítio ouvi tropel e brevemente chegou um galhardo mancebo, mui bem vestido, montado a cavalo, com quatro escravos, dois armados e dois com cargas [...] (p. 33)</p> <p>Fomo-nos agasalhando dentro do camarote todos três passageiros com o mestre da sumaca; seriam quatro para as cinco horas da manhã quando ouvimos a um marinheiro da embarcação chamar aos escravos e mais companheiros da obrigação da embarcação que acudissem a cobrir ao fogão e as mais coisas, para que se não molhassem da chuva. (pp. 74-75)</p> <p>Tinha este boticário um escravo, que quando saía fora de casa, o deixava na botica vendendo medicamentos, o qual não sabia ler; chegou um moleque à botica com uma receita, a tempo que me achava eu presente: chamou o preto boticário a um rapaz seu vizinho que lhe costumava ler as receitas, a qual vinha escrita naquela forma que costuma escrever os médicos e cirurgiões [...] (p. 89)</p> <p>E como o vi prostrado por terra, o considerei escarmento da soberba, horror da morte, desengano da vida. E saindo da casa me fui recolher a um convento, de donde despachei a um escravo ladino, que em minha</p>

		<p>companhia trazia, para que com toda a brevidade fosse fazer presente a meu tio o sucesso que me havia acontecido, e que me mandasse por daquele lugar mais distante, antes que a justiça me tomasse o passo. (p. 156)</p> <p>Seriam sete horas da noite, quando chegou um escravo ladino da casa de meu tio com a mina roupa dentro de um baú, e cinquenta mil réis. Prontamente me pus a caminho com o escravo; andamos mais de duas léguas, até que chegamos a casa de um lavrador muito amigo de meu tio, a quem fiz presente o caso que me havia acontecido; deu-me o lavrador um bom cavalo, e matalotagem; e pondo-me outra vez de marcha, toda aquela noite andamos; e assim como amanheceu nos recolhemos ao interior de uma mata onde passei até meio dia, por descansar do desvelo da noite, e do meio dia para a tarde me tornei a por a caminho, retirando-me sempre da estrada por não ser visto de pessoa que de mim e do escravo desse notícia. (pp. 156-157)</p> <p>E como o mercador tivesse uma embarcação que navegava para a Costa da Mina, lhe pedi praça nela, que mui liberalmente me deu, onde me embarquei com uma boa carregação, e dentro de cinco meses voltei ao porto da cidade da Bahia, com dezesseis escravos, com os quais e alguma mais fazenda, fiz um comboio e parti para as Minas do ouro. (p. 157)</p> <p>[...] foi-se valendo de mim o queixoso, até que se me pôs no regaço; levantaram-se as escravas que no estrado estavam cozendo e fazendo rendas e pegando no moleque que trazia a faca, o deitaram pela porta fora; o outro, que junto a mim estava, o mandei por com toda a segurança na porta de seu senhor, por me dizer que era escravo do vizinho mineiro. (p. 164)</p> <p>Chegou-se o tempo consignado, quando estando eu na janela, chegou o mineiro com quatro escravos mui bem armados; pus-me na rua (que já me pudera então considerar a rua da Amargura) e com toda a pressa e cautela chegamos ao porto da cidade [...] (pp. 167-168)</p>
--	--	--

	<p>Quando olhando eu para a cidade, vi as casas onde nasci, e me havia criado, por estarem à vista do mar; e considerando que de um golpe deixava meus pais, parentes e amigos e mais escravos, que me haviam assistido; finalmente a pátria para nunca mais a tornar a ver, começaram a correr de meus olhos desatadas lágrimas que suponho, sem dúvida, que se por aquele meio se não desafogara o meu coração, acabara a vida de um golpe. (p. 168)</p> <p>Chegamos ao em fim ao porto onde ia dirigida a embarcação; acordou o mineiro, saltamos em terra, fez desembarcar por um escravo uma canastra, e levando-me desviada do porto e estrada, me fez entrar em uma gruta de mato, e tirando por uma tesoura, com ela me cortou duas tranças de cabelos, que em uma fita de prata eu levava entrançados; e fazendo tiro com elas, em cima de uma árvore onde ficaram pendentes. (pp. 167-168)</p> <p>Vede agora o como poderia eu ficar à vista de uma tão grande traição que comigo havia obrado o traidor do mineiro, trazendo-me enganada de casa de meus pais com a promessa de se desposar comigo, sendo casado em Portugal; fazendo-se pessoa nobre, sendo filho de um humilde oficial, não possuindo mais bens que três escravos que inda esses os estava devendo a um seu patrício, por lhe haver comprado fiados, como o soube depois de estar em sua companhia, e dos três escravos, uma fêmea, que até essa levava para a lavoura, depois que me trouxe para a casa, tratando-me como serva no serviço de seu uso e ministério. (pp. 171- 172)</p> <p>Perguntou-me o mancebo, que lhe dissesse a que horas costumava sair para sua lavoura? Respondi-lhe que das seis para as sete da manhã. Pois, senhora, (me disse o mancebo) podeis estar pronta e aparelhada, que das oito para as nove horas vos prometo mandar aqui buscar por um escravo com um cavalo, para vos ir levar a casa de um meu amigo que dista daqui oito légoas onde podereis estar segura, sem temor de que sejais ofendida desse vosso contrário, pelo que me tendes manifestado. (p. 172)</p> <p>Houve um clérigo, morador na ilha de Itaparica, muito rico, onde tinha uma</p>
--	---

		<p>grande fazenda com muitos escravos. (p. 265)</p> <p>Houve um clérigo, morador na ilha de Itaparica, muito rico, onde tinha uma grande fazenda com muitos escravos. Este sacerdote, por se considerar culpado pelo seu mau viver, sabendo que tinha chegado um arcebispo a cidade da Bahia, e temendo-se de ser castigado pelo prelado, se resolveu ir pedir a roupeta de Santo Inácio, no Colégio dos Padres da Companhia, e ofereceu aos padres a fazenda que possuía. Com efeito, o aceitaram os religiosos na consideração que era vocação de Deus, tomaram logo posse da fazenda, e trataram de evitar erros, que acharam nos escravos, por estarem alguns amancebados, e outros em várias culpas e vícios por falta de doutrina ; desterrando a uns e vendendo a outros por evitarem semelhantes erros e pecados, em que os acharam compreendidos. (p. 265)</p>
<p>39 - Compendio narrativo do peregrino da America em que se tratam varios discursos Espirituaes, e moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introdusidos pela malicia diabólica no Estado do Brasil. Dedicado à Virgem, da Vitória, emperatriz do ceo, rainha do mundo, e Senhora da Piedade, Mãe de Deos. Autor Nuno Marques Pereira. Lisboa Occidental, Na Officina de Antônio Vicente da Silva. Anno de M.DCC.LXXVIII</p>	<p>1778</p>	<p>Páginas: 19, 59, 68, 118, 119, 123, 131, 158, 159, 425</p> <p>E eu digo, que não só contamina este vício ou mal ao senhor da cada, mas também a mulher, aos filhos e aos mesmos escravos; por ser a morada desta peste infernal em cada dos ricos, e muitas vezes sobre aos palácios. (p. 19)</p> <p>Os escravos não havia quem os acalentasse com saudosas lágrimas e alaridos em som de amor, pelo muito que este zeloso prelado tinha advertido a seus senhores o como os deviam de tratar. (p. 59)</p> <p>Já os escravos se retiraram do trabalho pelo intenso do calor. (p. 68)</p> <p>Senhor, (me disse o morador), já que também me tendes explicado o que eu tanto ignorava, e de que não fazia caso; permiti-me mandar chamar estes escravos a vossa presença: que o demais, com o favor de Deus, em quem confio e adoro, eu o evitarei. (p. 118)</p> <p>Aqui se começou a atemorizar o dono da casa, e os escravos a encher-se de</p>

		<p>temor e horror. Ao que acudi eu, dizendo que não temessem ao inimigo, posto que o tivessem a vista: porque com ajuda de Deus, em que eu tanto confiava, havia ele de sair destruído; pois nada pode sem Deus permitir. (p. 119)</p> <p>Ali passei todo aquele dia, a rogo, e persuasão do morador em várias conversações, todas dirigidas a bom fim, e a propósito deste primeiro mandamento; dizendo-lhe o quanto lhe importava ocupar aos seus escravos e família em os exercitar na doutrina cristã e livrá-los de ruins companhias [...] (p. 123)</p> <p>E como já estava quase acabada a tarefa; disse ele aos escravos que como findassem a obra se recolhessem. (p. 131)</p> <p>Porém, só direi a bem da República, que se eu tivera voto em capítulo, havia de mandar que todas as vezes que se achasse casa alugada a escravo, a perdesse seu dono para a coroa; ou para aquilo que se aplicasse para mais serviço de Deus. (p. 158)</p> <p>Pois com que razão se queixa um homem destes, que assim obra, de que lhe fujam os escravos e lhe morram, faltando-lhes ele com o necessário para alimento da vida? (p. 159)</p> <p>Para apresto da viagem, e fazer uma carregação, pedi duzentos mil reis a risco: e depois de ter feito um bom negócio em escravos, me roubaram uns piratas. (p. 425)</p>
--	---	--

PERIER, Alexandre. 1651-?

O jesuíta italiano Alexandre Perier nasceu em Turim, por volta de 1651. A sua entrada para a Companhia de Jesus ocorreu por volta de 1668 e a sua profissão solene, já no Brasil, em 1686. Durante a sua estada nos trópicos, foi superior dos colégios de Cabo Frio e da Paraíba e Procurador das Missões. Perier, cogita-se, retornou para a Itália em 1715 e ainda estava vivo em 1722. De seus escritos, somente veio a público uma coletânea de discursos morais publicada em Roma, em 1724, e reeditada na cidade de Lisboa — sem as *ridículas estampas* da edição italiana, como determinou a Mesa Censória —, em 1752.

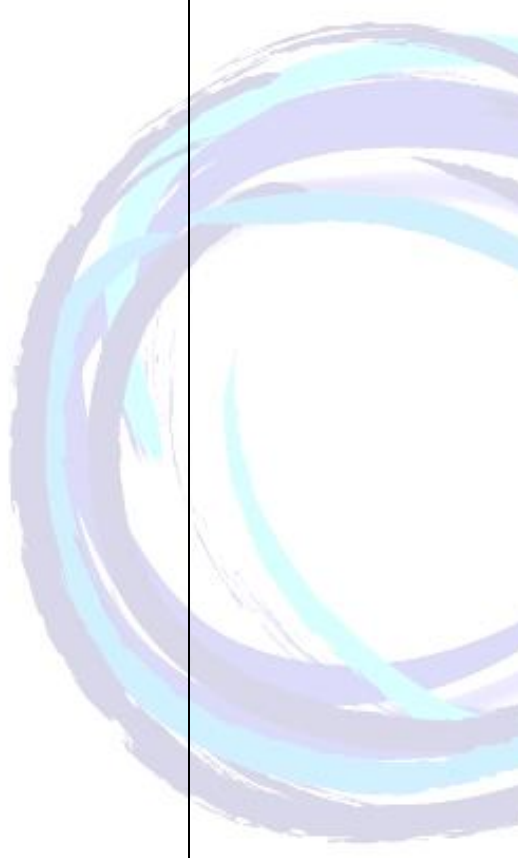
Menções ao negro e ao escravo

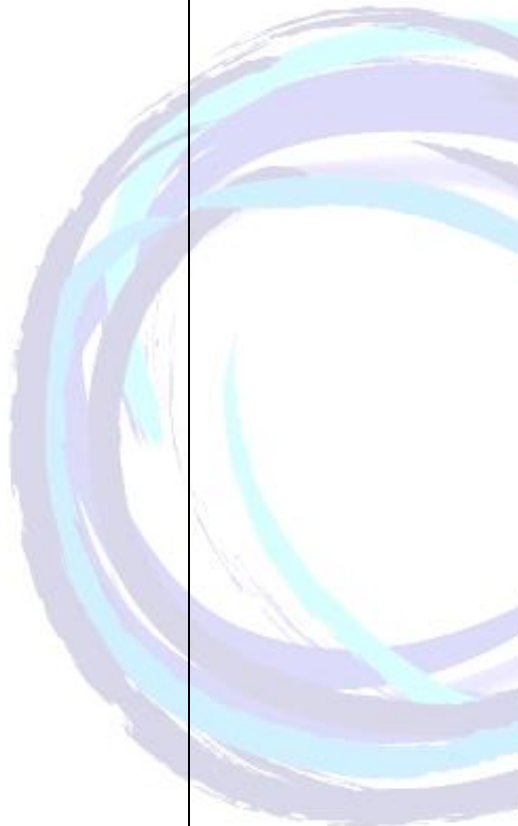
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>40 - Desengano dos pecadores Necessário a todo gênero de Pessoas, Utilíssimo aos Missionários, e aos Pregadores desenganados, que so desejão a salvação das Almas. Obra composta em discursos Moraes pelo padre Alexandre Perier da Companhia de Jesus Missionario da Provincia do Brasil. Roma: Na Officina de Antonio Rofsis, 1724.</p>	<p>1724</p>	<p>Páginas: 116, 142, 143, 184, 188, 189, 207, 210, 211, 212, 213, 228, 229, 264, 346, 347, 375</p> <p>*As interrogações correspondem a trechos que não consegui ler porque a digitalização do documento está ruim. Algumas letras e frases estão cortadas. A edição seguinte, de 1753, está melhor</p> <p>Uma noite, depois de se ter lentamente banqueteadado, disse um deles; assaz temos hoje servido a Baco e a Vênus (e o pior é que assim era), demos graças a Deus. <i>Sat Baccho, libidiniqu[?]datum. Deo gratias agamus.</i> Respondeu um deles. Eu antes darei graças ao Diabo, e parece que todos as havíamos de dar; pois ele a nós e nós a ele lhe fazemos tanto a vontade. <i>Ego Demoni gratias aga[?] & agendum censeo cujus opus agimus.</i> Isto assim dito levantaram-se da mesa, e cada um se foi para o seu aposento, para ir à cama. Estavam se despindo quando ouvem um grande estrondo na porta, a qual aberta logo por si entrou e apareceu um espectro agigantado com um semblante horroroso ([?] este o Demônio), e trazia após de si dois criados de menor estatura, negros e feios, que pareciam seus cozinheiros; pois um levava um grande espeto na mão, e o outro nas costas um feixe de</p>

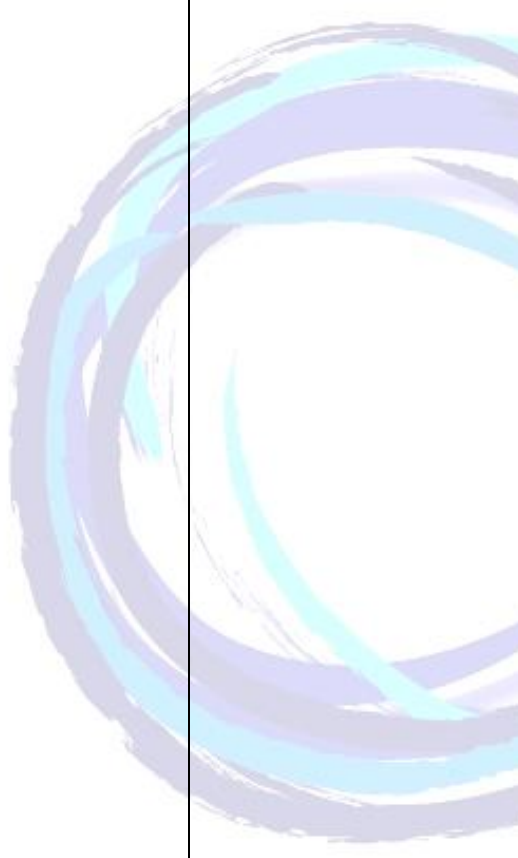
		<p>lenha, cotando os olhos, que lançavam chamas sobre os delinquentes, disse em voz alta e medonha. [?] <i>est, qui mihi gratias egit?</i> Aonde está aquele que me deu as graças? (<i>Discurso V. Do tormento do gostar</i>, p. 116)</p> <p>Nem faltam exemplos na sagrada escritura que provam e confirmam esta doutrina tão recomendada dos Santos Padres. Quando aquela senhora do Egito, mulher de Putisar, convidou ao casto mancebo José, que era seu escravo, para violar a lei conjugal do seu marido; se escusou este com mostr[?] horror a um crime, que era de alta traição contra seu amo e seu senhor. Mas quando viu que as palavras brandas, aos mimos e carinhos, ajuntaram tato, deu-se então logo por perdido, e assim buscou o último e único remédio, que era fugir, pelo que logo deu arranco e fugiu-lhe, deixando-lhe a capa nas mãos. Não há dúvida que José [?] ou bem; mas se pôs em manifesto perigo de perder a reputação, e também a vida, com deixar a ca[?] que, posta em juízo, fazia papel de corpo doo de[?], e servia de prova quase concludente do negro sentado contra sua senhora; e sucedeu assim; que a mulher vendo-se como afrontada e desprezada, temendo que José falasse, o acusou [?] grandes queixas ao marido, o qual demasiadamente crédulo, vendo a capa do servo sobre o seu [?], sem mais interrogação ou processo, não lhe [?] do a ira mais lugar, o mandou meter no fundo de um cárcere, sem nunca mais lembrar-se dele, co[?] se não fosse no mundo [...]. (<i>Discurso VI. Do tormento do tacto</i>, pp. 142-143)</p> <p>Quem fosse visitar as galés de Nápoles, ou de Sardenha, acharia entre aquela chusma de gente três classes de escravos, uns malfetores insignes que a justiça, por aderências, ou algum outro motivo, lhes trocou o patíbulo em ficar condenado um remo perpétuo. Outros tem a sentença por [?] anos, que pela má estância, e pior mantimento, vem reputado o mesmo que em toda a vida; e os crimes são menores, a pena também é só de quatro ou cinco anos. A terceira sorte de escravos são os que chamam voluntários. Acham-se moços vadios, que por não trabalharem, nunca quiseram aprender ofício. Para servir, ninguém quer; porque são conhecidos e inclinados uns a Baco, outros a Vênus, e como lhes falta o [?]nehiro, para</p>
--	--	--

		<p>comprazer aos seus vícios, buscam [?] capitão de uma galé, e pedem-lhe cinco, ou [?] moedas de ouro, e fazem-lhe obrigação por escrito de servirem de escravos na dita galé, por um, dois anos, conforme o contrato entre eles estipulado. Parte a galé, e depois de alguns meses de curso, torna ao seu porto. Quem havia de cuidar que estes forçados voluntários, tendo experimentado o sustento de biscouto negro e duto, com [?] medida de água com bichos, e um fedor intolerável da sentina, pedissem de novo dinheiro para satisfazer a sua paixão que, devendo estar senão morta, ao menos mortificada ressuscita tão faminta, que obriga os miseráveis voluntários a perpetuar-se no cativoiro! (Discurso VII. <i>Do tormento dos soberbos</i>, p. 184)</p> <p>Já amortalhado, e preparando-se o enterro, entraram dois negros agigantados com o seu tridente na mão; e um deles disse com voz medonha: Quem [?] em compra a espada, compra também a bainha. [?] e nos vendeu a sua alma, que já está no inferno, [?] vimos buscar o corpo, porque, como foram companheiros nos gostos, o sejam também nos sofrimentos; e fincando o tridente nas ilhargas do defunto, o carregaram nos ombros, e saindo por uma janela, deixaram aos circunstantes assim [...] o medo, como pelo fedor intolerável, mais [?], que vivos. (<i>Discurso VII. Do tormento dos soberbos</i>, pp. 188-189)</p> <p>Acham-se homens que vivem na opinião de bons católicos, se con [?] e comungam todos os meses; não ouvireis [?] uma palavra que ofenda; frequentam as confrarias; são juízes e mordomos delas; acompanham o venerável aos enfermos, e são de edificação a todos. [?] se os tocais no interesse, os achareis tão pega[?] na sua fazenda, que açoutaram os escravos como [?], só porque quebraram um vidro ou um púcaro de barro, ou porque não acabaram a sua tarefa. (p. 207)</p> <p>Estão muitos negros e negras, uns forros, outros cativos, deitados sobre uma esteira em casebres desamparados de todo, e conhecendo que se lhe chega a hora da morte, cuidam em remédios ou alívios do corpo, mas</p>
--	--	--

		<p>pedem confissão para salvarem as suas almas. [?] algum caritativo à freguesia, acha que o pároco está mal disposto, e que o coadjutor está fora; espera por ele, e lhe responde que vá buscar confessor a algum convento, que ele não pode ir, por uma ocupação precisa. Vai ao convento, e se é noite, acha a corda da campainha amarrada, e não se pode tocar, porque os religiosos repousam; se é de dia, lhe responde o porteiro que os religiosos tem suas ocupações da ordem, que torne ao seu [?] roco, a quem toca por razão do ofício, e de justiça, pois é estipendiado. Entretanto o pobre [?] perdida a fala, e o escravo já espirando, ambos morrem sem confissão. Mas como pode ser isto? Se fosse em outras terras, me calaria; porém nas nossas conquistas e monarquia portuguesa, aonde a Igreja Católica, e o zelo de salvar as almas sobrepunha as mais nações! Não parece crível. E, contudo, assim sucede. Pois com tanto zelo e fervor para salvar a alma de um rico, correm eclesiásticos e regulares à sua casa sem serem chamados, e para [?] miserável escravo, ou para algum pobre ninguém move; todos são ocupados? Sim! Porque como [?] Jeremias. <i>Omnes avaritiae student a Propheta que ad Sacerdotem.</i> O rico tem que deixar, há de fazer testamento, disporá ao menos da sua terça [?] obras pias, lhe farão um enterro suntuoso; [?] um procura, que se enterre na sua igreja; ou [?] alguma capela de missas; outro algum dote para uma parenta orfão ou pobre. <i>Omnes avaritiae stuest. (Discurso VIII. Do tormento dos Aventos, pp. 210-211)</i></p> <p>Quero dar fim a este parágrafo com um caso que sucedeu há mais de trinta anos, em um engenho do mato do recôncavo da cidade da Bahia. Confesso que quando me contaram, e mostraram o lugar, na primeira missão que fiz naquela paragem, me ficou de tal sorte impresso na memória, que me obrigou a escrevê-lo, para que se conheça quanto pode este vício da avareza, ainda em um eclesiástico, quando de pobre e faminto, quer entesourar dinheiros. Chegou na frota dos navios do Porto um sacerdote mal vestido e pior trajado; logo buscou de ser capelão em um engenho. Foi promovido; e o senhor do engenho vendo-o tão pobre e humilde lhe deu um negro para o servir, e um cavalo, para acudir as confissões dos aplicados à</p>
--	--	--

		<p>capela, além do estipêndio de quarenta mil reis, e outros tantos dos seus aplicados, e a missa cotidiana de dois tostões cada dia, que nunca lhe faltava, pois supria o senhor do engenho, para que a dissesse pelas almas dos seus defuntos. Ganhou dois ou três anos para comprar quatro ou cinco escravos, e o senhor do engenho lhe deu um pedaço de terra para plantar canas; rendia o canavial felizmente, e fazendo bom açúcar comprou mais escravos com bois e carro. Vendo-se ele com fazenda, não tratava já das confissões, nem do bem das almas; não falava senão de interesse, e de rendimentos. Toda a sua ocupação era assistir no canavial; ele fazia de feitor e juntamente de escravo, trabalhando com enxada na mão entre eles; porém o sustento era tão limitado, que não podia aturar o serviço; nem ele passava melhor, por [?] vendo os seus fregueses, que já tinha fazenda, [?] lhe mandavam mimos, e ele como avarento pa[?]va miseravelmente por não gastar dinheiro. Chegou finalmente o tempo de gozar do seu trabalho; foi o caso, que carregando o seu açúcar nos carros, para o conduzir ao porto do mar, como o caminho era cheio de lamas, sucedeu ficar o carro mergulhado em um atoleiro, sem que os bois pudessem arrancá-lo; e com a diligência um dos bois ficou também atolado. Quem disse, que os avarentos são cegos disse bem. Oh cegueira inaudita! O sacerdote para não perder o boi, resolveu-se a entrar no lamaceiro; e pondo os ombros de baixo do jugo, dizia com voz alta ao escravo que tinha a aguilh[?] na mão; deixa estar o boi; pica-me a mim; pica-me bem. O escravo pasmado da cegueira de seu senhor, e pela veneração que tinha ao cara[?] sacerdotal, picou o boi com tal violência, que fazendo um esforço para se levantar, deu com uma ponta nas costelas do sacerdote, que lhe estava ilharga puxando de baixo do jugo, que não pode dizer outra palavra senão esta. Ah, que o meu boi me matou! E este foi o ato de contrição que fez; e arrancando o boi vivo, ficou o sacerdote no atoleiro [?] <i>avaritiae student à Propheta usque ad Sacerdotem</i>. Assim vão acabar os avarentos. (<i>Discurso VIII. Do tormento dos Avarentos</i>, pp. 211-213)</p> <p>Tenho conhecido muitos senhores de engenho, e outros lavradores, fazendo uma boa safra de açúcar, ou de tabaco [?] correm logo os credores mui</p>
--	---	--

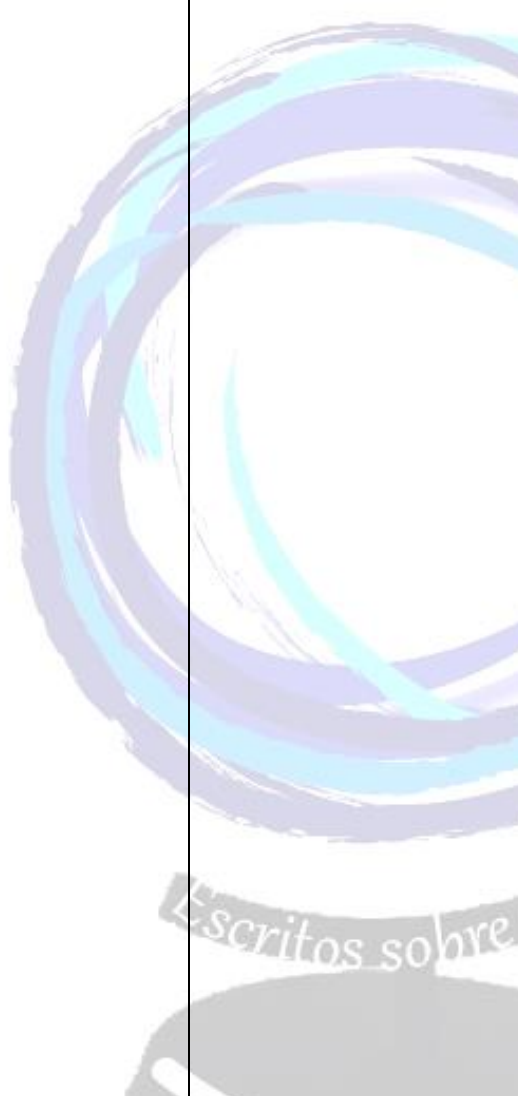
		<p>contentes, [?] promessa, que na frota ficariam sem falta todo [?] satisfeitos. E que fazem os tais devedores? E [?] neles o Demônio fecha bolsas, com acender [?] o desejo de ser mais ricos e discorrem assim. Se pago aos meus credores nesta frota, fico sem vintém: pelo contrário, se eu lhes pagar para [?] frota, que vem, posso com este dinheiro comprar mais dez negros, e estes metidos à trabalhar no canavial, que está devoluto por falta deles, canas prodigiosas, e fará açúcares como diamante [?] e com o rendimento satisfaço aos meus credores e fico sem diminuição, antes com aumento do cabedal, cobrando nome de bom pagador, e [?] de homem verdadeiro e rico. Os mercadores e outros cobiçosos fazem o mesmo negócio [?] reter o alheio discorrendo do mesmo modo. [?] convém a um homem de negócio ficar com a c[?] sem dinheiro; pois o dinheiro é a alma do negócio. Se eu pago agora estas dívidas, fica a cai[?] vazia, e se detenho por este ano o pagamento com o dinheiro que me ficar, posso em um [?]lão comprar um lote de negros, ou uma parti[?] de fazendas secas, e vendendo depois parte d [?] com o ganho de trinta ou quarenta por cento, [?] no a prover a caixa; e com as que ficam mais [?] nos acomodarei os meus credores, dizendo que não haver dinheiro, que ouro é o que [?] vale; e por tanto não deixe de remediar cada [?] a sua necessidade, com as fazendas que ele pe[?] que todas estão à sua ordem. O pobre credor, tem os filhos rotos e despídos; os escravos [?], e necessita de outro par de escravos, para o [?] no seu trabalho, e para lhe carregarem [?] pode de água; estima por favor receber o que dá o mercador ao preço que quer; e por não [?] em uma demanda, perder o tempo e gastar quanto tem, torna à sua casa amaldiçoando tal [?], e diz a mulher e filhos. Paciência! (<i>Discurso VIII. Do tormento dos Avarentos</i>, pp. 228-229)</p> <p><i>Si potest Ethiops mu[?] pellem, aut Pardus varietates: & vos pote[?] benefacere, cum didiceritis malum?</i> Assim como não pode um negro mudar a cor da sua pele, nem um leopardo a variedade das suas cores, assim não [?]xara o pecado um pecador habituado. Todas as águas dos rios e sabão de Europa, lavando um etíope, não o farão branco: donde nasceu o provérbio <i>Ethiopem lavat</i>. Todos os avisos, repreensões, ameaças e castigos não</p>
--	---	---

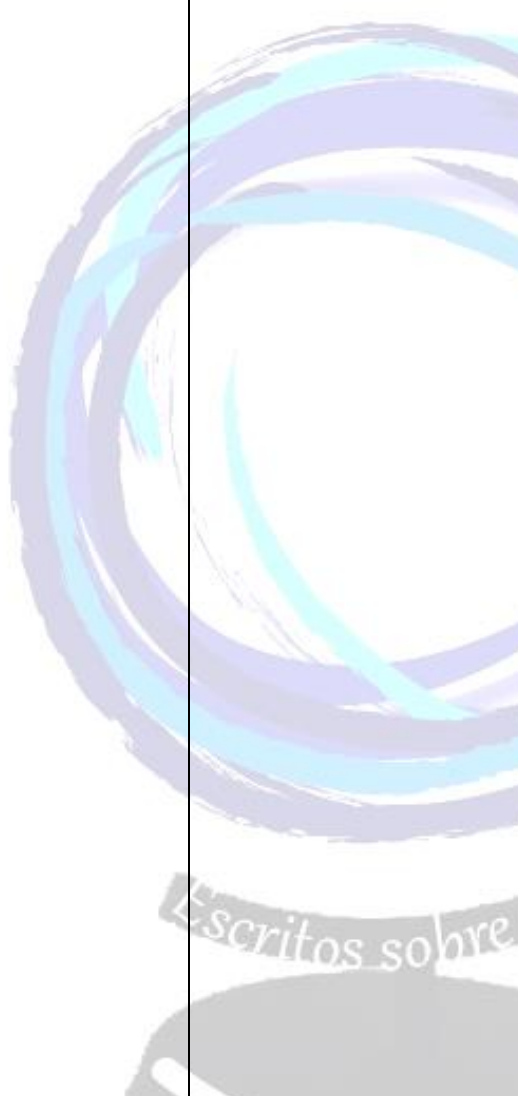
	 <p>Escritos sobre</p>	<p>acabam com um pecador habituado na sensualidade à [?]gar o seu pecado. Mas porque se serve o profeta das duas comparações, do etíope e do pardo? Não bastava a primeira para explicar o [?] tento? Não: porque na segunda se contém uma boa doutrina. As manchas do Leopardo se podem tirar cortando e raspando-lhe todos os cabelos da pele: mas crescendo outra vez os cabelos, [?] não outra vez as manchas. O mesmo sucede e [?] um sensual habituado. (<i>Discurso IX. Do tormento dos Luxuriosos</i>, p. 264)</p> <p>Se o inferno fosse capaz de alguma consolação aqueles gentios, aqueles negros boçais, aqueles índios idiotas e bárbaros, que estão no inferno poderiam dizer. Estamos penando. E que penas! E que dores! E que tormentos tais e tantos, que só quem está aqui, e os padece, pode dar conta deles! E, contudo, não tivemos o lume da fé, nem [?] da a facilidade e cômodo para salvarmos as nossas almas. Tenho perdido a Deus (diria algum deles); mas posso afirmar que quase não o conheci senão com o remorso da sindérese, que me fazia distinguir o bem do mal. Ah, que se eu o tivera conhecido, como os cristão, não estaria nesses tormentos! Confesso na verdade, que tive a graça [?]ciente, para obrar bem, e salvar-me; mas que [?] ito podia fazer esta graça suficiente vivendo eu [?] selvagens, que mais pareciam bestas que homens. Devia seguir a luz da razão, assim é; mas que luzes podia ter um entendimento rude, sem dis[?]; uma razão inculta, sem estudo, sem letras, sem instrução! Ah, que se Deus tivesse permitido, e viesse um missionário e me alumiasse com a doutrina do Evangelho, não estaria agora penando no inferno. Considere agora o pio leitor, que tormento será para um cristão condenado, para um católico que tem vivido no grêmio da Igreja; muito mais se este católico foi nascido e criado em Portugal, que é o reino pela piedade, e [?]reza da fé mais amado de Deus; <i>fide purum, & [?] tate dilectum.</i> (<i>Discurso XII. Do tormento da pena do dano</i>, pp. 346-347)</p> <p>Para bem entender que tormento seja o do verme na consciência, e porque causa Deus o tem escolhido por um dos principais instrumentos da sua ira, para se vingar com mais furor dos seus inimigos, convém saber que não há</p>
--	---	---

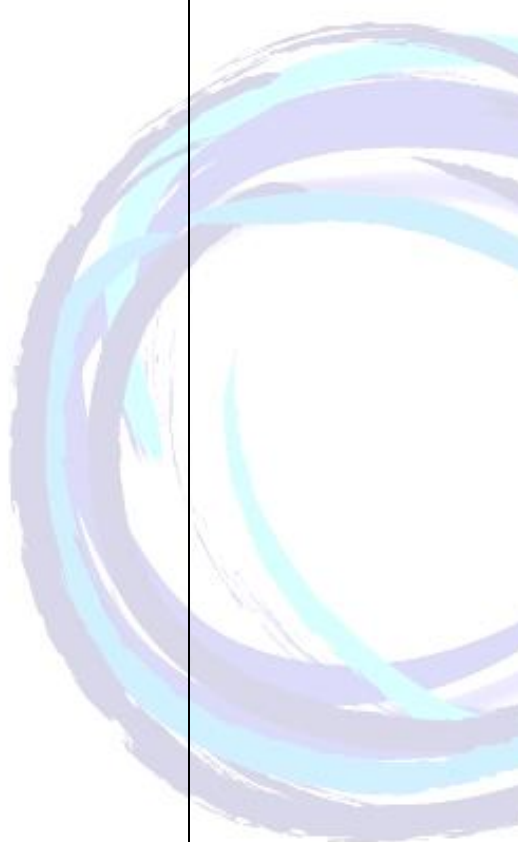
		<p>homem no mundo, que não tenha alguma luz da divindade; e assim por bárbaro e ignorante, que seja um índio ou tapuia do Brasil; por boçal ou selvagem, que seja um negro Mina ou de Angola, sempre terá algum barlume ou alguma inclinação de venerar e temer o seu Tupã o seu Zambi, que nas suas línguas <i>Brazis</i> e <i>Caffres</i> soa o mesmo que Deus, verificando-se o que diz o profeta rei. <i>Signatum est su[?] nos, lumen vultus tui Domine.</i> (<i>Discurso XIII. Do tormento da desesperação</i>, p. 375)</p>
<p>41 - Desengano dos Peccadores, necessario a todo gênero de pessoas, utilissimo aos missionarios, e aos Prégadores desenganados, que só desejão a salvação das Almas. Dedicado ao Serenissimo Senhor D. Manoel, Infante de Portugal. Escrito pelo R. P. Alexandre Perier Da Companhia de Jesus, e Missionario da Provincia do Brasil, Accrescentado com Huma Addiçam de um caso horrivel nesta terceira Impressão, Por Lourenço Morganti, Bibliothecario do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor Patriarcha I. de Lisboa Occidental. Lisboa Occidental: Officina de Antonio Pedrozo Galram, 1735.</p>	<p>1735</p>	<p>Páginas: 116, 142, 143, 184, 188, 189, 210, 211, 212, 213, 228, 229, 264, 346, 347, 375</p> <p>Uma noite, depois de se ter lentamente banqueteadado, disse um deles, assaz temos hoje servido a Baco e a Vênus (e o pior é, que assim era) demos graças a Deus: <i>Sat Baccho, libidinique datum: Deo gratias agamus.</i> Respondeu um deles. Eu antes darei graças ao Diabo, e parece que todos as havíamos de dar; pois ele a nós, e nós a ele lhe fazemos tanto a vontade: <i>Ego Domini gratia ago, & agendum censeo, cujus opus agimus.</i> Isto assim dito, levantaram-se da mesa, e cada um se foi para o seu aposento, para ir a cama. Estavam se despindo, quando ouvem um grande estrondo na porta, a qual aberta logo por si entrou e apareceu um espectro agigantado com um semblante horroroso (era este o Demônio) e trazia após si dois criados de menor estatura, negros e feios, que pareciam ser cozinheiros, pois um levava um grande espeto na mão, e o outro nas costas um feixe de lenha, e botando os olhos que lançavam chamas sobre os três delinquentes, disse em voz alta e medonha: <i>Ubi est, qui mihi gratia egit?</i> Aonde está aquele que</p>

	<p>me deu as graças? (<i>Discurso V. Do tormento do gostar</i>, p. 116)</p> <p>Nem faltam exemplos na Sagrada Escritura que provam e confirmam esta doutrina tão recomendada dos Santos Padres. Quando aquela senhora do Egito, mulher de Putifar, convidou ao casto mancebo José, que era seu escravo, para violar o leito conjugal do seu marido; se escusou este com mostrar horror a um crime que era de alta traição contra seu amo e senhor. Mas quando viu que as palavras brandas, aos mimos e carinhos, ajuntaram o tato, deu-se então logo por perdido, e assim buscou o último e único remédio, que era o fugir; pelo que logo deu um arranco e fugiu-lhe; deixando-lhe a capa nas mãos. Não há dúvida que José obrou bem; mas se pôs em manifesto perigo de perder a sua reputação, e também a vida, com deixar a capa que posta em juízo, fazia papel de corpo do delito, e servia de prova quase concludente do negro atentado contra sua senhora, e sucedeu assim; porque a mulher vendo-se como afrontada e desprezada, temendo que José falasse, o acusou com grandes queixas ao marido, o qual demasiadamente crédulo, vendo a capa do servo sobre o seu leito, sem mais interrogação ou processo, não lhe dando a ira mais lugar, o mandou meter no fundo de um cárcere, sem nunca mais lembrar-se dele, como se não fosse no mundo [...] (<i>Discurso VI. Do tormento do Tacto</i>, pp. 142-143)</p> <p>Quem fosse visitar as galés de Nápoles, ou de Sardenha, acharia entre aquela chusma de gente três classes de escravos, uns malfeitores insignes que a justiça, por aderências, ou algum outro motivo, lhes trocou o patíbulo em ficar condenado um remo perpétuo. Outros tem a sentença por dez anos, que pela má estância, e pior mantimento, vem reputado o mesmo que em toda a vida; e os crimes são menores, a pena também é só de quatro ou cinco anos. A terceira sorte de escravos são os que chamam voluntários. Acham-se moços vadios, que por não trabalharem, nunca quiseram aprender ofício. Para servir, ninguém quer; porque são conhecidos e inclinados uns a Baco, outros a Vênus, e como lhes falta o dinheiro, para comprazer aos seus vícios, buscam o capitão de uma galé, e pedem-lhe cinco, ou seis moedas de ouro, e fazem-lhe obrigação por escrito de</p>
--	---

	<p>servirem de escravos na dita galé, por um, dois anos, conforme o contrato entre eles estipulado. Parte a galé, e depois de alguns meses de curso, torna ao seu porto. Quem havia de cuidar que estes forçados voluntários, tendo experimentado o sustento de biscouto negro e duto, com uma medida de água com bichos, e um fedor intolerável da sentina, pedissem de novo dinheiro para satisfazer a sua paixão que, devendo estar senão morta, ao menos mortificada ressuscita tão faminta, que obriga os miseráveis voluntários a perpetuar-se no cativoiro! (Discurso VII. <i>Do tormento dos soberbos</i>, p. 184)</p> <p>Já amortalhado, e preparando-se o enterro, entraram dois negros agigantados com o seu tridente na mão; e um deles disse com voz medonha: Quem compra a espada, compra também a bainha. Este nos vendeu a sua alma, que já está no inferno, agora vimos buscar o corpo, porque, como foram companheiros nos gostos, o sejam também nos sofrimentos; e fincando o tridente nas ilhargas do defunto, o carregaram nos ombros, e saindo por uma janela, deixaram aos circunstantes assim pelo medo, como pelo fedor intolerável, mais mortos, que vivos. (<i>Discurso VII. Do tormento dos soberbos</i>, pp. 188-189)</p> <p>Acham-se homens que vivem na opinião de bons católicos, se confessam e comungam todos os meses; não ouvireis deles uma palavra que ofenda; frequentam as confrarias, são juízes e mordomos delas, acompanham o venerável aos enfermos, e são de edificação a todos. Porém, se os tocais no interesse, os achareis tão pegados na sua fazenda, que açoítaram os escravos como tiranos, só porque quebraram um vidro ou um púcaro de barro, ou porque não acabaram a sua tarefa: <i>Omnes avaritiae student à minore usque ad maiorem.</i> (p. 207)</p> <p>Estão muitos negros e negras, uns forros, outros cativos, deitados sobre uma esteira em casebres desamparados de todo, e conhecendo que se lhe chega a hora da morte, cuidam em remédios ou alívios do corpo, mas pedem confissão para salvarem as suas almas. Vai algum caritativo à</p>
--	---

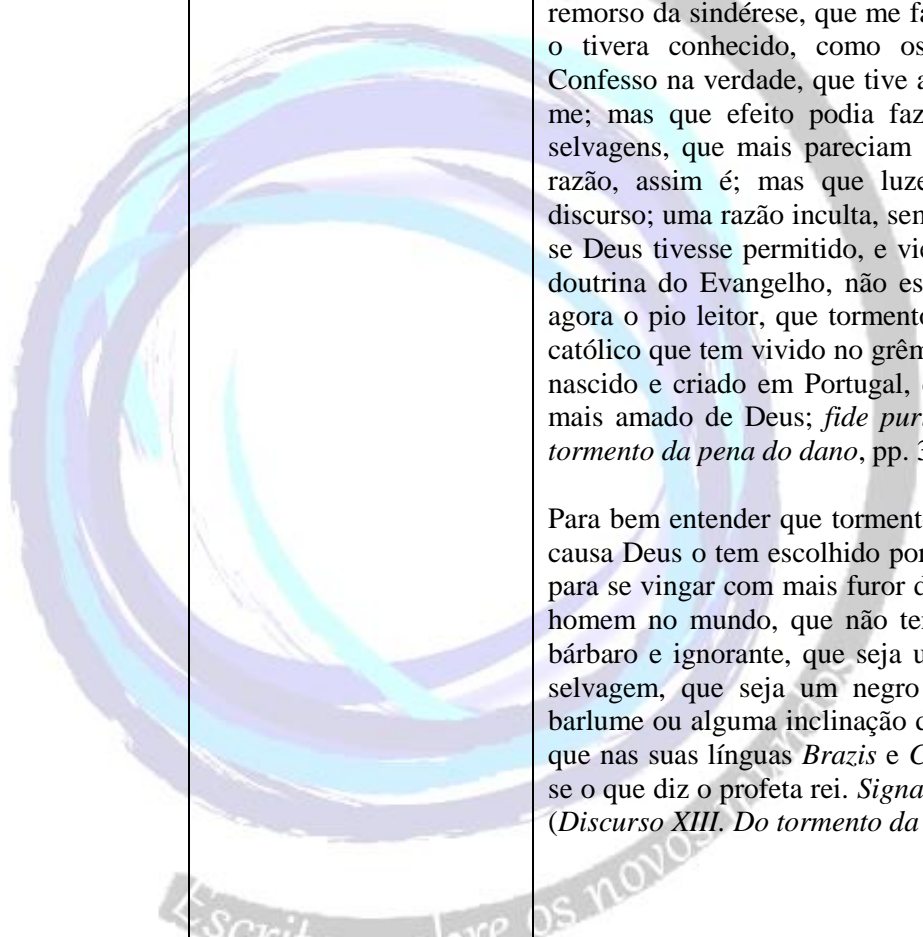
		<p>freguesia, acha que o pároco está mal disposto, e que o coadjutor está fora; espera por ele, e lhe responde que vá buscar confessor a algum convento, que ele não pode ir, por uma ocupação precisa. Vai ao convento, e se é noite, acha a corda da campainha amarrada, e não se pode tocar, porque os religiosos repousam; se é de dia, lhe responde o porteiro que os religiosos têm suas ocupações da ordem, que torne ao seu pároco, a quem toca por razão do ofício, e de justiça, pois é estipendiado. Entretanto o pobre já perdida a fala, e o escravo já espirando, ambos morrem sem confissão. Mas como pode ser isto? Se fosse em outras terras, me calaria; porém nas nossas conquistas e monarquia portuguesa, aonde a Igreja Católica, e o zelo de salvar as almas sobrepunha as mais nações! Não parece crível. E, contudo, assim sucede. Pois com tanto zelo e fervor para salvar a alma de um rico, correm eclesiásticos e regulares à sua casa sem serem chamados, e para o miserável escravo, ou para algum pobre ninguém move; todos são ocupados? Sim! Porque como diz Jeremias. <i>Omnes avaritiae student a Propheta que ad Sacerdotem.</i> O rico tem que deixar, há de fazer testamento, disporá ao menos da sua terça em obras pias, lhe farão um enterro suntuoso; cada um procura, que se enterre na sua igreja; ou outro alguma capela de missas; outro algum dote para uma parenta órfão ou pobre. <i>Omnes avaritiae stuest. (Discurso VIII. Do tormento dos Aventos, pp. 210-211)</i></p> <p>Quero dar fim a este parágrafo com um caso que sucedeu há mais de trinta anos, em um engenho do mato do recôncavo da cidade da Bahia. Confesso que quando me contaram, e mostraram o lugar, na primeira missão que fiz naquela paragem, me ficou de tal sorte impresso na memória, que me obrigou a escrevê-lo, para que se conheça quanto pode este vício da avareza, ainda em um eclesiástico, quando de pobre e faminto, quer entesourar dinheiros. Chegou na frota dos navios do Porto um sacerdote mal vestido e pior trajado; logo buscou de ser capelão em um engenho. Foi promovido; e o senhor do engenho vendo-o tão pobre e humilde lhe deu um negro para o servir, e um cavalo, para acudir as confissões dos aplicados à capela, além do estipêndio de quarenta mil reis, e outros tantos dos seus</p>
--	---	---

		<p>aplicados, e a missa cotidiana de dois tostões cada dia, que nunca lhe faltava, pois supria o senhor do engenho, para que a dissesse pelas almas dos seus defuntos. Ganhou dois ou três anos para comprar quatro ou cinco escravos, e o senhor do engenho lhe deu um pedaço de terra para plantar canas; rendia o canavial felizmente, e fazendo bom açúcar comprou mais escravos com bois e carro. Vendo-se ele com fazenda, não tratava já das confissões, nem do bem das almas; não falava senão de interesse, e de rendimentos. Toda a sua ocupação era assistir no canavial; ele fazia de feitor e juntamente de escravo, trabalhando com enxada na mão entre eles; porém o sustento era tão limitado, que não podia aturar o serviço; nem ele passava melhor, porque vendo os seus fregueses, que já tinha fazenda, não lhe mandavam mimos, e ele como avarento passava miseravelmente por não gastar dinheiro. Chegou finalmente o tempo de gozar do seu trabalho; foi o caso, que carregando o seu açúcar nos carros, para o conduzir ao porto do mar, como o caminho era cheio de lamas, sucedeu ficar o carro mergulhado em um atoleiro, sem que os bois pudessem arrancá-lo; e com a diligência um dos bois ficou também atolado. Quem disse, que os avarentos são cegos disse bem. Oh cegueira inaudita! O sacerdote para não perder o boi, resolveu-se a entrar no lamaceiro; e pondo os ombros de baixo do jugo, dizia com voz alta ao escravo que tinha a aguilhada na mão; deixa estar o boi; pica-me a mim; pica-me bem. O escravo pasmado da cegueira de seu senhor, e pela veneração que tinha ao caráter sacerdotal, picou o boi com tal violência, que fazendo um esforço para se levantar, deu com uma ponta nas costelas do sacerdote, que lhe estava ilharga puxando de baixo do jugo, que não pode dizer outra palavra senão esta. Ah, que o meu boi me matou! E este foi o ato de contrição que fez; e arrancando o boi vivo, ficou o sacerdote no atoleiro morto. <i>Omnes avaritiae student à Propheta usque ad Sacerdotem.</i> Assim vão acabar os avarentos. (<i>Discurso VIII. Do tormento dos Avarentos</i>, pp. 211-213)</p> <p>Tenho conhecido muitos senhores de engenho, e outros lavradores, fazendo uma boa safra de açúcar, ou de tabacos, correm logo os credores mui contentes, pela promessa, que na frota ficariam sem falta todos satisfeitos.</p>
--	---	---

		<p>E que fazem os tais devedores? Entra neles o Demônio <i>fecha bolsas</i>, com ascender-lhes o desejo de ser mais ricos e discorrem assim. Se pago aos meus credores nesta frota, fico sem vintém: pelo contrário, se eu lhes pagar para a frota, que vem, posso com este dinheiro comprar mais dez negros, e estes metidos à trabalhar no canavial, que está devoluto por falta deles, canas prodigiosas, e fará açúcares como diamantes, e com o rendimento satisfaço aos meus credores e fico sem diminuição, antes com aumento do cabedal, cobrando nome de bom pagador, e fama de homem verdadeiro e rico. Os mercadores e outros cobiçosos fazem o mesmo negócio com reter o alheio discorrendo do mesmo modo. Não convém a um homem de negócio ficar com a caixa sem dinheiro; pois o dinheiro é a alma do negócio. Se eu pago agora estas dívidas, fica a caixa vazia, e se detenho por este ano o pagamento com o dinheiro que me ficar, posso em um leilão comprar um lote de negros, ou uma partida de fazendas secas, e vendendo depois parte delas com o ganho de trinta ou quarenta por cento, torno a prover a caixa; e com as que ficam mais somenos nos acomodarei os meus credores, dizendo que não haver dinheiro, que ouro é o que ouro vale; e por tanto não deixe de remediar cada um a sua necessidade, com as fazendas que ele possui, que todas estão à sua ordem. O pobre credor, tem os filhos rotos e despídos; os escravos como nus, e necessita de outro par de escravos, para o ajudarem no seu trabalho, e para lhe carregarem um pode de água; estima por favor receber o que dá o mercador ao preço que quer; e por não entrar em uma demanda, perder o tempo e gastar quanto tem, torna à sua casa amaldiçoando tal homem, e diz a mulher e filhos. Paciência! (Discurso VIII. Do tormento dos Aventureiros, pp. 228-229)</p> <p><i>Si potest Ethiops mutare pellem, aut Pardus varietates: & vos poteritis benefacere, cum didiceritis malum?</i> Assim como não pode um negro mudar a cor da sua pele, nem um leopardo a variedade das suas cores, assim não deixará o pecador um pecador habituado. Todas as águas dos rios e sabão de Europa, lavando um etíope, não o farão branco: donde nasceu o provérbio <i>Ethiopem lavat</i>. Todos os avisos, repreensões, ameaças e castigos não acabam com um pecador habituado na sensualidade à lagar o seu pecado.</p>
--	---	--

		<p>Mas porque se serve o profeta das duas comparações, do etíope e do pardo? Não bastava a primeira para explicar o intento? Não: porque na segunda se contém uma boa doutrina. As manchas do Leopardo se podem tirar cortando e raspando-lhe todos os cabelos da pele: mas crescendo outra vez os cabelos, tornam outra vez as manchas. O mesmo sucede em um sensual habituado. (<i>Discurso IX. Do tormento dos Luxuriosos</i>, p. 264)</p> <p>Eu aqui movido de compaixão e zelo, me sinto inspirado a advertir algumas coisas sobre a tirania e mau tratamento que no Brasil e em outras conquistas do reino de Portugal se usa com os escravos. Oh quantos senhores de engenho, feitores mores e lavradores de fazendas estão no inferno pela crueldade e mau trato que tem dado aos seus escravos! Primeiramente não lhes dão outro vestido mais que aquele que tem Cristo crucificado na cruz, nem modo, nem tempo para o ganhar. Querem cada dia dele o serviço completo, e às vezes sobre as forças e em faltando açoitos sobre açoitos, e não lhes dão o sustento para terem forças para trabalharem. Dizem que lhes dão o domingo livre para plantarem o seu milho, para se sustentarem; e enquanto o milho se planta, nasce e cresce que hão eles de comer? E se Deus ordena que o domingo se guarde e não se trabalhe, com que consciência sois causa de que eles trabalhem. (pp. 297-298)</p> <p>Os escravos que trabalham toda a semana com tanto rigor, quando hão de descansar? Os escravos trabalhando, para se sustentar, no domingo, não pecam porque não podem de outro modo remediar a sua necessidade: mas os senhores que pelo interesse de mais açúcar e tabaco, os metem nesta necessidade, darão estreita conta a Deus e serão rigorosamente castigados, como diz S. Paulo: <i>Paenas dabunt in interitu aeternas</i>. Muito mais é castigarem os escravos e as escravas; estas porque não querem levar tais recados ou porque não querem ou não podem induzir ao pecado. (p. 298)</p> <p>Bem sei que os que assim maltratam os escravos, dão por escusa o seu natural colérico, que por qualquer coisa o seu natural colérico, que por qualquer coisa se ascende em fogo, porém dizem que é fogo de palha, que</p>
--	--	--

	<p>tudo é chama que não dura nada e logo se apaga. (p. 299)</p> <p>Não basta não usar de tiranias e crueldades com os servos e escravos, mas é também necessário não os maltratar de palavra, com injurias e nomes execrandos. É já inveterado o desprezo destes pobres cativos; e não só o senhor, mas qualquer vil feitor quando chama um escravo e este não acode, logo prorrompe em uma torrente de nomes e vocábulos afrontosos e injuriosos; e ainda que os pobres escravos não respondam palavra para evitarem talvez uma tempestade de açoites, sentem, contudo, e deploram a sua infeliz sorte de se verem mais aperreados entre a nação portuguesa que é a flor da cristandade, do que seria entre os mouros de Berberia. E é certo que na Bebéria se usa talvez de maior caridade assim no sustento, como nas enfermidades dos escravos, ao menos pelo interesse do resgate, quando falta a compaixão natural ou outro motivo divino. E o pior é que, raro será o senhor que se confesse destas injurias ditas aos seus escravos, e se algum o fará como por escrúpulo, é sem ânimo de se emendar, lançando sempre a culpa aos mesmos escravos, a cuja malignidade atribuem as suas iras e raivas. (pp. 301-302)</p> <p>Oh, que tormento e confusão de um senhor e de um oficial em ver o seu escravo ou escrava que ultrajou e perseguiu no dia do juízo a mão direita de Deus entre os bem-aventurados, gozando de uma alegria inexplicável, <i>Laetitia inenarrabili</i>; vendo-se a si colocado a mão esquerda, feio e aborrecido de todos como vaso de abominação, esperando a sua final sentença de condenação: <i>Ite maledicti in ignem aeternum</i>. (p. 304)</p> <p>Se o inferno fosse capaz de alguma consolação aqueles gentios, aqueles negros boçais, aqueles índios idiotas e bárbaros, que estão no inferno poderiam dizer. Estamos penando. E que penas! E que dores! E que tormentos tais e tantos, que só quem está aqui, e os padece, pode dar conta deles! E, contudo, não tivemos o lume da fé, nem toda a facilidade e cômodo para salvarmos as nossas almas. Tenho perdido a Deus (diria algum deles); mas posso afirmar que quase não o conheci senão com o</p>
--	---

		<p>remorso da sindérese, que me fazia distinguir o bem do mal. Ah, que se eu o tivera conhecido, como os cristãos, não estaria nesses tormentos! Confesso na verdade, que tive a graça suficiente, para obrar bem, e salvar-me; mas que efeito podia fazer esta graça suficiente vivendo eu entre selvagens, que mais pareciam bestas que homens. Devia seguir a luz da razão, assim é; mas que luzes podia ter um entendimento rude, sem discurso; uma razão inculta, sem estudo, sem letras, sem instrução! Ah, que se Deus tivesse permitido, e viesse um missionário e me alumiasse com a doutrina do Evangelho, não estaria agora penando no inferno. Considere agora o pio leitor, que tormento será para um cristão condenado, para um católico que tem vivido no grêmio da Igreja; muito mais se este católico foi nascido e criado em Portugal, que é o reino pela piedade, e pureza da fé mais amado de Deus; <i>fide purum, & pictate dilectum. (Discurso XII. Do tormento da pena do dano, pp. 346-347)</i></p> <p>Para bem entender que tormento seja o do verme na consciência, e porque causa Deus o tem escolhido por um dos principais instrumentos da sua ira, para se vingar com mais furor dos seus inimigos, convém saber que não há homem no mundo, que não tenha alguma luz da divindade; e assim por bárbaro e ignorante, que seja um índio ou tapuia do Brasil; por boçal ou selvagem, que seja um negro Mina ou de Angola, sempre terá algum barlume ou alguma inclinação de venerar e temer o seu Tupã o seu Zambi, que nas suas línguas <i>Brazis</i> e <i>Caffres</i> soa o mesmo que Deus, verificando-se o que diz o profeta rei. <i>Signatum est super nos, lumen vultus tui Domine. (Discurso XIII. Do tormento da desesperação, p. 375)</i></p>
--	---	---

PILAR, Bartolomeu do. 1667-1733

O carmelita Bartolomeu do Pilar nasceu na vila de Vela, na ilha de São Jorge, no arquipélago dos Açores, em 1667, e morreu em Belém do Pará, em 1733. Pilar entrou para a ordem carmelita em 1687 e estudou no colégio de Coimbra. Transferiu-se para o Brasil na última década do século XVII, tornando-se lente de filosofia e teologia do colégio de sua ordem em Pernambuco. Retornou a Portugal uma vez mais, doutorou-se em teologia e, em 1704, regressou ao Brasil como comissário do Santo Ofício de Pernambuco. Em 1704, foi nomeado bispo de Belém do Pará, cargo que ocupou até a sua morte.

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>42 - Sermam Nas Exequias do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Francisco de Lima Terceiro Bispo de Pernambuco, Celebradas na sua Cathedral de Olinda em 2 de Junho de 170. Que pregou O M. R. P. D. Fr. Bartholomeu do Pilar Religioso de N. Senhora do Carmo da provincia de Portugal, Lente actual na Sagrada Theologia, & Qualificador do S. Officio. Deu-o A Impressa O R. P. Fr. Bernardo dos Anjos Religioso da mesma Provincia, Confessor que foy do sobredito Senhor, & Lente de Moral no Convento do Carmo de Olinda. Lisboa: Officina de Manoel, e Joseph Lopes Ferreyra, 1707.</p>	<p>1707</p>	<p>Página: 19</p> <p>A alguns conventos deu também suas esmolos. Constando-lhe que um homem honrado, mas pobre, não tinha quem o servisse, lhe mandou logo para casa um dos negros que tinha. (p. 19)</p>

PIMENTA, Miguel Dias.		
<p>Pouco conseguimos apurar sobre o médico bracaraense Miguel Dias Pimenta, salvo que exerceu a medicina em Pernambuco.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>43 - Noticias do que he o Achaque do Bicho, Diffiniçam do seu crestameto, subimento corrupção, finaes, & cura até, o quinto grão, ou intensão delle, suas differenças, & coplicações, com que se ajunta. Por Miguel Dias Pimentas, Familiar do S. Officio, & residente no Arrecife de Pernambuco. Lisboa: Na Officina de Miguel Manescal, 1707.</p>	<p>1707</p>	<p>Páginas: 52, 53, 71, 72, 94, 170</p> <p>Todo o sujeito que for de corpo afeminado, cor alvarinha, de fraca compleição, e de estômago fraco, o que destes for sanguinho com mais repetição, o melancólico mais que o fleumático, em os das praças e recolhidos, e mui pouco nos do campo e trabalhados, os que são de condição robusta, fortes e sobre o trigueiro, negros, mulatos e mulheres mui poucas vezes lhe dá este achaque, e quando nestes dá, é mui rijamente, e tal é as vezes a robusteza do sujeito, que dando-lhe o achaque, como nele não faz apreensão, (como também o fará mui poucas vezes nas regiões frias, salvo de verão) por si se vai embora, como já vi sem lhe fazer cura alguma, por se não saber o que era, em cujo caso ninguém se fie. (pp. 52-53)</p> <p>Principiado que seja o achaque do bicho, como do primeiro e segundo grau fica notado, como para passar para o terceiro grau, lhe falte a atividade malignante no calor ou a força para formar a sequidão para seguir seu caminho, muda de substância, cedendo a sua principal para outros vários achaques, donde este chamado dos vulgares impalala é o mais comum, principalmente para aqueles em quem o achaque do bicho não faz apreensão por robustos, quais são os sujeitos trigueiros, mulatos, e ordinariamente nos negros que vem de Angola, no que chegou abanzar, esteve doente, ou por acaso bebeu alguma água salgada, (o pior para este</p>

		<p>achaque ser mais perigoso) ou totalmente emperrou, dizendo que quer morrer. (pp. 71-72)</p> <p>[...] ficará mui fácil de entender o recozimento que fazem os humores a crimoniosos ou envenenados, retidos nas tripas ou ventre inferior, a quem tivera visto, e observado o sempre notável, circuntancioso e apressadíssimo contágio venéfico, que principiou em Pernambuco a 28 de novembro de 685 e desde 25 de dezembro até dez de janeiro de 686 enterrou no Arrecife e Santo Antônio, perto de seiscentas pessoas, todos homens brancos, obra de uma dúzia de mulatos, mui poucas mulheres, poucos negros e menos meninos de sorte que no mais robusto e forte que chegou abazar, ou ter pesar nele netrou mais depressa o achaque, não durando três dias. (p. 94)</p> <p>[...] nos brancos são sobre o vermelho fusco, nos negros sobre o pardo branco, nos mulatos sobre o branco fusco, a que o vulgo chama panos; estes nascem conforme o fígado o ordena, e por si se vão. (p. 170)</p>
--	--	---

PINA, Mateus da Encarnação. 1687-?		
<p>O monge Mateus da Encarnação Pina nasceu na cidade do Rio de Janeiro, a 23 de agosto de 1687, e morreu em data e local desconhecidos. Tornou-se monge beneditino em 1703, no mosteiro do Rio de Janeiro, e na mesma instituição lecionou ciências e exerceu o cargo de abade por duas vezes. Foi, ainda, eleito provincial de sua ordem no Brasil.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>44 - Sermão Nas Exequias DelRey Fidelissimo D. João V. Que o Senado da Camera da Cidade do Rio de Janeiro fez celebrar, na Sé da mesma Cidade, em 12 de Fevereiro de 1751. Offerecido ao ILL. mo E Exmo Senhor Gomesm Freire de Andrade, do Conselho de S. Magestade Fidelissima, Sargento mor de Batalhas dos seus Exercitos, Governador, e Capitão General das Capitancias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes. Pregado Pelo R. M. D. Fr. Matheus da Incarnaçam Pinna, Monge de S. Bento da Provincia do Brasil, Jubilado na Sagrada Theologia. Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues, MDCCLII.</p>	<p>1752</p>	<p>Páginas: 40 e 41</p> <p>Sua fidelíssima o enviou para a Bahia, lhe fizera mui encarecida recomendação da doutrina e batismo dos escravos pagãos que chegassem da Costa da Mina, dizendo-lhe com lágrimas: Advirta o arcebispo que por essas almas ofereceu Cristo o mesmo preço, com que remiu as nossas. (pp. 40-41)</p>

PITA, Sebastião da Rocha. 1660-1738		
<p>Sebastião da Rocha Pita nasceu na cidade da Bahia, em 1660, e morreu no mesmo local, a 2 de novembro de 1738. Graduado mestre em artes no colégio dos jesuítas de sua cidade, Pita seguiu para Portugal, onde se bacharelou em cânones pela Universidade de Coimbra. De volta ao Brasil, dedicou-se à lavoura — nomeadamente, à sua propriedade, na vila de Cachoeira — e às letras. Foi coronel do regimento privilegiado das ordenanças da Bahia, fidalgo da casa real e cavaleiro professo da ordem de Cristo.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>45 - Historia da America Portugueza, desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento, até o de mil setecentos e vinte e quatro. Offerecida A Magestade Augusta DelRey D. João V. Nosso Senhor, Composta Por Sebastião da Rocha Pitta Fidalgo da Casa de Sua Magestade, Cavalleiro Professo da Ordem de Christo, Coronel do Regimento da Infanteria da Ordenança da Cidade da Bahia, e dos Privilegiados Della, e Academico Supranumerario da Academia Real da Historia Portugueza. Lisboa Occidental: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, M. DCC. XXX.</p>	<p>1632</p>	<p>Páginas: 434, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 478, 479, 480, 482, 483, 484, 485, 486, 495, 521, 522, 523, 546</p> <p>Foi matéria digna de reflexão, que deste contágio não enfermaram negros, mulatos, índios, nem mesclados, assim na Bahia, como em Pernambuco; parece que para aqueles viventes compostos humanos não trouxera forças, ou jurisdições o mal; poderia haver neles qualidade secreta, senão foi superior. (p. 434)</p> <p>Governava a província de Pernambuco Caetano de Mello de Castro, e sendo quase irremediável o dano, que aqueles moradores experimentavam dos negros dos Palmares, (cuja extinção era empresa já reputada por tão difícil, que muitos dos seus antecessores no posto a não intentaram) ele a empreendeu com valor, e a conseguiu com fortuna. (p. 471)</p> <p>Quando a província de Pernambuco estava tiranizada, e possuída dos holandeses, se congregaram e uniram quase quarenta negros do gentio de Guiné, de vários engenhos da vila do Porto do Calvo, dispoendo fugirem aos senhores, de quem eram escravos, não por tiranias que neles experimentassem, mas por apetercerem viver isentos de qualquer domínio. Com segredo (entre esta nação, e tanto número de pessoas, poucas vezes visto) dispuseram a fuga e a executaram, levando consigo algumas</p>

	<p>escravas, esposas e concubinas, também cúmplices no delito da ausência, muitas armas diferentes, umas que adquiriram, e outras que roubaram a seus donos na ocasião em que fugiram. (p. 472)</p> <p>Nos primeiros anos este fogo, que se ia sustentando em pequenas brazas, para depois crescer a grande incêndio, não causou dano público, mas só o particular da perda dos escravos, que seus donos não poderão descobrir, por não saberem a parte em que se alojavam daqueles espessos e dilatados matos, onde ainda então os fugitivos só atendiam a sustentar-se das caças e frutas silvestres do terreno inculto, e não saiam dele mais que a levar a furto de algumas fazendas menos apartadas as plantas de mandioca e outras sementeiras, para darem princípio às suas lavouras, tomando-as com força, se achavam resistência, e sem ela, senão encontravam oposição; porém era já notório este receptáculo por todas aquelas partes, de donde o iam buscar outros muitos negros, e alguns mulatos cúmplices em delitos domésticos e públicos, fugindo ao castigo dos senhores e da justiça, e os recebiam os negros dos Palmares, pondo-os no seu domínio. (pp. 473)</p> <p>Crescia o poder dos negros com estes socorros dos fugitivos, que se lhes iam juntando, para fazerem aos povos de Pernambuco os danos que experimentaram os de Roma na guerra servil, quando juntando-se poucos escravos gladiadores, e agregando a si muitos homens facinorosos, causaram tantos estragos na própria cabeça daquela nobilíssima república. Além dos filhos, que lhe nasciam, entendendo os negros que para maior propagação e aumento do povo que fundavam, lhes eram precisas mais mulheres, trataram de as haver sem a indústria, com que os romanos as tomaram aos sabinos, mas só com a força, entrando pelas fazendas e casas dos moradores daquelas vilas, povoações e distritos, e levando negras e mulatas do serviço doméstico e das lavouras. Roubavam aos senhores delas os vestidos, roupas e armas, que lhes achavam ameaçando violar-lhes as mulheres e filhas, se as não remiam a dinheiro ou outras dádivas que se lhes ofertavam prontamente, desprezando sempre os portugueses o cabedal pela</p>
--	--

	<p>honra, a qual lhes ficava intacta a indultos da moeda e da nobreza, que não deixavam de respeitar nas pessoas em quem a reconheciam, tanto que ficavam aproveitados dos despojos que colhiam e com eles voltavam ricos para o seu país. (pp. 473-474)</p> <p>Aumentados com o tempo em número de gente, foram penetrando mais os sertões, e descobertos amplíssimos campos, os repartiram pelas famílias, que pondo-os em cultura, faziam mais rica e dilatada a sua jurisdição; e sem a especulação de Aristóteles e de Platão nas suas Repúblicas escritas, nem as leis promulgadas na de Atenas por Solon, na de Lacedemônia, ou Esparta por Licurgo, na de Creta ou Candia por Minos, e nas de Roma, Cartago e Egito por Numa, Charonda e Trismigistro. (p. 474)</p> <p>Formaram nos Palmares uma República rústica, e a seu modo bem ordenada. Elegiam por seu príncipe, com o nome de Zombi (que no seu idioma vale o mesmo que diabo) um dos seus varões mais justos e alentados; e posto que esta superioridade era eletiva, lhe durava por toda a vida, e tinham acesso a ela os negros, mulatos e mestiços (isto é, filhos de mulato e negra) de mais reto procedimento, de maior valor e experiência, e não se conta, nem se sabe, que entre eles houvessem parcialidades por competências de merecimento ou ambição de domínio, nem que matassem um para entronizar outro, concorrendo todos ao eleito com obediência e união; polos em que se sustentam os impérios. (pp. 474-475)</p> <p>Tinham outros magistrados de justiça e milícia, com os nomes das suas terras. Eram entre eles delitos castigados inviolavelmente com pena de morte o homicídio, o adultério, e o roubo, porque o mesmo, que com os estranhos lhes era lícito, se lhes proibia entre os naturais. Aos escravos, que por vontade se lhes iam juntar, concediam viverem em liberdade; os que tomavam por força, ficavam cativos, e podiam ser vendidos. Tinham também pena capital aqueles que havendo ido para o seu poder voluntário, intentassem tornar para seus senhores. Com menor rigor castigavam aos</p>
--	--

	<p>que sendo levados por força, tivessem o mesmo impulso. Destes seus estatutos e leis eram as ordenações e volumes as suas memórias e tradições conservadas de pais a filhos, vivendo já no tempo em que lhe fizemos a guerra os segundos e terceiros netos dos primeiros rebeldes, conservando-se nesta forma em temor, e aparente justiça. (p. 475)</p> <p>Alguns moradores daqueles distritos, por temerem os danos que recebiam e segurarem as suas casas, famílias e lavouras dos males que os negros dos Palmares lhes causavam, tinham com eles secreta confederação, dando-lhes armas, pólvora e balas, roupas, fazendas de Europa e regalos de Portugal, pelo ouro, prata e dinheiro que traziam do que roubavam, e alguns víveres dos que nos seus campos colhiam, sem atenção as gravíssimas penas, em que incorriam, porque o perigo presente os fazia esquecer do castigo futuro; e achando-se em várias devassas, que se tiravam culpados deste crime alguns, e por ele punidos, se não escarmentavam os outros, que a todo o risco conservavam estre trato oculto, e em virtude dele ficavam seguras as suas casas, e andavam os seus escravos pelas partes, a que os enviavam com os salvos condutos que recebiam dos inimigos em certos sinais, ou figuras que respeitavam os seus capitães e soldados para os deixarem passar livres. (p. 476)</p> <p>Do Pinhacô, onde tinha a sua estância, caminhou com toda a sua gente de guerra, que seriam mil homens, e atravessando o Urubã, quis de caminho dar primeiro vista aos Palmares, por resistir a fortificação dos inimigos, conseguir alguma facção e ganhar a primeira glória, fazendo o ingresso aquela guerra; mas aconteceu-lhe o contrário do que imaginava, porque alojando nos Garanhês de frente da fortificação, ao terceiro dia da sua assistência, andando os seus soldados divertidos em colher os frutos de um bananal dos negros, saiu da fortificação um grande esquadrão deles, e acometendo aos paulistas, que se ordenaram naquele repente com a melhor forma que puderam, se travou uma batalha em que morreram de ambas as partes mais de quatrocentas pessoas, ficando feridas outras tantas; e seria</p>
--	---

	<p>maior o estrago dos paulistas, se reconhecendo desigual o seu partido ao número dos inimigos, se não foram com muito valor e disposição retirando para o Porto do Calvo, onde acharão o exército que o governador tinha enviado aquela Vila. (pp. 478-479)</p> <p>De todo o exército nomeou por cabo, com o posto de capitão mor, a Bernardo Vieira de Mello, que da sua fazenda das Pindobas conduzindo muita gente armada, se fora oferecer ao governador para aquela campanha e conquista. Era homem nobre e valoroso, experimentado na guerra dos negros, havendo logrado algum tempo antes o feliz sucesso de um choque, em que degolou e cativou um grande troco deles em uma das estâncias em que estivera, para reprimir as suas invasões; causas pelas quais Caetano de Mello o elegeu para governar aquela empresa. (p. 479)</p> <p>Estão os Palmares em altura de nove graus do Norte, no terrestre continente das vilas do Porto Calvo e das Alagoas, em quase igual distância de ambas, porém mais próximos a primeira. O nome tiveram depois, que os negros os possuíram pelas muitas palmeiras que lhes plantaram. (p. 480)</p> <p>Continuando-se por muitos dias os combates, doi faltando aos negros a pólvora que não podia ser muita, pois só tinham a que dos moradores seus confederados alcançaram, antes de se lhe mover a guerra, da qual não tendo tão antecipada notícia, como lhe era precisa, para recolherem os mantimentos necessários a um dilatado cerco, já nele experimentavam também diminuição, mas não na sua constância, que se aumentava com a porfia do nosso exército, sobre o qual disparavam tantas nuvens de flechas, e tal chuva de armas arrojadas, que faziam parecer escusadas as balas. (pp. 482-483)</p> <p>Iam afrouxando os negros, faltos já das armas que lançavam, e dos mantimentos que consumiam, não podendo recorrer aos campos, que eram os seus celeiros para levarem os de que mais ordinariamente se</p>
--	--

	<p>sustentavam, e só se mantinham na esperança de que o nosso exército não podia permanecer muito tempo no assédio, pela diminuição da gente em que se achava, e pelos descômodos que padecia, pouco costumados os homens, depois da guerra dos holandeses, a resistir as inclemências do tempo nas campanhas, além de lhes ficarem mui distantes as conduções dos víveres, de que já entendiam que experimentavam falta, discursos em que fundavam a suposição de que se lhes levantaria brevemente o sítio; porém logo o sucesso, que não premeditaram, lhes mostrou o contrário do que presumiram. (pp. 483-484)</p> <p>Da sua eminência, ou atalaia, viram irem-se cobrindo os campos de gado maior e menor de carros e cargas de cavalos, que das vilas do Penedo, das Alagoas, e da povoação de S. Miguel caminhavam ao nosso exército em um grandíssimo comboio, que lhes chegava de que começaram a inferir os negros a nossa persistência, e a sua ruína, e totalmente desanimados, se empregavam mais no seu assombro, que na sua defesa, quando o nosso exército com o socorro dos mantimentos e de alguma gente, que os acompanhava, sepunha a bater-lhes as portas da estacada com novo alento, e tal fortuna que a força de machados e braços lhe abriu o sargento mor Sebastião Dias a que lhe tocara, ao tempo que o capitão mor Bernardo Vieira rompia a em que estava, de que fez aviso ao mestre de campo dos paulistas, que residindo na outra muito distante, acudiu com incrível presteza a ser lhe companheiro no perigo e na glória. (pp. 484-485)</p> <p>Entraram juntos, encontrando alguma resistência nos negros, inferior a que presumiram, porque o seu príncipe Zombi, com os mais esforçados guerreiros, e leais súditos, querendo obviar o ficarem cativos da nossa gente, e desprezando o morrerem ao nosso ferro, subiram a sua grande eminência, e voluntariamente se despenharam e com aquele gênero de morte mostraram não amar a vida na escravidão, e não querer perde-la aos nossos golpes. (p. 485)</p>
--	---

	<p>Foram levados ao Recife os negros; e tirando-se deles os quintos pertencentes a ElRey, os mais ficaram tocando aos cabos e soldados, conforme as prezas que fizeram quando entraram na sua fortificação. Todos os que eram capazes de fugir e se rebelar, os transportaram para as outras províncias do Brasil, e alguns se remeterão a Portugal. As mulheres e crianças, pelo sexo e pela idade livres daquela suspeita, ficaram em Pernambuco. (p. 486)</p> <p>Este fim tão útil, como glorioso, teve a guerra que fizemos aos negros dos palmars, devendo-se não só o impulso da empresa, mas os meios da execução ao valor e zelo, com que Caetano de Mello de Castro governou a província de Pernambuco, de cujo emprego por este e outros serviços obrados na etiópia, sendo general dos rios de Sena, saiu com tantos créditos e aplausos, que lhe grandearam o superior lugar de Vice-Rei da índia; cargo que exerceu com grandes acertos, deixando em todas as referidas partes uma ilustra memória. (p. 486)</p> <p>Quem tem poucos negros, e não lavra em terras próprias, os manda faiscar, isto é, apanhar pelos campos ou montes ouro, do que cai aos que o vão torar. (p. 495)</p> <p>Mas não é este só o dano que padece o Brasil; outro maior mal lhe ameaça a última ruína, porque comprando as pessoas que vão para as Minas do Sul, e outras que delas vem a este fim, por excessivos preços escravos do gentio de Guiné, que se conduzem da Costa de África, e carecendo de muitos as fábricas das canas e dos engenhos, se foi diminuindo a cultura do açúcar de forma que alguns dos senhores destas propriedades, não tendo negros com que as beneficiar, nem posses para os comprar pelo grande valor em que estão, as deixaram precisamente, e só as conservam alguns poderosos, que se acham com maiores cabedais. (p. 521)</p> <p>Enviou vários cabos e soldados aos lugares por donde se faz a jornada para</p>
--	---

		<p>as Minas do Sul, os quais tomaram muitos comboios de negros, e outros gêneros que importaram grossas somas à Fazenda Real, posto que os mais escapavam, não sendo a diligência dos homens menos poderosa para reparar ou evitar os danos públicos, que a sua indústria em solicitar os interesses particulares; porque meditando em todos os meios das suas conveniências, frustram as diligências dos seus superiores, sem receio da perda, nem temor do castigo. (p. 522-523)</p> <p>Mandou botar cordão à mata, e logo os paulistas disparando de cima das árvores as escopetas, mataram a um valoroso negro, e feriram duas pessoas de suposição que estavam junto a Bento de Amaral, e outras muitas das principais que iam no destacamento, sem deles poderem ser ofendidos pela espessura do mato que os cobria; e porque os forasteiros só pretendiam tirar-lhes as armas, e não as vidas, mandaram os feridos para o arraial, de donde saíram, persistindo constantes os mais no sítio uma noite, e um dia no qual lhes enviaram os paulistas um Bolantim com bandeira branca pedindo paz e prometendo entregar as armas, se lhes dessem bom quartel. (p. 546)</p> <p>Mandou botar cordão a mata, e logo os paulistas disparando de cima das árvores as escopetas, mataram a um valoroso negro e feriram duas pessoas de suposição, que estavam junto a Bento de Amaral e outras muitas das principais que iam no destacamento, sem dele poderem ser ofendidos pela espessura do mato, que os cobria; e porque os forasteiros só pretendiam tirar-lhes as armas, e não as vidas, mandaram os feridos para o Arraial, de donde saíram, persistindo constantes os mais no sítio uma noite e um dia, no qual lhes enviaram os paulistas um Bolantim com bandeira branca, pedindo paz, e prometendo entregar as armas, se lhes dessem bom quartel. (p. 546)</p>
--	--	---

RESENDE, Garcia de. (1470? – 1536)

Tido como um homem de muitos talentos (cronista, poeta, músico, desenhista e arquiteto), desde muito cedo, Garcia de Resende foi admitido no serviço da Casa Real Portuguesa. Atuou como moço na câmara de D. João, depois na do Príncipe D. Afonso e, após a morte deste, D. João II – personagem central da crônica aqui arrolada, que se encarregou, desde o reinado de seu pai, da expansão ultramarina, em particular, já em seu reinado, da conquista de toda a costa ocidental africana e da fundação do Forte de São Jorge da Mina - o nomeou como seu secretário particular. Após o cumprimento de uma missão diplomática em Roma, por mandado do rei D. Manuel, em 1514, retornou a Lisboa e transferiu-se para suas propriedades em Évora, onde, duas décadas mais tarde, faleceu.

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>46 - Chronica dos valerosos e insignes feytos del Rey Dom Ioam II de gloriosa memoria, em que se refere sua vida, suas virtudes, seu magnanimo esforço, excellentes costumes, & seu christianissimo zelo.</p>	<p>1752 Publicado pela primeira vez em 1545</p>	<p>“No ano passado de mil e quatrocentos e oitenta e sete, estando Gonçalo Coelho cavaleiro da casa del Rey na boca do rio de Cenaga no Reyno de Ielofe em Guiné resgatando, Bemohi, Príncipe negro, que então com muita prosperidade, e grande poder governava o dito Reyno de Ielofe, sendo por suas línguas informado das muitas virtudes, perfeições e grandezas del Rey, desejou de o servir; e para começo lhe mandou pelo dito Gonçalo Coelho um rico presente d’ouro, e cem escravos, todos mancebos, e bem dispostos, e assim algumas outras coisas de sua terra (p. 34)”.</p> <p>Também nas páginas 49, 75 e 82 os escravos seguem citados como mercadorias.</p> <p>Abaixo, uma curiosa citação que envolve negros, escravos e cuidados com a saúde em Lisboa.</p> <p>“CAP. CXIX. - <i>De como el Rey despejou a cidade e mandou meter nela muito gado.</i> Sendo já feitas muitas e grandes despesas para as ditas festas, e as mais principais por a muita gente que vinha de muitas partes, e de Lisboa, onde morriam, em Évora houve rebates de peste, de que el Rey foi muito triste; porque se mais mal</p>

		<p>fosse, as festas se não poderiam fazer com aquela perfeição que ele tinha ordenado. E por ver se poderia atalhar isto, com que a todos tanto pesava, acordou com [o] conselho dos físicos, que antes do antrelunho [interlúnio] de Setembro, em que os ares corruptos tinham mais força, toda a gente da Cidade, e da Corte se saísse dela, como logo saiu, pelo espaço de quinze dias. Nos quais el Rey andou fora por Alcáçovas e Viana, e esteve na quinta da Oliveira, onde a primeira vez justou; e a gente toda por quintas, herdades, e hortas, e em tendas no campo. E a Cidade foi cheia de infindo gado vacuum sem conto, q de toda a comarca veio, e por mandado del Rey aí foi trazido [...] E acabado os quinze dias, o gado todo se levou, e a Cidade foi toda muito limpa, e todas as ruas e casas defumadas e caiadas antes del Rey entrar nela. É assim no antrelunho de Outubro, depois da gente estar dentro, el Rey mandou que todo os escravos e negros, que na Cidade havia, se saíssem fora por dez dias, sob pena de se perderem, e assim se fez. E por essas grandes diligencias, e principalmente pela piedade de Deus, a quem se fizeram juntamente com isso muitas devoções e esmolos, a Cidade ficou de todo sã, deque el Rey, e todos foram muito alegres, por poder fazer nela o que ele havia ordenado (p 50 verso, grifo meu).</p>
--	--	---

ROCHA, Manuel Ribeiro. XVIII-1778		
<p>O padre Manuel Ribeiro Rocha nasceu em Lisboa, nos primeiros anos do século XVIII, e morreu na Bahia, em 1778. Ainda criança imigrou para o Brasil e cursou artes no colégio jesuíta da Bahia. Em 1728, já ordenado padre, embarcou para Portugal e cursou cânones na Universidade de Coimbra. De volta ao Brasil, foi advogado da ordem Terceira de São Francisco e notário apostólico da Cúria Arquidiocesana de Salvador.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>47 - Ethiope Resgatado Empenhado, Sustendado, Corregido, instruído, e libertado. Discurso Theologico-Juridico, Em Que se Propoem o Modo de comerciar, haver, e possuir validamente, quanto a hum, e outro foro, os Pretos cativos Africanos, e as principaes obrigações, que ocorrem a quem delles se servir. Consagrado a Santissima Virgem Maria Nossa Senhora. Pelo Padre Manoel Ribeiro Rocha, Lisboense, Domiciliano da Cidade da Bahia, e nella Advogado, e Bachorel formado na Universidade de Coimbra. Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, M. DCC. LVIII.</p>	<p>1758</p>	<p>* O compêndio tem como intuito principal prescrever jurídica e teologicamente sobre como comerciantes e senhores de escravos devem comerciar, possuir, tratar e libertar os negros africanos escravizados.</p>

<p>48 - Nova Pratica dos Oratorios Particulares; e da Vida Christã, Competente ao seu mais recto, e proveitoso uso; Que escreveo, e consagra Ao Glorioso Patriarca S. Joseph Virginal Esposo da May de Deos. O Padre Manoel Ribeiro Rocha, Lisboense, domiciliário da Bahia, Advogado, e Bacharel formado pela Universidade de Coimbra. Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, M. DCC. LVIII.</p>	<p>1758</p>	<p>Páginas: 31</p> <p>[...] quanto a questão presente; não há dúvida que nos dias santos e nos domingos do ano, assistindo a esta missa, podem satisfazer ao preceito da Igreja não somente os impetrantes, senão também toda a sua família; e por família se entende marido, mulher, filhos e filhas, genro e nora, que moram na mesma casa, e todos os escravos e escravas do serviço dela, e que nela vivem, e se sustentam a custa do senhor, como também algum caixeiro ou feitor que mais tenha bela, e do mesmo modo o sustente. (p. 31)</p>
--	-------------	---

ROSÁRIO, Antônio do. ?-1704		
<p>O frei Antônio do Rosário nasceu na cidade de Lisboa, em data desconhecida, e morreu na Bahia, em 1704. Em 1686, deixou o hábito dos Agostinhos Descalços e vestiu o hábito dos Frades Menores da Província Capucha de Santo Antônio do Brasil, abraçando o ministério de Missionário Apostólico e embrenhando-se pelos sertões do Brasil.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>49 - Frutas do Brasil numa nova, e ascetica Monarchia, consagrada á santissima Senhora do Rosario, author o seu indigno escravo fr. Antonio do Rosario o menor dos Menores da Serafica familia de S. Antonio do Brasil, & Missionario no dito Estado; mandando-á imprimir o Commissario Geral da Cavallaria de Pernambuco Simam Ribeyro Riba. Lisboa: Officiano Pedrozo Galram, 1702.</p>	<p>1702</p>	<p>Não há muitas menções ao negro e ao escravo. Porém, na segunda parábola do livro (Parábola II, pp. 73-106), compara o Juízo Final com os engenhos do Brasil.</p> <p>Páginas: 95 e 96</p> <p>Debaixo da casa das caldeiras estão as fornalhas que com os negros metedores de fogo parecem vivas pinturas do inferno: a mais da lenha, que se mete nas fornalhas, é da mata da preguiça: quem o diz? O divino missionário S. João Batista, Fuit homo missus à Deo: e que diz sobre as lenhas do engenho? (Parábola II, pp. 95-96)</p>

SILVA, Caetano Paes.		
Nada conseguimos apurar sobre o militar português Caetano Paes da Silva.		
<i>Menções ao negro e ao escravo</i>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
50 - Relaçam e Noticia Da gente, que nesta segunda monção chegou ao sitio do Grão Pará, e ás Terras de Matogrosso, caminhos que fizerão por aquellas Terras, com outras muitas curiosas, e agradáveis de Rios, Fontes, Frutos, que naquele Paiz acharão. Copia Tudo de huma Carta, que a esta Cidade mandou Isidoro de Couto Escripta por Caetano Paes da Silva. Lisboa: Na Offic. de Bernardo Anton. De Oliveira, 1754.	1754	Página: 10 [do PDF] Depois de aqui estarmos chegou a este sítio de cacheu um navio carregado de negros, que em poucos dias vendeu; como fazenda mais precisa para nós, em razão de não termos quem possa fabricar o que é preciso. (p. 10 [do PDF])

SILVA, Francisco Ribeiro da.		
<p>O padre Francisco Ribeiro da Silva nasceu em Braga, não se sabe quando, e morreu em data e local também desconhecidos. Foi presbítero e cônego da Sé Patriarcal de Mariana, em Minas Gerais.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>51 - Aureo Throno Episcopal, Colocado nas Minas do Ouro, ou Notícia breve da Creação do novo Bispado Marianense, da sua felicíssima posse, e imposta entrada do seu meritíssimo, primeiro Bispo, e da jornada, que fez do Maranhão, o excellentissimo, e reverendíssimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz, Com a Collecção de algumas obras Academicas, e outras, que se fizerão na dita função, author anonymo, Dedicado ao Illustrissimo Patriarca S. Bernardo, E dado à luz por Francisco Ribeiro da Silva, Clerigo Presbytero, e Conego da nova Sé Marianense. Lisboa: Na Officina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Ofício, 1749.</p>	<p>1749</p>	<p>Páginas: 24</p> <p>Com rigoroso trabalho, e não pouco sentimento se venceu a jornada até o Paranaguá, porque adoeceram gravemente quase todos os familiares de S. Excelência, moços e escravos dos primeiros morreram dois, e um dos últimos. (p. 24)</p>

SILVEIRA, Simão Estácio da.		
<p>Pouco conseguimos apurar sobre o capitão Simão Estácio da Silveira, salvo que foi juiz da primeira câmara de São Luís e procurador da conquista do Maranhão.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>52 - Relação Sumaria das cousas do Maranhão. Escrita pelo Capitão Symão Estacio da Sylveira. Dirigida aos pobres deste Reyno de Portugal. Lisboa: Geraldo da Vinha, 1624.</p>	<p>1624</p>	<p>Páginas: 44</p> <p>Também, como é terra nova, não valem os mantimentos nada, e por não haver saca deles (como nos outros portos), há grandíssima abundância de tudo, de modo que podem aqui refazer e reformar suas armações, com mais regalo para os negros do que nos outros portos acharão para suas próprias pessoas. (p. 44)</p>

TAFUR, Pero. (1410? – 1487)		
<p>Pero (ou Pedro) Tafur nasceu em Córdoba, então reino de Castela. Afamou-se por registrar suas viagens, realizadas entre 1435 e 1439, pela Itália, Terra Santa, Chipre, Cairo, Constantinopla, Grécia, Alemanha e Flandres.</p> <p>OBS: A inclusão do presente texto neste catálogo refere-se apenas ao interesse de indicar movimentos de tráfico de escravos (não exclusivamente de escravos africanos oriundos da região subsaariana) anteriores ao estabelecimento do chamado “escravismo moderno”. Acredita-se que tais textos possam ser úteis aos pesquisadores em termos comparativos.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>53 - Travels and Adventures (1435-1439). Translated and Edited with Introduction by Malcolm Letts. London: George Routledge & Sons.</p>	<p>1926</p> <p>Texto produzido em meados do século XV, sendo publicado pela primeira vez em 1874</p>	<p>[Sobre Kaffa ou Caffa, hoje Teodósia, antiga colônia genovesa, cidade de porto e veraneio localizada no Mar Morto, Península da Criméia, Ucrânia]</p> <p>“In this city they sell more slaves, both male and female, than anywhere else in the world, and the Sultan of Egypt has his agents here, and they buy the slaves and send them to Cairo, and they are called Mamelukes” (p. 133).</p>

TRINDADE, Bento da. 1768-?

O religioso Bento da Trindade nasceu na província da Bahia, em 1768, e morreu em local e data desconhecidos, provavelmente antes de 1822. Depois de realizar os primeiros estudos de humanidades na sua terra, desembarcou em Portugal, onde tomou o hábito na ordem dos Agostinhos Descalços; mais tarde, cursou teologia da universidade de Coimbra, recebendo o grau de doutor. Trindade voltou ao Brasil na década de oitenta do setecentos e, em 1790, ocupava o cargo de examinador sinodal das dioceses da Bahia e de Pernambuco.

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>54 - Orações sagradas oferecidas as sereníssimo senhor D. João, príncipe regente, por Fr. Bento da Trindade, Religioso Agostinho Descalço, Chronista da Congregação, Mestre Jubilado, e Doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, Missionario Apostoloco, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, Synodal do Arcebispado da Bahia, e Prégador da Real Capella da Bemposta. Tomo I. Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, M. DCC. XCVII.</p>	<p>1797</p>	<p>Páginas: 58, 59</p> <p>Atrás deste, distância de dois passos, vinham a pé oito negros, vestidos por galante estilo: tocavam todos charamelas, com tal ordem, que alternavam as suas vozes com as vozes do clarim, suspendidas umas em quanto soavam outras. (pp. 58-59)</p> <p>Mais atrás distância de dois passos vinham quatro negros cobertos de chapéus agaloados de prata com plumas brancas; vestidos todos de berne; calçados de encarnado. (p. 96)</p>

VASCONCELOS, Simão de. 1597-1671		
<p>O jesuíta Simão de Vasconcelos nasceu na cidade do Porto, por volta de 1597, e morreu no Rio de Janeiro, em 1671. Desembarcou no Brasil em 1606 e frequentou o colégio dos jesuítas da Bahia, tornando-se mestre em artes. Foi lente de teologia, humanidades, escolástica e moral, mestre de noviços, reitor dos colégios da Bahia e do Rio de Janeiro, procurador da companhia — seguiu com o padre Antônio Vieira para Roma, em 1624 — e provincial do Brasil.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>55 - Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obraram seus filhos n' esta parte do novo mundo. Tomo primeiro da Entrada da Companhia de Jesu nas Partes do Brasil e dos fundamentos que n'ellas lançaram e continuaram seus religiosos, e algumas noticias antecedentes, curiosas e necessárias das cousas d'aquelle estado Pelo Padre Simão de Vasconcellos, da mesma Companhia. Lisboa: Na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor del Rei N. S., M.DC.LXIII.</p>	<p>1663</p>	<p>Páginas: 51, 73, 203, 294, 295, 300</p> <p>Um Diogo Martins Cão, o Matante negro por alcunha, foi o primeiro depois dos capitães referidos. E depois deste, o capitão Marcos de Azeredo Coutinho, que trouxe quantidade considerável delas. E por diversos outros tempos fizeram a mesma jornada seus filhos e outras pessoas: porém sem efeito, por terem os tempos cegados os caminhos, crescendo as matas e escondendo aos homens estas riquezas. (p. 51)</p> <p>E, contudo, vemos por experiência o contrário: porque a mulher branca, de branco pare branco, e de negro mulato; seja quente ou fria a disposição do ventre. Donde se tira manifestamente que não está somente no ventre a virtude do grau do frio, ou calor necessário: se não na virtude seminária, que depende de ambos os gerantes: porque se ambos tem virtude fria, geram branco; se ambos cálida, geram preto; e se um fria, outro cálida, geram mulato de cor entremeia, nem perfeitamente branca, nem preta. (p. 73)</p> <p>Nesta terra há um grande pecado, que é terem os homens quase todos suas negras por mancebas, e outras livres, que pedem aos negros por mulheres, segundo o costume da terra, que é terem muitas mulheres. E estas deixam-nas quando lhes aprez, o que é grande escândalo para a nova Igreja que o</p>

	<p>senhor quer fundar. Todos se me escusam que não tem mulheres com que casem. E conheço eu que casariam se achassem com quem; em tanto que uma mulher, ama de um homem casado, que veio nesta armada, pelejavam sobre ela a quem a haveria por mulher. E uma escrava do governador lhe pediam por mulher, e diziam que lhe queriam forrar. Parece-me coisa mui conveniente mandar sua alteza algumas mulheres que lá tem pouco remédio de casamento a estas partes, ainda que fossem erradas, porque casarão todas mui bem, contanto que não sejam tais o que de todo tenham perdido a vergonha de Deus e ao mundo. (p. 203)</p> <p>Escrevi a vossa reverendíssima acerca dos saltos que se fazem nesta terra, e de maravilha se acha cá escravo que não fosse tomado de salto; e é desta maneira que fazem pazes com os negros para lhe trazerem a vender o que tem, e por engano enchem os navios deles, e fogem com eles; e alguns dizem que o podem fazer por os negros terem já feito mal aos cristãos. (pp. 294-295)</p> <p>De maravilha se achará cá terra onde os cristãos não fossem causa da guerra e dissensão, e tanto que nesta Bahia, que é tido por um gentio dos piores de todos, se levantou a guerra por cristãos, porque um padre, por lhe um principal destes negros não dar o que lhe pedia, lhe lançou a morte, no que tanto imaginou que morreu, e mandou aos filhos que o vingassem. (p. 295)</p> <p>Morreu um destes clérigos: e ficou o outro, e prosseguiu o fruto: foram ali ter estes navios que digo, tomaram o padre dentro em um dos navios com outros que com ele vinham, e levantaram as velas: os outros que ficaram em terra vieram em paus a bordo do navio, que levassem embora os negros, e que deixassem o seu padre; e por não quererem os dos navios, tornaram a dizer que, pois levavam o seu padre, que levassem também a eles, e logo os recolheram e os trouxeram, e o padre puseram em terra; e os negros desembarcaram em uma capitania, para venderem alguns deles, e todos se</p>
--	--

		<p>acolheram a igreja, dizendo que eram cristãos, e que sabiam as orações e ajudar a missa, pedindo misericórdia. Não lhe valeu, mas foram tirados e vendidos pelas capitâneas desta costa. Agora me dizem que é lá ido o padre a fazer queixumes. Dele poderá saber mais largo o que passa. Agora temos assentado com o governador, que nos mande dar estes negros, para os tornarmos a sua terra e ficar lá Leonardo Nunes para os ensinar. (p. 295)</p> <p>Estão estes negros mui espantados de nossos ofícios divinos. Estão na igreja sem lhes ninguém ensinar, mais devotos que os nossos cristãos. (p. 300)</p>
<p>56 - Noticias curiosas, e necessarias das cousas do Brasil. Pello p. Simam de Vasconcellos da Companhia de Iesus. Em Lisboa: Na Officina de Ioam da Costa, M.DC.LXIII.</p>	<p>1643</p>	<p>Páginas: 60, 113</p> <p>Um Diogo Martins Cão, o Matante negro por alcunha, foi o primeiro dos capitães feridos. (p. 60)</p> <p>E, contudo, vemos por experiência o contrário: porque a mulher branca, de branco pare branco, e de negro mulato; seja quente ou fria a disposição do ventre donde se tira manifestamente, que não está somente no ventre a virtude do grau do frio ou calor necessário; se não na virtude seminária, que depende de ambos os generantes: porque se ambos tem virtude fria, geram branco, se ambos cálida, geram preto, e se um fria, outro cálida, geram mulato de cor entremeia, nem perfeitamente branca, nem preta. (p. 113)</p>

VELOSO, José Mariano da Conceição. 1742-1811		
<p>O franciscano José Mariano da Conceição Veloso nasceu em São José do Rio das Mortes, atual Tiradentes, em 1742, e morreu no Rio de Janeiro, em 1811. A sua entrada para a ordem franciscana deu-se em 1761, no convento de Macacu, mas logo se transferiu para o convento de Santo Antônio, na cidade do Rio de Janeiro, onde estudou filosofia e teologia. Ensinou geometria no convento de São Paulo, mas destacou-se pelos seus estudos de ciências naturais. Em 1790, seguiu para Portugal com o vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, de quem era protegido. Em Lisboa, foi nomeado diretor da Casa Literária do Arco do Cego. Retornou ao Brasil com D. João VI, em 1808.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>57 - O fazendeiro do Brazil melhorado na economia rural dos gêneros já cultivados, e de outros, que se podem introduzir, e nas fabricas, que lhes são próprias, segundo o melhor, que se tem escrito a este assumpto: Debaixo dos auspícios e de ordem de Sua Alteza Real o Principe do Brazil nosso Senhor. Colligido de Memorias Estrangeiras por Fr. José Mariano da Conceição Velloso, menor Reformador da Provincia da Conceição do Rio de Janeiro, &c. TOM. I, PART. I. Da cultura das canas, e factura do assucar. Lisboa: Na Regia Officina Typografica. Anno M. DCC. XCVIII..</p>	<p>1798</p>	<p>Páginas: 22 (do PDF), 20, 21, 27, 53, 79, 86, 89, 90, 123, 137, 216, 249, 301, 366</p> <p>Calcula Edward na Jamaica o lucro de vinte acres de terra, empregados na sua cultura em mil e duzentas libras esterlinas (4:320&000), quase onze mil cruzados, só pelo trabalho de dezesseis escravos. (Página 22 do PDF)</p> <p>O único meio que, ao meu parecer, repararia um mal tão espantoso, e que talvez faria mudar a figura de todas as nossas colônias, seria o de renunciar absolutamente o modo atual de trabalhar os campos para as sementeiras do índigo, de abandonar as enxadas que apenas entram pela terra dentro algumas polegadas, que requerem os maiores esforços para só produzirem pequeno efeito, e que tem ainda outro defeito maior que é a absoluta necessidade de exigir um grande número de escravos. (pp. 20-21)</p> <p>Presumo que me não hajam de opor coisa alguma sólida contra esta inovação e reforma; pois que nada mudo da grossura do índigo, por ser esta a única coisa que poderia ofender a sua dessecação perfeita. Também me não oporão: que esta mudança alongaria o trabalho dos escravos. (p. 27)</p> <p>Concedendo-se ser o produto de cada jeira trezentas libras, e o seu preço</p>

	<p>não mais que quatro soldos esterlinos por livra, será o total mil e duzentas libras do rendimento de vinte jeiras, produzido pelo trabalho de dezesseis escravos, e de um fundo ou capital de terras e edifícios que rara vez merecerá contemplação alguma. (p. 43)</p> <p>A mortalidade dos escravos, motivada pelo vapor liquor fermentado (circunstância pasmosa de que sou informado, assim pelos granjeiros desta fábrica, ingleses, como franceses, e da qual atualmente espero o processo), a falibilidade das estações, os estragos dos devoradores insetos, etc. (p. 44)</p> <p>Os escravos, ou outros quaisquer homens destinados a esta ação, se põem em fileira ou linha em uma das suas extremidades, e recuando ou andando para traz, abrem as covas da grandeza das suas enxadas com duas ou três polegadas de altura, e um pé de distância em todos os sentidos, e as alinham o melhor que cabe nas suas possibilidades. (p. 53)</p> <p>Uma fábrica ou engenho da grandeza, que descrevemos, prudentemente se não pode prontificar sem estar provida de 250 escravos, 80 bois, 60 bestas muares. É fraco o argumento que se faz contra este cálculo; e vem a ser de que com menor número de negros do que este, já se tem feito 200 barricas de açúcar: porque expomos o estado que produz esta quantidade, em consequência de um termo médio entre a diminuição que pode haver por causa de secas, de estações pouco favoráveis ao rendimento das safras, e os anos favorecidos, em que pelo contrário devem exceder muito o meio termo que tomamos: pois debaixo destas circunstâncias me não posso persuadir que se possa apontar fábrica alguma que trabalhe com um menor número de homens, quer estes sejam escravos, quer sejam alugados. Mas no caso de que exista alguma, não tenho a menor dúvida de afirmar que ela se acha em má administração: porque, que vale, e que manejo pode ser pior do que aquele, em que se dá um maior trabalho aos escravos do que se devera, vindo por ele a fabricar-se o capital, por amor do aumento de uma renda</p>
--	---

	<p>precária, ou lucro anual. (p. 79)</p> <p>Em Jamaica, o modo usual de calcular por termos gerais o valor dos ganhos de um engenho de açúcar, é conceder dez libras esterlinas anualmente por qualquer negro velho ou moço empregado nesta casta de lavoura; e seguindo este cálculo, as rendas de M. Bekfort, tendo 2533 negros, haviam de chegar a 25330 libras esterlinas. (p. 86)</p> <p>Ele vê crescer esta semente imediatamente, enquanto fica esperando outro tempo tal para continuar a sua plantação. Mas se pelo contrário as secas prosseguem, fica exposto ao perigo e risco de ver perder toda a sua semente; porque se aquecerá e se endurecerá pelo grande calor; e também porque a este mesmo tempo, caindo algumas gotas de água nesta estação, nada mais farão que molhar a terra e germinar o grão, o qual, não tendo força de a romper, apodrecerá, causando uma perda tanto maior ao fabricante, quanto ela abrange o tempo perdido dos escravos, um retardamento considerável as suas rendas, e finalmente o preço das sementes que não deixa de ser alguma coisa em razão da quantidade que se tiver plantado. Em Leogane, (hoje Porto do Príncipe) se tem avaliado em quase meio milhão a perda causada por este fatal contratempo. (pp. 89-90)</p> <p>Em segundo lugar. Objeta-se que a natureza do clima é tal, que não admite lavoura de cavalos que aqui se recomenda, porque as chuvas são muito terríveis pela sua impetuosidade, e o calor continuado do sol tão forte e penetrante, que aperta os terrenos de tal modo, que se faz impossível rompê-los pelos instrumentos enunciados. A esta respondo, apelando para o senso comum de qualquer pessoa inteligente, a que julguem se acaso o trabalho feito por cavalos, não será sempre mais efetivo do que aquele que se faz pelos fracos esforços das enxadas nos braços dos negros? (p. 123)</p> <p>O acontecimento do negócio pode muito bem ser um argumento muito extraordinário do melhoramento que plenamente se lhe conheceu. O todo</p>
--	--

		<p>eram terras, edifícios, negros, etc, que foi pago por cem mil libras. (p. 137)</p> <p>Resulta disto uma perda tanto maior para o fazendeiro, quanto compreende o tempo perdido pelos escravos, um retardamento grande em os rendimentos e, por fim, perde o custo dos seus grãos, que não deixa de fazer um grande objeto, conforme a quantidade que tiver plantado. (p. 216)</p> <p>O fazendeiro que possuir quatro escravos e duas bestas, e tiver cinco acres em cultura desta planta, se pode consequentemente avaliar, por um juízo prudente, que faz mil arráteis cada ano, que importarão vendidos a 6 xelins (1&080) esterlinos, a 300 libras (1:080&000). (p. 249)</p> <p>De ambas as índias nos vem outras espécies de índigos menos conhecidas, e que comumente trazem o nome das diferentes fábricas ou lugares em que se fabricaram, tais como o de Java, Sarquesse, dos quais já falei; de Jamaica, etc. (p. 301)</p> <p>O Urucuzeiro floresce em dezembro; colhe-se em abril: transporta-se em cestos a cabeça dos escravos. (p. 366)</p>
--	--	---

<p>58 - O fazendeiro do Brazil, cultivador, Melhorado na economia rural dos gêneros já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fabricas, que lhe são próprias, segundo o melhor, que se tem escrito a este assumpto. Debixo dos auspícios, e de Ordem de sua alteza real o Principe Regente, nosso senhor. E augmentado nesta segunda edição de varias memorias mais sobre o anil, e da cultura, e fabrico do urugu. Collegido de Memorias Estrangeiras por Fr. Jose Mariano da Conceição Velloso. Menor Reformado da Provincia da Conceição do Rio de Janeiro, etc. TOMO II. Tinturaria. Part I. Lisboa. Na Impressam Regia. Anno 1806.</p>	<p>1806</p>	<p>Páginas: 5, 6, 81, 82, 88, 91, 129, 130, 143, 152, 215, 245, 248, 249, 261, 262, 263, 273, 275, 277, 279, 287, 291, 292, 349, 350, 356</p> <p>Quatro negros ferem sem interpolação a superfície do liquor com estes instrumentos, e excitam novamente uma grande escuma, que algumas vezes chegam a oprimir os mesmos instrumentos de bater; mas dão-se meios muito simples para as destruir e dissipar, e, quando pouco, de as moderar e diminuir. Sabe-se, como já adverti acima, que este movimento rápido prolonga todas as vantagens da fermentação, sem consentir que este extrato chegue ao estado de pútrido. (pp. 5-6)</p> <p>Dão-se casos em que será conveniente demorar o corte, e vem a ser quando o índigo por causa das muitas chuvas, cresce de pancada, e que o tempo mostra ser bom: oito dias favoráveis são bastantes a dar-lhe corpo e dissipar lhe as dificuldades que se poderiam oferecer a fermentação; sem esta precaução embarçaria ao melhor mestre: também acontece muitas vezes que o excesso das chuvas nos põem no caso de rejeitar um corte inteiro; porque, não tendo o seu grão corpo, se torna inútil; então para se não ocuparem os negros de balde, se faz cortas a erva sem demora, por não retardar o corte próximo: isto de ordinário acontece quando se corta, pela primeira vez, na estação húmida. (pp. 81-82)</p> <p>A proporção que os negros abrem as covas, as pretas lançam as sementes que trazem em cuias: e as que as seguem, cobrem com rodos as mesmas covas de uma boa polegada de terra. (p. 88)</p> <p>Para se cortar o índigo, se servem de grandes facas curvas por modo de fouchinhas, (á exceção de não terem dentes). Corta-se a erva uma boa polegada acima da terra, e se formam feixes, quantos sejam bastantes para a carga de um negro; e se põem em balandras, que são pedaços de panos grossos do comprimento de uma vara e da mesma largura, para serem levados, e em cada canto destes se põem atilhos para os prenderem, e serem</p>
---	-------------	---

		<p>deste modo conduzidos com maior segurança, assim a erva miúda como a grande. (p. 91)</p> <p>Índigo de África.</p> <p>Os negros do Senegal tiram anil de uma planta, a que eles chamam Gougue. Despontam com as mãos os ramos da planta: pisam a folha, até que se reduza a uma massa fina, da qual compõem pequenos pães que secam a sombra. (p. 129)</p> <p>Os ilheus de Madagascar tiram o seu Índigo de uma espécie de giesta, que os portugueses chamam erva de anil. Pisam as folhas com os ramos tenros, e delas formam pães de quase três libras que secam ao sol. Quando querem tingir, moem um destes pães, e lançam este pó em panelas de barro, e as fazem ferver certo tempo. Deixam nas esfriar, e infundem nelas sua seda e algodão, que quando se tiram, são de um belo azul carregado. (p. 130)</p> <p>Dizem também que perto do Cairo se acha uma erva chamada nil, que dá um belo Índigo. (p. 130)</p> <p>A cor, porém, do franco é de um amarelo escuro ou denegrido, puxando alguma coisa para verde, algumas vezes para branco, quando não estão bem maduras. A do bastando é negra, estando bem maduras, e este negro também puxa para verde, antes de bem maduras. O grão do franco é algum tanto mais grosso que o do bastardo. (p. 143)</p> <p>Estando a alvenaria bem seca, se faz uma argamassa de cal e pó de tijolos passados a peneira, e com ela se lhe forra todo o interior e as bordas dos tanques. Pule-se a obra, a proporção que se seca, com pedaços de tábuas delgadas, ou com cascos lisos, ou seixos de tio: o que requer o trabalho de muitos negros juntos, para apertarem a argamassa a proporção que se for secando, e impedir que rache. (p. 152)</p>
--	--	--

	<p>A medida que os negros fazem os buracos, as pretas com cujas cheias de sementes as põem em cada cova, e outras as acompanham, cobrindo-as com uma boa polegada de terra. Sete para oito grãos bastam, sendo índigo franco, menos se for o bastardo; mas não se contam que, sendo o tempo mui precioso, procura-se somente adiantar o trabalho, e aproveitar da chuva, porque, secando-se a terra, se não planta mais. (p. 215)</p> <p>Mas novamente se tem construído máquinas muito mais convenientes com rodas dentadas que movem as alavancas ou batedores com grande regularidade, e poupam o trabalho de muitos negros. (p. 245)</p> <p>Mas novamente se tem construído máquinas muito mais convenientes com rodas dentadas que movem as alavancas ou batedores com grande regularidade, e poupam o trabalho de muitos negros. Sendo tudo posto em movimento com um único cavalo ou mula, e um destes trabalhavam mais em hora e meia de seis negros podiam executar em seis, e assim satisfiziam muito bem as despesas de sua ereção, e amiudadas vezes reduziam a tinta imperfeita a formar o grão que de outra maneira dificultosamente se poderia conseguir. (p. 245)</p> <p>Esta mercancia preciosa é o principal ingrediente conhecido para tingir de azul belo; e parte alguma do mundo produz melhor anil que o interior, ou sertão da Jamaica. Ao que se deve ajuntar, que não faz grande volume no seu carroto; visto que poucos barris e pequenos, que uma besta pode carregar por péssimos caminhos, podem conter, ou trazer uma porção ou carga de grande valor. Julgam-se bastantes quinze negros para a cultura de vinte acres; e vinte e cinco negros para a de cinquenta. Donde a cinco acres cabem quase quatro negros; o que mostra que se pode preencher este pequeno capital. (p. 248)</p> <p>A carga de um negro, se a planta for boa, dará um arrátel de Anil bom; e supondo uma besta alugada quatro vezes, a última será igual a seis arrátéis. O fazendeiro que possuir quatro escravos e duas bestas, e tiver cinco acres</p>
--	--

		<p>em cultura desta planta, se pode conseqüentemente avaliar, por um juízo prudente, que faz mil arráteis cada ano, que importaram vendidos a 6 xelins (1080) esterlinos, a 300 libras (1:08000). (p. 249)</p> <p>O terreno e clima da Costa da África na verdade convém perfeitamente a esta planta, mas os negros deste país não sabem fazer, como o fazem os de nossas ilhas. Em Dazhomé, bairros situados no interior de Guiné, e onde o Indigoeiro é sumamente comum. Os seus naturais o não aproveitam. Os negros do Senegal fazem Índigo de uma planta, a que chamam Gangua. Tiram a mão as pontas dos ramos, pisam as folhas, até reduzi-las a massa fina, e a fazem em pequenos pães que secam a sombra. (p. 261)</p> <p>Fora estes dois processos, mui vários em suas circunstâncias, ainda se dá mais outro usado nas Índias, que consiste em triturar e umedecer as folhas desta planta, de que se forma uma massa, ou espécie de pastel, que também tem o nome de Índigo. Já se viu, que desta maneira o fazem os negros do Senegal. (pp. 262-263)</p> <p>A maior parte dos negros arranjados em uma única linha com sua enxada fazem juntos covas pouco profundas com um só golpe da mesma. Marcham recuando e indo alternativamente da esquerda à direita, e desta a outra. (p. 273)</p> <p>A maior parte dos negros arranjados em uma única linha com sua enxada fazem juntos covas pouco profundas com um só golpe da mesma. Marcham recuando e indo alternativamente da esquerda á direita, e desta a outra. A este tempo outros, postos por diante dos mesmos, semeiam o grão com a mão, sem os contar, de oito a doze em cada cova. Ocupam-se nisto os negros velhos e fracos de ambos os sexos. Há uma terceira linha de outros que cobrem os grãos com um rodo ou vassouras feitas de propósito. Assim se semeiam e enterram quase no mesmo instante. Requer ser mais, ou menos coberto, conforme for a índole do terreno. (p. 273)</p>
--	--	---

	<p>Cada negro curvado em terra, e provido de uma espécie de faca curva, ou fouchinha, arranca as ervas estranhas, conduzindo com cuidado as da planta, que é o objeto do seu trabalho. (p. 275)</p> <p>Mas a veracidade destes insetos é algumas vezes mais forte que cem braços juntos, e apesar dos esforços do proprietário, para apressar a colheita, favorecida pela atividade dos negros, uma parte da erva que cobria o seu campo, fica sendo presa destes insetos. (p. 277)</p> <p>No momento em que se tiram os raminhos da cepa, se deitam em panos, que se chamam balandras, de uma figura quadrada, que se prende pelas quatro pontas. Nestes em molhos ou feixes, levam a erva aos tanques, ou por negros, ou por animais em pequenas carretas. Cumpre, quanto se puder apressar o transporte do campo a Indigoaria, ou fábrica, e não apertar e machucar a erva nas balandras, porque esta planta fermenta com facilidade, e por pouco que a disponham, a fermentação principiará, ainda antes de a porem nos tanques. (p. 279)</p> <p>Ao depois pensaram unir quatro baldes em cruz, fixos em uma vara, que um só negro pode fazer mover por meio de uma corda presa na extremidade exterior da báscula. Algumas vezes se precisam dois negros; mas como trabalham um ao lado do outro, e como movem o mesmo instrumento, o efeito, produzido então pelos baldes, é necessariamente uniforme. (p. 287)</p> <p>Devem-se procurar muitas vezes os indícios na cor do líquido, quando a sua agitação na taça lhe oferece um grão imperfeito, ou que se forma com dificuldade. Tive em S. Domingos um negro Indigoeiro, que, antes de soltar o tanque, provava a água quatro ou cinco vezes, especialmente, faltando-lhe os sinais ordinários do grau justo de fermentação, lhe pareciam fracos ou equívocos; o sabor particular que encontrava nesta água era para ele um sinal mais justo que todos os outros. Sempre acertava, e quando os meus vizinhos perdiam as suas tancadas, o meu negro tirava um grande partido da mesma erva madura, e cortada no mesmo tempo. (pp. 291-292)</p>
--	---

		<p>Sabe-se estar maduro o grão, e que tem chegado a sua cor perfeita, quando o folículo que os contém se abre de si mesmo. Bastam que um ou dois se acham, para se haverem de colher todo o ramalhete ou cacho, que de ordinário tem oito ou dez, e algumas vezes mais, segundo a idade da árvore, e a bondade do terreno. Os negros maiores e menores se ocupam em abrir as causelas, que o não estão suficientemente, apertando-as entre os dedos, e fazem sair com a unha do polegar os grãos que estão dentro, que põem em cuias ou a metade dos cabaços. (pp. 349-350)</p> <p>Tirado o Urucú da bateria, não se deve logo fazê-lo em pão, mas sim estendê-lo em uma táboa a maneira de uma massa chata, deixando-o esfriar por oito ou dez horas. O negro, que o maneja, e faz os pães, deve ter as mãos levemente esfregadas de manteiga fresca, ou de unto, ou de azeite. (p. 356)</p>
<p>59 - O fazendeiro do Brazil, cultivador, melhorado na economia rural dos gêneros já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fabricas, que lhe são próprias, segundo o melhor, que se tem escrito a este assumpto: debaixo dos auspícios, e de ordem de sua alteza real o Príncipe Regente, nosso senhor. Traduzido de L' art de Lindigotier de M. de Beuvais Raseu. Por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. TOMO II. Tinturaria. Parte II. Cultura da Indigoeira, e extracção da sua secular. Hyacinthum, Purpuro, Coceigera. Anno. M. DCCC. Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.</p>	<p>1800</p>	<p>Páginas: 75, 91, 99, 100, 104, 107, 108, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 128, 129, 131, 133, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 150, 176, 180, 181, 182, 234, 241, 252, 256</p> <p>Uma vintena de negros basta para este cuidado em uma plantação de 50 acres, e para dar que fazer á manufatura; ainda lhes sobejará tempo para plantarem mantimentos para o seu sustento e de seu senhor. (p. 75)</p> <p>A palavra indigoaria serve a designar em geral um terreno em que se cultiva o índigo com edificios, vasos, negros e utensílios próprios a sua fábrica, e em particular se aplica aos tanques de pedra ou alvenaria destinados a este trabalho. (p. 91)</p> <p>Convém supor que se levanta ao depois sobre as paredes Y Est. 4 fig. 5 da bacia uma alvenaria ou cantaria de 2 pés de alto, para servir de reborde a este vaso, o que lhe dá no seu total 5 a 5 e meio pés de alto, principalmente quando se servem de negros e de baldes para baterem o tanque; porque se</p>

	<p>diminuem as bordas de 6 polegadas, quando se fazem mover com rodas. (pp. 99-100)</p> <p>Tendo-se acabado estes trabalhos, se faça por cima do reposadouro um Ajoupa (rancho) fincando-se forquilhas em torno, para por o indigo tirado, e os negros em abrigo. Alguns vizinhos fazem este Ajoupa ou Rancho frande de sorte que por baixo caibam o batedouro e mesmo o infundidouro. (p. 104)</p> <p>Prende-se o balde por uma chavilha, ou torno, que atravessa o fim da vara; ao depois se põem esta vara entre os ramos do candieiro N fig. 1 Est. 4 posta em a altura do apoio, e se segura por meio de uma chavilha de ferro que atravessa tudo, e deixa ao negro que tem o cabo a liberdade de mergulhar e levantar o balde. (pp. 107-108)</p> <p>Ainda que este expediente pareça ser útil, todavia não chega ao que se usa felizmente para destruir a teia, de que o bicho queimador se cobre no topo do Indigo. Consiste em fazer tomar a cada um dos negros uma vassoura de três pés de comprido, composto de ramos folhados, e de lhes fazer passar esta vassoura por cima do tronco dos novos Indigos, estando o sol em toda a sua força, quero dizer entre as 11 e as 12 onde a terra é queimadora, e a terra está ardente, porque assim que a lagarta é ferida pelo violento abalo desta operação, cai na terra, cujo calor em menos de duas horas a mata. (p. 117)</p> <p>Quando se conhece a causa do langor, e do seu definhamento, se cava a terra em os lugares, nos quais os negros enchem os seus cestos, e os vão despejar em algum charco ou vala cheia de água. (p. 118)</p> <p>Os mesmos pretos preferem este trabalho a outro qualquer, apesar da assiduidade, e das contínuas vigílias que eles por seus turnos devem fazer junto as moendas e caldeiras do açúcar, só pelo pequeno proveito da guarapa, que se lhe distribui todos os domingos, e que os outros negros</p>
--	--

		<p>compram para se regalarem com ela, misturando lhe uma certa porção de água, para fazerem a bebida a que chamam rape. (p. 119)</p> <p>Os distritos de S. Domingos em que vi manufaturas mais florentes deste gênero são, Aquino, Nippes, Aria haix, o Boucassin, as Vasos, Mirbalais, as Gonaives, e Artebonite, onde se acham tão grandes, que ocupam de 500 a 600 negros. (p. 119)</p> <p>O Indigo bastardo difere da precedente espécie, sobretudo, pela superioridade da sua grandeza: nasce em toda a parte, mas sempre menos alto em uma terra ingrata. A sua folha de mais longa, e mais estreita que a do Indigo franco, menos grossa, e de um verde muito mais claro, um pouco mais branco por baixo: o reverso dela é guarnecida de pelo sutil, picante, fácil em despegar-se, e incomodo aos negros, que o carregam. (p. 120)</p> <p>Algumas vezes também se vem obrigados pelo excesso das chuvas, sobretudo na primeira estação, de lançar todo um corte; ou porque a sua grã, não tendo bastante corpo, se dissolve nos baldes; ou porque estas chuvas, vindo abater o Índigo em seu estado de madureza, lhe fazem cair todas as suas folhas, de modo que só ficam as vassouras: então por se não ocuparem inutilmente os negros, se faz cortar a erva sem diferir, para se não retardar o seguinte corte. (pp. 121-122)</p> <p>Estando o terreno preparado, os negros A fig. 2. Est. 9, cavam com o canto da sua enxada fig. 4 Est. 9, burados D fig. 2 Est. 9, profundos de suas polegadas, e distantes uns dos outros 8, nos quais se põem 4 a 5 grãos de Índigo, que se cobrem com o pé; monda-se em tendo quatro dedos travessos de altura: repetem-se as mondas as vezes que forem precisas. No fim de 4 meses a flor cai, e dá lugar a vagem. (pp. 128-129)</p> <p>Quando se conhece pelos sinais acima, que está bom para se colher, se fazem trazer os negros em cestos para o lugar onde se devem ajuntar. (p. 131)</p>
--	--	---

		<p>Quando se teme um tal sucesso, se mandam os negros ao lugar da plantação, onde os vão esmagando sem cerimônia com os dedos. (p. 133)</p> <p>Quando se está em termos de cavar os negros A fig. a Est. 9, se dispõem em uma mesma linha á testa de um terreno, medido por todos os lados a cordel, e marchando para traz, ou recuando; fazem pequenas covas D fig. 2 Est. 9, com o ângulo do ferro do seu instrumento, distantes de 5 a 6 polegadas para todos os lados, de profundez quase duas polegadas, e em linha reta, sendo possível, desde o ponto de que saíram; mas os negros raramente serão capazes de observar esta regularidade tão própria a facilitar a monda ou capina. Enquanto os negros abrem as covas, as negras B fig. 2 Est. 9, com uma cuia (a metade de um cabaço) C fig. 9 Est. 9, cheia de grãos lhe vão deixando cair de 5 a 6, e sem medo de erro, as cobrem no mesmo instante, passando lhe o pé por cima, o que deixa menos incerteza do que quando se fazem cobrir por outros, com a plaina cuja expedição na verdade é mais pronta. (pp. 139-140)</p> <p>Certos habitantes, para economizarem o seu grão, e prevenirem a negligência dos negros a este respeito, o misturam com cinza ou areia fina; este último é mais cômodo para as negras, que distinguem e separam melhor o número que julgam conveniente repartir. De ordinário se empregam a metade dos negros a abrir as covas, e outra metade em plantar o grão. (pp. 140-141)</p> <p>Não se pode dispensar de falar neste lugar de um instrumento usado em certos distritos para alinhar, e aligeirar a plantação. Este instrumento de um ancinho A fig. 10, 11, e 12 Est. 9, armado de 9 para 11 dentes, R fig. 11 Est. 9 de ferro direitos, apartados uns dos outros quatro polegadas: a dianteira deste ancinho se compõem de dois ramos E fig. 12 Est. 9, apartados pé e meio, cujas extremidades atravessam uma barra, em a qual de aplicam 3 negros G, fig. 1 Est. 9; a parte trazeira deste ancinho apresenta dois cabos H separados, entre os quais se põem um quarto negro</p>
--	--	--

		<p>1, fig. 1 Est. 9, que dirige a marcha deste instrumento. (p. 141)</p> <p>Estando o ancinho no fim deste lado do pedaço da terra, se volta, pondo-se o primeiro dente no pequeno rego que lhe fica mais perto. Continua-se a lavrar deste modo toda a terra, que por este meio fica toda cavada e pronta com poucos negros, se fosse possível estabelecer sobre este ancinho o mecanismo de algum dos semeadores, inventados por diferentes autores celebres, se poderia dizer que nada faltava a perfeição deste instrumento, e a expedição deste trabalho. (pp. 141-142)</p> <p>O cabo desta vassoura deve ser muito comprido para que os negros lhe façam correr um grande espaço, e se não abaixem muito. (pp. 142-143)</p> <p>Como os negros não guardam simetria alguma, quando abrem as covas para a plantação do Índigo, pisam-no, quando se quer montar, porém, se o terreno não tiver pedras, não lhe farão dano; porque a nova planta se tornará a levantar, ao depois de pancada. (p. 145)</p> <p>Esta obra, tão frequente, é muito penosa aos negros, que são obrigados a estarem sempre com a cabeça baixa, para se aplicarem a este trabalho que se continua, até que o Índigo esteja em estado de cobrir a terra com a sua sombra. (p. 146)</p> <p>Estando cortado o índigo em algumas fazendas, se usa das balandras para se conduzir assim a pequena, como a grande erva: estes balandrás são porções de serapilheira, ou pano grosso, do comprimento de uma vara, e da mesma largura, para que sejam quadrados, em cujos cantos se põem atilhos: cada balandrão cheio faz a carga de um negro. (p. 147)</p> <p>E por isso se devem acautelar as consequências que serão mui prejudiciais a fábrica, fazendo levar sem demora estes feixes pelos negros; mas nas grandes fazendas, onde as indigoarias muitas vezes estão apartadas do lugar, em que se tem cortado a erva, e onde as vezes se fazem 400 ou 500</p>
--	--	---

	<p>feixes, cujo transporte seria tão longo, como trabalhoso, se carregam estes feixes sobre carroças de bestas muares [...] (p. 147)</p> <p>Todos os moradores que tirarem água de um mesmo rio, serão obrigados de enviar uma certa quantidade de negros, proporcionada a quantidade de água que tomarem, para lhe alimparem o leito, os tanques, os canais gerais, mas os tanques e canais particulares, serão entretidos, segundo as mesmas proporções, unicamente pelos negros, dos que se assignarem para tomarem água neles. (p. 150)</p> <p>Basta saber que cada negro de serviço pode custar 1,800 a 2,000 libras, tudo de dinheiro americano, que se reduz a dois terços do seu numerário valor do de França. (p. 176)</p> <p>Cada tancada de 40 feixes ou cargas de um negro, no bom tempo, pode dar 30 arrateis de Índigo, que presentemente se vende em França por 6 até 11 libras da nossa moeda (10,800 a 19,800, o que dá o maior preço a 660 o arratel). (p. 176)</p> <p>[Nota de rodapé] (1) [planta víveres] Termo usado, que compreende todas as plantas de que os negros tiram os seus alimentos. (p. 180)</p> <p>A respeito dos lugares para víveres, fig. 1 Est. 6, regam da mesma sorte que o Índigo, permitindo o terreno. Advirta-se que se está no costume de repartir terras aos negros, para plantarem víveres para si, e para as suas famílias, e se lhe devem distribuir as que não forem nem muito secas, nem muito úmidas: ou também dar-lhe nos altos terrenos para as suas culturas no tempo das chuvas; e outras em terras baixas para o tempo das secas. (p. 181)</p> <p>Vindo o tempo do corte, convém que o fabricante visite todas as Indigoarias, para conhecer do estado em que se acham; e certificar-se de que não vazem, seja pelas torneiras, seja pelas rachas, se os mourões das</p>
--	---

		<p>chaves, e os dos baldes estão sólidos: faz-se também revisão do andaime e fig.2. Est. 4; do poço, e do seu caixilho: arruinada qualquer das suas vigas, basta para matar um negro. (pp. 181-182)</p> <p>M Negro que pega no balde para vasar-lhe a água no canal. N Nedro que faz subir o balde preso em um dos braços da alavanca. (p. 234)</p> <p>E Negros que pilam as siliquas. (p. 239)</p> <p>R Lugar para os negros plantarem os víveres para seu sustento. (p. 241)</p> <p>N Negros que cortam a erva. O Negra que enfeixa a erva. P Negro que carrega um feixe de erva para o tanque (p. 252)</p> <p>S Negro que volta a água para o quartel q por meio da almofada ou embrulho y que ele alonga através do terreno. (p. 256)</p> <p>S Negro que volta a água para o quartel q por meio da almofada ou embrulho y que ele alonga através do terreno. (p. 256)</p>
--	--	---

<p>60 - O fazendeiro do Brazil, cultivador melhorado na economia rural dos gêneros já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fabricas, que lhe são próprias, segundo o melhor, que se tem escrito a este assumpto: debaixo dos auspícios, e de ordem de sua alteza real o Príncipe Regente, nosso senhor. Colligido de Memorias Estrangeiras por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Menor Reformado da Provincia da Conceição do Rio de Janeiro, etc. TOM. II. PART. III. Cultura do Cateiro, e criação da Cochonilha. Anno. M. DCCC. Na Officina de João Procopio Correa da Silva.</p>	<p>1800</p>	<p>Páginas: 132, 191, 193, 194, 195</p> <p>A sua fatura é fácil, o que se convence, pelo que se expôs. Finalmente, lucra-se em as suas colheitas. Que se precisa de fora para o seu estabelecimento? Nada. Que terras se lhe pode sacrificar? As piores, menos as encharcadas. Que negros se lhe podem empregar? Os mais débeis, os enfermos, velhos, mulheres pejadas, crianças. Que trabalhos grosseiros se terão de fazer? Mondar a faca as hervas da nopalaria: todo o negro é capaz disto. Que trabalhos se hão de fazer quando as cochonilhas mais parem? Apanha-las, meter em ninhos, fixa-las em os nopaes: eis-aqui a cochonilha semeada: colhe-la, mata-la em água quente, estendê-la ao sol, para a fazer secar: eis aqui todo o trabalho e nenhum é penoso. (p. 132)</p> <p>Em Porto do Príncipe um negro cabelereiro, cozinheiro doméstico se aluga por menos de 45 libras ou cinco piastras gordas, que fazem cinquenta e cinco reais de prata, o que quer dizer, por menos de dois reais de prata por dia. (p. 191)</p> <p>Ora, comendo ele uma galinha por um real, e tordilhas por meio real, ou pão espanhol por dia, sem contar o seu chocolate, o seu sustento é muito melhor e mais regalado que o do negro (1). (pp. 193-194)</p> <p>[Nota de rodapé] (1) É preciso supor que o índio, que come galinha, esta a cria ele mesmo; e que nunca tem necessidade de a comprar. Os negros da colônia estão no mesmo caso. (p. 194)</p> <p>Qual é o sustento do negro em S. Domingos? É o inhame, a batata, a banana, a mandioca. Somente se dá a qualquer negro doméstico meio real para comprar esta qualidade de víveres: ora, meio real é mais baixo em Porto Príncipe trinta por cento que em Guaxaca; pois que em Porto Príncipe ele é a 22 da piastra gorda, e em Guaxaca a 16. E assim, quando o que é</p>
--	-------------	---

	<p>falso, um índio, um homem livre de Guaxaca só vivesse de um meio real de prata por dia, o seu sustento seria mais caro realmente que o de um negro da colônia francesa de S. Domingos. (p. 194)</p> <p>Mas o sustento de dois negros não chega ao fazendeiro de S. Domingos a meio real: porque somente nas cidades se dá dinheiro aos negros domésticos para comerem: e que, geralmente, os negros cultivadores se sustentam pelos muitos víveres que o terreno produz. (p. 194)</p> <p>Está conseqüentemente demonstrado que o negro de S. Domingos vive infinitamente melhor com seu senhor que o índio livre de Guaxaca, o mais miserável: o preço de sua mão de obra é muito mais baixo. (p. 195)</p> <p>Mas para que fim se quer estabelecer uma comparação entre o pobre índio livre, e o negro escravo de S. Domingos pelo preço do sustento, e o da mão de obra com o desígnio de examinar se se pode sustentar a concorrência com os Espanhóis na criação da cochonilha fina? (p. 195)</p> <p>O índio livre, e que tem bens, tem lucro em cultivar a cochonilha. Isto não é tudo. O governador da província, o da cidade, o alcaide maior, o seu ajudante, ou tenente, o índio ou o negro Alcaide ordinário tem proveito em a comprar, e em a monopolizar do cultivador por avances usuários e pérfidos, e por compra prematura e antecipada. (p. 195)</p>
--	---

<p>61 - O fazendeiro do Brazil, cultivador, melhorado na economia rural dos gêneros já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fabricas, que lhe são próprias, segundo o melhor, que se tem escrito a este assumpto: debaixo dos auspiciosos, e de ordem de sua alteza real Príncipe Regente, nosso senhor. Colligido de Memorias Estrangeiras por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. TOMO III. Bebidas alimentosas. Parte I. Anno. M. DCCC. Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.</p>	<p>1800</p>	<p>Páginas: 12 [do PDF], 26, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38, 39, 43, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 90, 141, 178, 231, 232</p> <p>A importância deste objeto para o comércio é tanta, quanta talvez não acertarei a dizer, por me faltarem dados próprios para a poder calcular; mas seguramente posso afirmar, fundando-me nos mesmos autores que copio e traslado, que, apenas descoberto na Ásia na época em que prefixam o seu descobrimento, foi tão grande a sua aceitação, que deu ocasião a todas as lides já políticas, já religiosas que se excitaram entre os mesmos asiáticos sobre o seu uso; que apenas se passou pelos venezianos o seu conhecimento à Europa, esta o abraçou com tanta ânsia, que parecia confluírem para a Arábia todas as riquezas, o que obrigou a dizer a João Ray, a pouco mais de cem anos, que a Arábia não só era feliz, mas felicíssima; pois com o seu café atraía imensas riquezas de todo o mundo: inde immensae opes, ut fere totius orbis divitiae in eo confluant; que se faz incrível o número das casas de café, não falando em constantinopla, Londres, e Paris, pois só em Berlim, por um édito régio, anda o seu gasto por 700 para 800 mil escudos; e na pequena cidade de Mons em França passa de cem mil arráteis, o que se vende ao povo anualmente, segundo Eloy; que as três nações Europeias, que mais se empenharam na cultura desta planta foram os ingleses, franceses e holandeses; os primeiros entre estes esperavam em 1797 a colheita de 16 milhões de arráteis, e tinham 20 mil escravos aplicados a este trabalho, que é 18 vezes mais do que a colheita de 1783, e 7 vezes mais que a do último ano, e nos segundos andava a colheita em 70 milhões, antes da rebelião dos escravos; que tendo estado na última década deste século todas estas colônias, cultivadoras do café, perturbadas com a desastrada guerra, e ainda os mesmos Árabes, não pode deixar de ser imenso o vão que há na Europa a encher deste gênero [...] (página 12 do PDF)</p> <p>P. Sustento dos escravos no 1º ano, antes de colherem mantimentos, fora outras desprezas anuais, carregadas adiante..... 500/total:10960. (p. 26)</p> <p><i>Observações pertencentes a cultura do café, em a ilha de S. Domingos, e</i></p>
---	-------------	--

	<p><i>do seu aumento provável em Jamaica, no caso de não ser abolido o negócio dos escravos pelo ato do parlamento, por Samuel Vaughan Esq. (Subtítulo, p. 29)</i></p> <p>A parte francesa da Ilha de S. Domingos exportou em 1770 cinco milhões de arráteis de café; em 1784 por causa de um prêmio de 40 L. por tonelada, que se concedeu aos navios que lhe levassem escravos; e em 1786 por outro prêmio de 200 L. por cabeça de escravo, que se transportasse a esta Ilha. Chegou a soma destes a aumentar-se anualmente 12 a 15 a 25 a 30 mil, e por efeito deste aumento de africanos trabalhadores, a colônia fez um progresso mui rápido em todas as suas culturas, mas creio que a do café a tudo excedeu; porque a exportação deste artigo em 1789 se aumentou acima de 76 milhões de arráteis, que avaliadas pelo preço atual (90 xel. por quintal) chegou L. 3:420000. (pp. 29-30)</p> <p>Estavam nesta situação, quando principiaram os distúrbios de S. Domingos. São passados 16 meses do princípio desta rebelião, e pelas respostas dadas de muitas freguesias, se mostra que 21011 escravos se acham empregados na cultura do café em Jamaica. Eu quero supor consequentemente que um quarto destes podem ser ocupados em outros objetos que tenham conexão com o café; e que hajam de ficar 15759 escravos aplicados somente em sustentar este artigo, o qual, segundo o cálculo comum, quando as plantas estiverem no seu perfeito crescimento (em 1797) poderão dar o rendimento de quase 16 milhões de arráteis, que é dezoito vezes mais do que rendia em 1783, e sete vezes mais do que no último ano pode-se ainda acrescentar a isto [...] (p. 32)</p> <p>Mas este novo e importante comércio depende absolutamente da importação dos escravos. O aumento da cultura do café, ao ponto que aqui se aconselha, é na ocasião presente de uma particular consequência por outros dois motivos, ou pontos de vista 1.º; porque aumentará o número da classe mediana de brancos, os quais ainda que não sejam ricos demasiadamente, para viverem em um país distante [...] (p. 33)</p>
--	--

	<p>As fazendas ou sítios dos montes, sendo mais saudáveis, geralmente aumenta mais a população dos pretos do que as terras baixas. A primeira circunstância aumenta a nossa segurança, tão necessária presentemente; e que, em todos os outros períodos, debalde se esperaria conseguir por outros meios. 2.º porque manifesta um plano da abolição do comércio de escravos, o que em breve tempo por causas naturais, pouco a pouco se conseguiria, sem dar motivos de justa queixa a qualquer corporação humana. (p. 34)</p> <p>Hoje isto está mudado e bem diferente</p> <p>(*) Cito o este por preferência, por ser um dos primeiros que o plantaram, e por se fazer uma fortuna tão rápida que foi admirada de todos; mas os pretos, que lhe fiaram, não contribuíram pouco; porque com um pequeno número destes, pode-se os dois primeiros anos plantar e entreter seis vezes tantos cafezeiros, quantos se poderiam colher. Ora, se quando eles são rendosos se afixam escravos suficientes para os colher, não será dificultoso de se enriquecer: com este avanço se empreende o dobro, e sucessivamente se vem em estado de fazer uma fortuna rápida. (Nota de rodapé, p. 37)</p> <p>do ano de 1753; porque sem dinheiro de contado nada de escravos; e ainda por preços bem exorbitantes, a 1500 para 1600 libras cada um, para isto é preciso dar um terço a vista, e o mais fiado, daí a 3 meses debaixo de boa, e suficiente calçam, de modo que se faz preciso que o principiante tenha uma grande economia, para poder adiantar-se; e por pouca família que tenha, pode contar o trabalhar até a velhice. (pp. 37-38)</p> <p>Mas lisonjeiam-se sempre, e o francês é mais engenhoso que nação alguma em engrossar os objetos; pois nenhuma goza de uma imaginação mais rica que eles. Apenas calculam o rendimento de um certo número de pés de cafés, cultivados por uma certa quantia de escravos, quando já se contemplam senhores de uma renda fixa, copiosamente proporcionada as</p>
--	---

	<p>suas faculdades; porque tudo julgam proveito, e nada perda. E no fim da conta o que acontece? O mesmo que ao mercador de vidros, que se refere no livro Mil e uma noites. (p. 39)</p> <p>É fácil de se conhecer, pelo que se acabou de dizer que o terreno dos morros não é de longa duração; e por isso para se lhe prolongar o gozo, se faz indispensável proibir aos escravos barbechar, ou arrancar as raízes das árvores que lastram sobre a terra e totalmente se entrelaçam ao depois das derribadas. (p. 43)</p> <p>O sazonalimento deste fruto se conhece pela cor vermelha. De ordinário, isto acontece nos fins de setembro, no tempo das vindimas; e no qual também nós o vendimamos, e continuamos sem parar até o fim do ano: mas se o cafezeiro está em a sua 1 e 2 novidade: pelo mês; já desde julho se pode começar. Neste tempo se dá um intervalo de algumas semanas, no qual se aplicam em alimpar o lugar; porque quando se está na maior força da colheita, não se pode deixar esta um só instante, sem experimentar uma grande perda. Os pretos, aplicados a este trabalho, se provém cada um de seu cabaz, quase como os nossos de vimes usados nas vindimas, em o qual fazem cair o café no mesmo tempo que o vão apanhando. Apenas se enche o cesto, se vai despejar em outro maior, de que cada negro tem um, que há de fazer a sua carga. Nestes levam eles o café ao moinho, ou engenho. Recomende-se aos escravos de tirarem o fruto somente; e de deixarem o seu pezinho pegado ao ramo, pelo não descascar, o que faria mal a árvore. (p. 72)</p> <p>§ XXVIII. Disposição na casa do Engenho</p> <p>Estando os certos cheios, cada negro carrega o seu e o despeja em espécies de separações em forma de cofres praticados em os lados da casa, e qualquer destes pode conter maior quantidade de café doo que os pretos podem apanhar diariamente. A noite fechada, ao depois da reza, se dispõem o número de pretos necessários para o passarem pelo engenho. Bastam 7, e</p>
--	---

	<p>todas as noites, ou serões, devem ser revezados ou substituídos por outros tantos, e no entretanto aqueles vão as suas senzalas dispor a comida, para os que ficam no trabalho de maneira que, estando este acabado, a achem feita totalmente. As mulheres são ordinariamente as incumbidas desta segunda parte. (p. 74)</p> <p>Há um quarto escravo, posto no alto da tremonha, para dar de comer ao engenho, e lhe vai botando o café a medida, que ele o vai engolindo. (p. 75)</p> <p>Quando se tem achado um ponto fixo, se continua o trabalho, até que a caixa do engenho esteja cheia, então se para, e se vaza nas bacias, coches ou barricas, de que se usa. Assim se prossegue até o fim. Feito isto se repassam os mesmos frutos segunda vez, para acabar de os purgar do resto do café que ficou pegado, então se abre uma pequena porta, praticada defronte do engenho, por onde as cerejas passam, quando caem, e que os negros arremessam quatro passos de distância pelos não incomodar. (p. 77)</p> <p>§ XXXI. Meios para acautelatar os escravos de muitas moléstias.</p> <p>Como todos somos interessados na conservação dos nossos escravos, e de que eles gozem de uma saúde vigorosa, tanto quanto está em nosso poder, é preciso ser cuidadoso de os defender das injúrias do ar. As estações das colheitas são muito chuvosas, e mui cheias de orvalhos: e por isso não há cafezeiro algum que não esteja ensopado até as 8 e as 9 horas do dia. Ora, sendo notório que os escravos principiam este trabalho as 5 horas da manhã, serão todos os dias molhados, como os patos, o que não pode deixar de gerar diversas moléstias perigosas, ou arriscadas, cujas conseqüências podem vir a ser muito sérias. Para remediar estas sortes de inconvenientes, temos cuidado de os prover a todos (assim negros como negras) de boas casacas de pano grosso feitas a Bavara, isto é, dobrando-as nos peitos, e sobre as quais pode a água correr, mas não penetrar. O que lhes serve de</p>
--	---

	<p>preservativo contra os catarros, defluxos e frialdades, a que eles são muito sujeitos sem esta precaução. Os engenhos dão um trabalho, que lhes faz correr o suor em bicas; e se, estando quentes, saírem fora, não escrupulizaram beber um copo de água, logo que a encontrem. Nada mais precisam para um defluxo de peito. Para acautelar este acidente, dai-lhe um bom copo de água-ardente da terra, de que eles são muito amigos: com isto eles se vão contentes, e pelo maior interesse não beberiam água depois; pelo receio de não diminuir o ardor do liquor, que os satisfaz; e que neste caso lhe é um remédio soberano. (pp. 78-79)</p> <p>No tempo da colheita se necessita de toda a gente. Então não há um que seja demais. Um escravo de menos no espaço de 15 dias somente faz um objeto de 12 barris de café em frutos, (que podem dar 200 arraéis de café limpo) de menos pela ausência de um só escravo. Que será quando faltarem muitos? O café não espera pela nossa comodidade para amadurecer: segue sempre seu trilho. As chuvas o derribam, as correntezas as arrastam e levam após de si: e tudo isto é perda. Precisa-se consequentemente aproveitar estes momentos preciosos. E por isso desprezar os escravos em tais apertos; desviá-los tão desacertadamente, não pode fazer conta alguma ao granjeiro: seria fazer muito mal o serviço. Ora, longe de os desviar, deve diminuir a metade dos domésticos. Logo que o café estiver recolhido no armazém estará seguro: enquanto porém estiver na árvore, estará sempre arriscado. Assim todo o grandeiro sábio e avisado, que conhece os seus interesses, evita quanto pode tudo o que se opõem ao adiantamento da sua colheita. (pp. 79-80)</p> <p>Apenas o sol entrar a aquecer, principiar o seu trabalho, cada um tem a sua mão ou soquete, e lhe dá uma pancada medida e revezada com o outro, e por este modo se descasca o café da sua aralha ou pergaminho, que se despega sem grande trabalho; pois que 15 escravos em um dia podem muito bem pilar ou esbulhar dois milheiros. Esta facilidade tida em pilar mostra evidentemente que a despesa de um engenho é supérflua. Todavia, os que o</p>
--	--

	<p>possuem, podem, entretanto, ocupar os seus escravos em outro serviço, vantagem sobre que não conto muito a meu ver. (p. 86)</p> <p>§ XXXVI. Rendimento do Café.</p> <p>Calculamos as produções dos nossos rendimentos pelos cafeseiros que julgamos que podem dar um arratel cada um de café. Dão-se alguns que produzem muito maior quantidade; e outros menor, mas para se poder fazer um justo equivalente, não se poderia sem se afastar da verdade, dar-lhe uma maior estimação ou valor: bem entendido que não é preciso meter em linha de conta os que excedem a sua quarta colheita; e quando com cem escravos se faz cem milheiros de café, se mantém bem o lugar, o grangeiro não tem razão de se queixar. Mas antes de ter adquirido este número de escravos e os animais necessários para o serviço de sua fazenda e granja, pode contar o conseguir ao retorno da idade. Se ele não tem tido ganhos racionáveis para começar, então também não os começará a gozar. Quantos negros, novamente chegados ao país, morrem sem terem dado algum serviço a seus senhores; e que algumas vezes, saindo do navio onde se compram, caem de repente mortos, pondo os pés em terra? Que grosseiras perdas senão fazem quando acontece que algumas moléstias epidêmicas atadas, acontece que algumas moléstias epidêmicas atacam uma fazenda! As bexigas, os catarros, os defluxos de peito, as boubas e outros males venéreos, que são tão ordinário na vida libertina, que eles passam. Não há dia, nem ano, que em uma fazenda não haja na enfermaria 8 a 10 negros doentes. E quando os catarros são frequentes, não se poderia fixar um número certo. (pp. 89-90)</p> <p>Há às vezes nesta ilha secas que ocasionam incêncios muitas vezes pela malícia dos escravos. (p. 127)</p> <p>Se o terreno for limpo, como eu disse, se gozará da vantagem de poder plantar o cafezal a cordel. Este modo de por as mudas faz primeiramente</p>
--	---

	<p>mui agradável e vistosa a perspectiva da fazenda: e além disto dá outra utilidade, por meio as avenidas, ou aleias que formam esta disposição de poder o senhor ver com facilidade o trabalho de todos os seus escravos: utilidade que se não encontra em um terreno cheio de árvores em pé, ou deitadas. (p. 128)</p> <p>Uns o plantam com a caracoã, outros a enxada. Aprovo este último modo. O péfica muito mais bem enterrado; as raízes mais bem cobertas, e se deve esperar que o cafetal haja de ter todo o seu bom sucesso. O caracoã, pelo contrário, tem seus inconvenientes. O escravo, ou não faz</p> <p>Por baixo destes cadafalsos se estendem grandes panos sobre os quais os negros, que estão no alto, despejam lentamente os seus sacos, pondo a boca destes para a parte do vento. A isto chamam aventar. O vento leva a aralha, a moinha, e os grãos de café caem isolados nos panos. (p. 141)</p> <p>Para se lhe tirar a polpa os negros convalescentes, ou enfermos, passam um cilindro de pai por cima da cereja quando está vermelha. (p. 178)</p> <p>Uns o plantam com a caracoã, outros a enxada. Aprovo este último modo. O péfica muito mais bem enterrado; as raízes mais bem cobertas, e se deve esperar que o cafezal haja de ter todo o seu bom sucesso. O caracoã, pelo contrário, tem seus inconvenientes. O escravo, ou não faz o buraco tão profundo como deveria ser, ou o faz mais do que devia. (pp. 129-130)</p> <p>Finalmente, no fim de três semanas, os que só estiverem amarelos estarão perfeitamente de vez. Esta terceira colheita de ordinário costuma ser mais abundante: e tendo o cafezal quatro ou cinco anos é comum ver um escravo encher dois grandes sacos por tarefa de um dia. (p. 133)</p> <p>A maneira de secar o café não requer menores cuidados que os do colher. A proporção que os escravos chegam carregados, o devem conduzir a plataforma construída para secar e enxugar. Fazei que despejem os seus</p>
--	---

	<p>sacos em um só monte, sem o estender. (p. 134)</p> <p>O cafezal, que se entretém desta sorte, fica sendo muito belo e vistoso; e se facilita a sua colheita; porque os seus ramos mais altos ficam ao porte dos escravos. (p. 137)</p> <p>Cada pilão será entregue a dois escravos, postos um em frente ao outro, que farão cair arrevesadamente as mãos com que pilão. Não se deverá começar a pilar senão estando o café que estiver na plataforma, aquecido pelo sol. Então um destes escravos enche um saco, traz ao rancho e provê o pilão, advertindo de não encher mais da metade do seu vão. (p. 140)</p> <p>Cada pilão será entregue a dois escravos, postos um em frente ao outro, que farão cair arrevesadamente as mão com que pilão. Não se deverá começar a pilar senão estando o café que estiver na plataforma, aquecido pelo sol. Então um destes escravos enche um saco, traz ao rancho e provê o pilão, advertindo de não encher mais da metade do seu vão. (p. 140)</p> <p>Tendo-se pilado todo absolutamente, arma-se um cadafalso (girau no Brasil) de sete para oito pés de altura, exposto ao vento, sobre o qual sobem dois ou três escravos, aos quais outros entregam os sacos cheios de café pilado. Por baixo destes cadafalsos se estendem grandes panos sobre os quais os negros, que estão no alto, despejam lentamente os seus sacos, pondo a boca destes para a parte do vento. A isto chamam aventar. O vento leva a aralha, a moinha, e os grãos de café caem isolados nos panos. (pp. 140-141)</p> <p>Então os escravos, armados de varas, bateram todo o terreno igualmente. (p. 142)</p> <p>Quero supor que ele começa o seu trabalho com vinte escravos: que ele nos dois primeiros anos derruba dez quadrados e planta a metade destes de café, terá plantado um cafezal de 40 mil pés, o resto, que sobra, será empregado</p>
--	--

	<p>nas roças dos escravos, na plantação de outros víveres, se quiser observar esta economia escrupulo a mente, terá, com toda a segurança, terra para cinquenta anos. Seus netos ainda gozarão dos efeitos da sua bondade. (p. 154)</p> <p>Ainda se dá outra consideração que tem o mesmo peso, vem a ser que a cultura do café pode ser levada a um tal ponto que possa fazer subsistir os fazendeiros pobres, e alguns artigos semelhantes, particularmente o algodão, com pequeno fundo de cabedais, e sem despesa de muitos escravos. O fazendeiro rico pode demais fazer açúcar. A despesa de negros, gado, engenhos e outros requisitos das fazendas de Açúcar é compreendida. Se tiver alguma propriedade de terras, por um ou outro meio se vê muitas vezes obrigado a vende-las a algum vizinho mais rico, e mudar-se para outro bairro, menos desfavorável as suas atuais circunstâncias. Deste jeito se despovoam pouco a pouco as ilhas de vizinhos brancos. Isto os indispõem para poderem subjugar dentro a insurreição dos seus negros, e também para se oporem a qualquer invasão hostil que possam ter de fora. (pp. 231-232)</p> <p>Consequentemente os vizinhos desta ilha acham maior conveniência em estabelecer as suas granjas desta planta em um terreno mais rico; e as pessoas que tem o pequeno e delicado café são aquelas que possuem terras más, e não tem um suficiente número de braços ou escravos para o menear, e beneficiar. (p. 242)</p> <p>Também o francês importa pasmosas quantidades das ilhas de Bourbon e Maurícia, onde compram baratos os escravos de Madagascar. (p. 260)</p> <p>As suas perdas em escravos e bestas foram imensas, em razão do embaraço da cultura das ilhas, cobertas totalmente de matos e consequentemente húmidas e pouco sadias pela falta de sustento e de abrigo para os sobreditos escravos e gado. (p. 262)</p>
--	--

		<p>Todos procuram repartir as suas propriedades e, por consequência, fornecerão meios de subsistir a um maior número de habitantes brancos, aumentando com isto as forças das ilhas e dispondo-as, para que melhor possam defendê-las, assim das violências dos de fora, como dos levantamentos domésticos dos escravos. (p. 263)</p>
<p>62 - O fazendeiro do Brazil, cultivador melhorado na economia rural dos gêneros já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fabricas, que lhe são próprias, segundo o melhor, que se tem escrito a este assumpto: debaixo dos auspiciosos, e de ordem de sua alteza real Principe do Brazil, nosso Senhor. Traduzido do fazendeiro de café da ilha de S. Domingos (The Coffee planter of Saint Domingo By P. J. Laborie L. L. D.) por Antonio Carolos Ribeiro D' Andrade, Bacharel em Leis, e Filosofia. TOMO III. Bebidas alimentosas. Parte II. Publicado por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Anno. M. DCC. XCVIII. Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.</p>	<p>1799</p>	<p>Páginas: 12, 15, 16, 19, 20, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 32, 38</p> <p>O clima das montanhas, ainda que muito chuvoso, é sadio; mas provindo a mor parte das moléstias, a que os negros são sujeitos do frio e humidade; por conseguinte os negros d'África sofrem particularmente na mudança de clima enquanto se não afazem. (p. 12)</p> <p>Resulta, pois, do que tenho dito, que o homem que tem em vista estabelecer uma plantação de café depois de maduramente pesar as observações gerais acima apontadas, obrará com mais prudência se antes de concluir o contrato de compra, visitar ele mesmo as terras, levando consigo dois ou três negros com provisões e instrumentos para poder explorar do melhor modo possível as qualidades do terreno e as circunstâncias da fazenda que tem tenção de comprar. (p. 15)</p> <p>Primeiramente, se uma estrada lhe passar pela fazenda, deve fixar sua morada a alguma distância para não ser perturbado pelos passageiros ou em sua pessoa, ou na ordem interior e administração de seus negros. De uma</p>

		<p>semelhante posição nascem poucas vantagens e muitos inconvenientes. (p. 16)</p> <p>Sejam quais forem as circunstâncias do plantador em matéria de fortuna, eu não aconselharia a pegar um estabelecimento com grande número de negros, particularmente se tem necessidade de acarretar de muito longe as provisões e mais coisas necessárias, e não pode tirar de alguma plantação vizinha abundante suprimento de víveres. Se não tem este suprimento, seis e quando muito doze negros com uma ou duas negras são bastantes para fazer o primeiro ensaio. É também necessário que dê providências para os sustentar com certeza e abundância, para o que deverá bastecer se de mantimentos em alguma das fazendas vizinhas. Nos começos do estabelecimento deve se a cada negro fornecer de uma enxada, um rapador, um machado e de um podão (Estampa I fig. 1, 3, 5, 6) dois pares de vestiduras, uma jaqueta, um chapéu e provisões proporcionadas (p. 19)</p> <p>De mais, deve o senhor do estabelecimento ter um machado de reserva para cada negro, e igualmente os mais necessários instrumentos de carpintaria; como uma serra, uma verruma, um nível, um martelo, uma machadinha, dois furadores, uma machada de tanoeiro, uma goiva, uma pedra de fiar com seu cabo, e provisão de pregos de diferente lote. Quanto a seus víveres e conveniências próprias, deve supor-se que não os esquecerá; só lhe recomendarei que se não sobrecarregue. (pp. 19-20)</p> <p>Este é também o período em que lhe é necessária uma compassiva e industriosa atenção para encorajar seus negros. Se sente em si mesmo o prazer que nasce de plantar e criar, não se queixará das fadigas pessoais, trabalho e (não lhe oculto) da abnegação própria; e posso acrescentar que, uma vez que se entranhe por sua ocupação, encontrará, talvez, em seus solitários empregos uma satisfação em si mesmo, e inocentes prazeres e consolações. (p. 20)</p> <p>Deve-se ordenar aos negros que as cortem o mais baixo, que sem dano se</p>
--	--	--

		<p>poderem, mas que não arranquem as raízes, pois que preservam a terra durante o primeiro período de cultura. (p. 23)</p> <p>Devem separar-se os negros em duas ou três bandas, e porem-se em distâncias em que caíndo as árvores da outra banda não as possam apanhar. Convém cortar a árvore pelo lado mais baixo para determiná-la a cair para o declívio. É preciso vigiar atentamente o cair das árvores para se segurarem os negros a tempo. Algumas vezes os ramos menores e maiores das árvores estão tão enredados por plantas reptantes, ou cipós, que ainda depois de inteiramente cortados doze ou mais não caem. É, então mais necessária atenção, pois que o perigo aumenta e antes do geral estrondo da queda, devem-se os negros retirar a certa distância. (p. 24)</p> <p>Sei muito bem que isto se praticou com sucesso nas plantações em que havia grande número de braços, e onde os cafezeiros se plantavam a grande distância: mas não me aventuraria a fazer experiência deste projeto no primeiro estabelecimento em que se empregam poucos negros, e se deve utilizar de todo o terreno para haver de ter um amplo e pronto suprimento de provisões e vegetais de todas as sortes. (p. 27)</p> <p>O outro, que é menos variável, por ser para uso dos negros, consta de uma régua. (pp. 28-29)</p> <p>Um negro levanta o nivel, e fixando-o na abertura do caminho, outro com um malho, e umas poucas de estacas rachadas obtusamente, do comprimento de quinze polegadas, põem uma delas exatamente debaixo de ambos os pés do nivel; o qual avança, fincando o pé de trás posto sobre a estava de diante, no entanto que o prumo assinala o lugar próprio em que deve ficar o pé de diante: quando se firma este, o segundo negro finca outra estava exatamente debaixo dele, sempre com o lado obtuso voltado por cima, e assim por diante. (p. 30)</p> <p>Primeiramente os caminhos abriram-se, e concertavam-se por uma</p>
--	--	--

	<p>contribuição proporcional de trabalho dos escravos juntos, a que os franceses chamam corveias, para o que também assistia o governo, e posto que ainda em 1788 se não podiam dispensar estas contribuições, para abertura de novas estradas, contudo os últimos regulamentos assinaram a cada plantador para a cuidar certa porção das estradas públicas, proporcionadas ao número de seus negros, e a qualidade da estrada que lhe couber. (p. 32)</p> <p style="text-align: center;">XXIV. Árvores frutíferas</p> <p>Também se devem por na borda dos caminhos as árvores frutíferas, tanto naturais, como estrangeiras; as que vem mais cedo, melhor. É bem verdade que o senhor com dificuldade se aproveitará dos frutos, porque os negros os furtaram ainda antes de amadurecerem. Porém só a vista paga o trabalho, quanto mais que o que serve para os escravos não é inteiramente perdido para o amo, pois se em outro tempo quiser formar um pomar fechado, terá árvores já crescidas e capazes de transplantar-se. (p. 34)</p> <p>O plantador deve arrear de suas plantações de café quase todas as demais plantas, especialmente o tabaco de cuja cultura os negros gostam muito; porém que multiplica em demasia, e cansa de todo a terra do mesmo modo todas as plantas que produzem provisões ou mantimentos, que quando se arrancam fazem o terreno muito solto, e esgotam lhe os sucus; e ultimamente todas as plantas reptantes, como melões e inhames de toda a casta, batatas, abóboras e melancias com a imensidade de ervilhas de que o país abunda. (p. 38)</p> <p>Só nas terras de mui pequeno declínio pode-se conseguir um arranjo regular e simétrico no dispor os lugares para edifícios, as campinas ou pastos, terras para mantimentos para o amo e escravos, prados e terras de café: esta singular felicidade é rara. (p. 50)</p> <p>Todo este trabalho de preparação é feito pelos escravos de casa, pelos</p>
--	--

		<p>rapazes que ainda vão ao campo, mulheres pejadas ou que estão a criar. Ultimamente as criadas e criados que servem o hospital, ajudam a varrer o café para os <i>bassicots</i>, e daí para as plataformas. (p. 86)</p> <p>XXX. Officiaes.</p> <p>Se o plantador não tiver oficiais próprios, como é provável por ser raro que os escravos tenham bastante habilidade para obras difíceis; ou se não poder, por sua própria indústria, trabalhar sem eles; pode facilmente achá-los com os pedreiros a tanto por braça de obra, com os carpinteiros que também são geralmente telhadores, a um preço certo por mês, ou por ano, ou por obra; ultimamente com os que fazem ripas a tanto por milhar. (p. 97)</p>
<p>63 - O fazendeiro do Brazil, cultivador, melhorado na economia rural dos gêneros já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fabricas, que lhe são próprias, segundo o melhor, que se tem escrito a este assumpto. Debaixo dos auspícios, e de ordem de sua alteza real o Príncipe Regente, Nosso Senhor. Collegido de Memorias Estrangeiras por Fr. Jose Mariano da Conceição Velloso. TOMO III. Bebidas alimentosas. Cacao. Parte III. Lisboa: Na Impresan Regia. Anno 1805. Por Ordem Superior.</p>	<p>1805</p>	<p>Páginas: 9, 20, 45, 72, 170, 171, 177, 228</p> <p>Eu acrescentarei aos meios que da este autor, a plantação da taquara ou bambu. Esta cana cresce muito depressa, e sobe a grande altura, fornece muito; e pelo seu socorro os holandeses no Cabo da Boa Esperança guarnecem as suas plantações. As suas folhas são utilíssimas para pasto dos animais, e os negros são amiguíssimos da medula esponjosa desta árvore. (p. 9)</p> <p>Avaliando-se o produto de cada árvore em dois arráteis de amêndoas secas, e seu valor pela renda de sete soldos, se lucrará quinze soldos de cada árvore. Vinte negros podem muito bem cuidar em cinquenta mil cacauzeiros. (p. 20)</p> <p>Ainda aqui não está tudo: a utilidade das bananeiras, para o sustento dos escravos, basta para indenizar de todas as despesas que esta granjearia houver de fazer ou custar, de maneira que o rendimento do cacaaosal ficará todo em favor ou benefício de seus donos; porque as bananeiras, sendo</p>

	<p>cortadas no fim de um ano, repularam com renovos, que tornaram a dar frutos no fim de oito meses ao depois, e que continuamente os darão para o sustento dos escravos, até que os cacauzeiros cheguem ao estado de poderem produzir, o que quer dizer, passados três anos ao depois de terem sido plantados. (pp. 42-43)</p> <p>Gastam-se quatro meses ordinariamente da flor ao fruto. Conhece-se facilmente quando chega a este ponto, pela cor da sua casca que amarelece no lado exposto ao sol. Para se colherem estes frutos, se põem em cada fileira, ou enfiada de árvores, um negro com o seu jacá ou cesto, o qual tira todos os que estão maduros, e deixa os que ainda não estão. (p. 45)</p> <p>Penderam talvez que o método que acabo de prescrever, requer um trabalho considerável, tedioso e que exige uma grande multidão de escravos; mas quem não vê que isto é um grande erro, pois estou certo que cinco ou seis escravos bem instruídos conservarão um cacauzal de dez mil plantas muito bem. E que tem que ver este pequeno número de escravos que cuidam na cultura de uma granjeada de cacau com o número de homens que requer a cultura de cana e do açúcar na mesma extensão de terreno. (pp. 49-50)</p> <p>Em um cacauzal bem alinhado a cordel, os escravos não podem evadir os olhos do seu senhor, ou do seu feitor. (p. 59)</p> <p>Um escravo faz trinta destes cestos por dia. Mandam-se se levar os grãos em lugar onde as formigas lhe não hajam de dar; pois tendo a muda adquirido certa força, está menos exposta a ser danificada pelas formigas ou outros insetos. (p. 60)</p> <p>Quando os escravos colhem as cabaças de cacau, se faz indispensável embarçar-lhes a que não hajam de abalar e sacudir as árvores; porque estando elas carregadas de flores, como acontece muitas vezes no tempo da colheita, se as chegam a sacudir com os seus podões encabados, lhes lançam por terra as flores, e assim as vem empobrecer de frutos na futura</p>
--	--

	<p>colheita, na qual ficam privadas dos frutos que dariam estas flores. (p. 62)</p> <p>O cacau é, ao depois do algodão, o gênero de maior facilidade para se cultivar e fabricar, sobretudo, para aqueles que se sentem com falta de meios ou de escravos para empreenderem outras coisas. (p. 64)</p> <p>Convém que as áleas, avenidas ou ruas que houverem de formar as fileiras das plantas sejam as mais diretas que for possível, não só em razão da formosura e beleza que lhes deve resultar deste alinhamento, mais ainda pela maior facilidade que certamente este dá ao trabalho dos escravos para colherem mais comodamente as suas amêndoas. (p. 68)</p> <p>Para se fazer esta colheita, se dispõem os negros que se determinam para este trabalho, um a um, em cada fileira de árvore. Cada negro tem seu cesto, e conforme a fileira, em que se pôs, colhe todos os frutos que estão maduros, sem tocar nos que ainda não estão, ou tem necessidade de algum tempo mais para o ficar. (p. 72)</p> <p>Nisto não se deve empregar algum instrumento de ferro, nem se sacudir a árvore: quebra-se tão somente o pezinho da fruta, que se prende a árvore, torcendo-o um pouco com uma pequena forquilha ou forçado de madeira, e arrancando-o. A proporção que os negros tem cheio os seus cestos, os trazem a uma das extremidades do cacauzal, onde amontoam tudo quanto colhem. (p. 72)</p> <p>O rendimento de um cacauzal ou de um vergel de cacaos é muito grande; e a sua despesa muito limitada. Vinte escravos bastam para conservarem cinquenta mil árvores de cacauzeiros, que podem render ao ano comum ou uns por outros, cem mil arrátéis de amêndoas, as quais, as sete soldos e seis dinheiros ao arrátel, que é o menor preço, porque se vende produzem 37 500 libras de França (6,000 000) quinze mil cruzados. (p. 75)</p> <p>Finalmente a mandioca é um arbuto, cujas raízes raspadas e cozidas ao fogo</p>
--	---

	<p>fazem a farinha que serve de pão ao país a todos os moradores naturais da América. Planta-se em os roçados novos, não só pela necessidade que se tem de sustentar os escravos; mas também para diminuir o mau mato e ervas, e, finalmente, para dar sombra as nossas plantas de cacau, que vem arrebrandando, cujo grelo é tão tenro, que não pode resistir ao calor excessivo do sol. (p. 88)</p> <p>Devem ocupar nisto os escravos mais destros, aos quais acompanham outros cem cestos e as vão amontoando na terra a direita e a esquerda no Cacoal, onde ficam por quatro dias sem as mexer ou tocar. (p. 96)</p> <p>Não se emprega a este fim instrumento algum, menos se deve sacodir ou abalar a árvore; quebra-se, porém, o pezinho, pelo qual o fruto se prende a árvore, torcendo-o um pouco com uma pequena forquilha de madeira, ou arrancando-o; e tendo os negros os cestos cheios, os trazem a extremidade do Cacoal, e fazem um monte de todos os que apanharam. (pp. 170-171)</p> <p>Não se espera trazer para casa as frutas para se abrirem: além de ser este transporte custoso aos escravos obrigaria também a outro trabalho que seria o transporte das cascas já evacuadas que até agora se tem reputado tão inúteis, como as castanhas da Índia. (p. 171)</p> <p>Fazem-se as ruas, avenidas ou áleas, o mais direito que for possível, não só em razão da formosura, mas também do proveito; porque, sendo assim, se pode ver com mais facilidade o trabalho dos escravos que não poderão subtrair-se a vista do senhor ou do feitor, estando o Cacoal bem alinhado, como o poderiam fazer se as arvores fossem plantadas a barisco ou confusamente e ao acaso. (p. 162)</p> <p>Muitas experiências me têm demonstrado que vinte negros podem manter e cultivar cinquenta mil pés de cacaus, plantar ainda mandioca, milho, legumes, batatas (solanos e convolvulos), e outros víveres em muito maior abundância que a precisa para seu sustento. (p. 177)</p>
--	--

		<p>[...]porque não depende com o sustento dos escravos que cultivam as árvores, que é, todavia, a única despesa a que se vê obrigado. (p. 178)</p> <p>Neste tempo os pretos ou escravos custam menos uma terça parte que hoje custam. (p. 217)</p> <p>O mencionado autor propõe seis escravos e quatro brancos, com seu feitor e a terra ainda em mato virgem. (p. 217)</p> <p>Tendo provisões de mantimentos prontos, cumpre comprar mais dez escravos, e no mês de março plantem-se os cacaus entre as fileiras ou ruas de bananeiras, que a este tempo já terão cinco ou seis pés de altura, de modo que no primeiro de junho tenha já plantado vinte e um acres inteiramente de cacau. (p. 218)</p> <p>A raiz da mandioca raspada e cozida ao fogo dá a farinha, que é o pão do país de que se alimentam os negros. (p. 228)</p> <p>As amêndoas assim cobertas e embrulhadas, aquecendo-se, fermentam o que chamam ressuar. Descobrem-se todos os dias de manhã e a noite, movem debaixo para cima pelos escravos, e se tornam a cobrir e se continua isto mesmo por dias. (p. 229)</p> <p>Esta árvore reúne a uma vista formosa muitas utilidades, pois deverá dar aos colonos, e aos seus escravos um alimento sadio e nutritivo. (p. 349)</p>
--	--	--

<p>64 - O fazendeiro do Brazil, cultivador, melhorado na economia rural dos gêneros já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fabricas, que lhe são próprias, segundo o melhor, que se tem escrito a este assumpto. Debaxo dos auspícios, e de ordem de sua Alteza Real o Principe Regente, nosso Senhor. Colligido de Memorias Estrangeiras por Fr. Jose Mariano da Conceição Velloso. TOMO IV. Especiarias. Parte I. Lisboa. Na Impressam Regia. Anno 1805. Por Ordem Superior.</p>	<p>1805</p>	<p>Páginas: 28, 29</p> <p>Caneleiras, moscadeiras, e da mesma sorte os pedais, cujos frutos de pão os negros comem com muito gosto, ainda que na realidade sejam inferiores aos da Ilha dos Amigos. A liberdade concedida aos escravos embaraçou este projeto. (pp. 28-29)</p>
<p>65 - O fazendeiro do Brazil, cultivador, melhorado na economia rural dos gêneros já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fabricas, que lhe são própria, segundo o melhor, que se tem escrito a este assumpto. Debaxo dos auspiciosos, e de ordem de sua alteza real o Principe Regente, nosso senhor. Collegido de Memorias Estrangeiras por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. Menor Reformado da Provincia da Conceição do Rio de Janeiro, etc. TOMO V. Filatura. Parte I. Lisboa: Na Impressam Regia. Anno 1806. Por Ordem Superior.</p>	<p>1806</p>	<p>Páginas: 4, 5, 11, 12, 25, 28, 29, 44, 46, 75, 94, 97, 98, 162, 169, 170, 191, 203, 230, 234, 235, 237, 241, 242, 262, 263, 267, 268, 268, 275, 284, 286, 288</p> <p>A única desvantagem que tem, é o de se não poder despegar da semente tão facilmente como o outro, e por consequência um negro no trabalho de um dia descarocha ou limpa muito pouco. (p. 4)</p> <p>Cada negro pode diariamente descarochar sessenta e cinco arráteis sem muita fadiga; pois lhe caem as sementes, sem se quebrarem, antes de passar pelos cilindros, ou rolos do descarochador, saindo ele dele perfeitamente limpo. Por este motivo é suma imprudência misturar-se umas espécies com outras. (p. 5)</p> <p>Pelo valor de doze escravos a 70 lib. cada um 840/1,265 (p. 11)</p> <p>(a) [Nota de rodapé] O sustento dos escravos, passados cinco anos, não entra em linha de conta, porque se julga que o algodão não sendo</p>

	<p>suficiente por estar totalmente cheio, pode cultivar o milho e outros artigos no sobejo dos vinte e cinco acres, que são mais que suficientes para pagar o seu vestuário e sustento. Igualmente se usa cultivar milho, batatas, etc, entre as fileiras do algodão. (p. 12)</p> <p>Não bastava estar metido de posse deste botânico horto, também se necessitavam braços para se haver de cultivar este terreno ingrato que se lhe havia destinado. Ao depois de repetidos requerimentos, se lhe concederam três escravos de uma idade avançada com muito pouca capacidade para atuarem um trabalho que devia ser assíduo e insano. (p. 25)</p> <p>Desde 1791 o cidadão Martin tem plantado 14 mil girofeiros novos, os quais, dentro de pouco tempo, se acharão em plena produção e então os girofais de Caiena renderão um ano por outro mais de 10 mil myriogramas de peso, os quais vendidos a razão de 6 francos o arratel, que é o preço mais baixo, porque se tem vendido este gênero no seu país nativo, lhe darão uma renda anual de 1:296000 francos. O cidadão Martin intentava fazer chegar os parques de especiarias e da ilha a cem mil pés em Girofeiros, de multiplicar as pipeiras. Caneleiras, Moscadeiras e da mesma sorte os Padais, cujos frutos de pão os negros comem com muito gosto ainda que na realidade sejam inferiores aos da Ilha dos Amigos. A liberdade concedida aos escravos embaraçou este projeto. (pp. 28-29)</p> <p>Segue introduzi-la em grandes sacas, onde se calcam por pés dos escravos, ficando então mais unida e compacta; e para corresponder melhor este fim lhe deitam alguma água, sacodindo a saca de um para outro lado. (p. 43)</p> <p>[...]o cultivador deste gênero possui dez bons escravos, e que igualmente tem um algodão que ocupa vinte acres de terreno. (p. 44)</p> <p>Um escravo trabalhador diariamente disporá cinquenta ou sessenta arráteis por dia: logo três escravos disporão, por uma regra média, a quantidade acima dita, em cinquenta e quatro dias, conseqüentemente este fazendeiro</p>
--	---

	<p>terá tempo desocupado para cuidar nos grãos e abastecimento de outras provisões necessárias. (p. 44)</p> <p>Estou informado que na Carolina todos os fazendeiros tem um grande número de teares em atual trabalho, em que fazem tecidos grosseiros de algodão, com que vestem os seus escravos, e ainda os seus co-trabalhadores brancos [...] (p. 46)</p> <p>Atrevo-me a dizer, ao que parece, que a produção das árvores que hão de dar fruto no ano seguinte, podem no decurso de cinco anos (princiando de 1796) abastecer as colônias inglesas de vinte mil árvores, principalmente porque o total das árvores que de novo tenho plantado, devem produzir em menos de três anos e meios, desde a data do presente (1795); mas possuindo eu muito poucos escravos, não deverei afiançar viveiros tão grandes, sem abandonar os interesses da minha família (p. 75)</p> <p>As relações que temos deste país pouco dizem da cultura do algodoeiro nesta vasta parte do mundo. Todavia parece certo que nele se cultivava este arbusto não só nas costas, como também no seu sertão; porque as caravanas que todos os anos vem do interior da África ao Egito para o comércio de escravos, e da goma trazem panos de algodão, cuja cor e forma atestam a origem africana. (p. 94)</p> <p>No Senegal, e Serra Leoa, e nas feitorias europeias de Guiné se veem muitas vezes amostras de algodão trazidas do interior pelos contratos negros. Este algodão, ainda que de uma brancura brilhante, e de uma grande macieza, contudo é menos estimado pelos negros que o algodão semelhante ao Sião amarelo, mas de uma cor mais dourada que se acha nos reinos de Dahomet, e cuja exportação é proibida debaixo de rigorosas penas. É desconhecido o algodoeiro. (p. 94)</p> <p>Algumas vezes a negligência dos negros causam a deterioração deste gênero: colhem os pulhos as punhadas, e misturam o algodão com folhas</p>
--	--

	<p>secas, que o mancham. Estas folhas embaraçam o descaroçador, e alteram a qualidade do algodão. Para se colher bem, o negro só se deve servir dos seus três dedos, e evitar de quebrar os ramos quando os puxa para si, o que faria abortar os capulhos ou maçãs que ainda estão verdes que podem ter. (p. 97)</p> <p>Um negro entra no saco, suspenso no ar por travessas fixadas em esteios; calca com os pés o algodão que se lhe vai dando, pouco a pouco: quanto for mais calcado ou apertado, menos sujeito fica a sofrer a avaria no transporte. (p. 98)</p> <p>Um só negro pode cultivar um quadrado de terra (quase três arpentos de Paris) plantado em algodão, sendo esta superfície em terras boas, pode dar mil e duzentos arráteis deste gênero, que, vendidos a razão de duzentas libras tornezas por quintal, oferece uma renda de suas mil e quatrocentas libras (384\$000 por escravo).</p> <p>Levam para casa as nozes já preparadas; e com a faca lhe separam os macis, o qual, sendo possível, se deve deixar inteiro. Destinam-se escravos para este trabalho, os quais o exercício adesta tanto, que o fazem com muita presteza. (p. 162)</p> <p>Presentemente estas matas de moscadeiras já não são possuídas pelos indígenas, seus antigos habitantes, porque pelos repetidos homicídios cometidos contra a nação holandesa, e, principalmente, pela crueldade executada contra o chefe Willemsen, foram expulsos e se lhe conquistou a terra pelo capitão general Cod, ficando sujeita a Holanda e, neste tempo, se entregaram os vergéis aos holandeses e mestiços, que são obrigados a manter ali um grande número de escravos, a saber, 40. (p. 169)</p> <p>Enquanto aos que os ventos e os temporais derrubam, que são muitos de que nascem os Rompos, cujos macis também é bom que antigamente se permitia a qualquer que os visse, apanhá-los, hoje já não é assim, antes,</p>
--	--

	<p>pelos contrário, porque os donos dos Vergeis se queixaram que os coletores dos Rompos (chamam-se rompeiros), transcendendo os seus limites, tinham dado em ladrões, donde veio que cada um ficou obrigado a guardar os seus Vergeis pelos próprios escravos. (p. 170)</p> <p>Sem embargo de serem as ilhas de banda pouco sadias de sua natureza, muita falta de águas, e ainda sujeita a outros muitos defeitos e perigos na colheita das moscadas, principalmente nos Vergeis e florestas que ficam pelos altos, e arriscados despenhadeiros da Ilha de Lontar, não só sendo obrigados a sofrer todos estes penosos trabalhos, mas também a aguentar a seus olhos a perda dos seus escravos [...] (p. 170)</p> <p>A razão desta decadência é bem conhecida. Em quanto haviam matas virgens a borda do mar, ou de muitos rios navegáveis que entram algumas léguas terra dentro, a lavoura se fazia com facilidade, e com a mesma se conduziam as farinhas as costas dos escravos, e de poucos animais para os portos de embarque. (p. 191)</p> <p>Cálculo Analytico.</p> <p>Um escravo trabalhando em algodão da de rendimento no sertão 250000 (p. 203)</p> <p>Tendo os escravos colhido as nozes, as abrem com uma navalha ou faca, tiram-lhe a casca exterior que se deixa apodrecer amontoadamente pelos matos. O colhedor novato, que ainda não sabe distinguir as nozes bem maduras das que ainda o não estiverem, se as quiser abrir, está no risco de se maltratar a si, cravando na sua própria mão a navalha que quiser introduzir na nós não madura, ou que ele a julga madura, não estando. (p. 230)</p> <p>[...] no ano de 1609, sendo governador o almirante Verhoeven, foram perseguidos, e no de 1621 toda esta terra ficou sujeita a força de armas pelo</p>
--	--

	<p>capitão general Jano Petersen Coeno, e reduzida a uma das províncias holandesas, repartindo-se por holandeses seus mestiços ou bastardos toda a sua superfície, cada um dos quais deve sustentar um grande número de escravos, isto é, de 40 a 50 cada um; e os que possuem grandes superfícies ou Vergeis de 80 até 100. (p. 234)</p> <p>[...] o feitor com pouco trabalho põe debaixo da vista os escravos que colhem, e que mondam: a mesma monda fica mais fácil, sem falar ainda em outras utilidades menores que disto resultam. (p. 235)</p> <p>Hoje, porém, está vedado o apanhá-las; porque os que possuíam parques se queixaram que estes apanhadores, ou melhor, ladrões, tinham excedido o termo, ou modo, e que as apanhavam das mesmas árvores, de maneira que qualquer deles com os seus escravos tem o seu Vergel particular. (p. 235)</p> <p>[...]quem mete nos buracos a semente, comumente são negras, por isso é que mando sempre, aos que andam com as enxadas, mudar as estacas; porque estes são negros, por isso mais ligeiros que aquelas, qualidade que se requer para este serviço não padecer demasiada demora. (p. 237)</p> <p>Muitos, ou para melhor dizer, a maior parte, estão persuadidos das reais utilidades desta operação; mas a não executam como devem, pois, para economizarem dois ou três dias de trabalho, ordenam aos escravos, quando mondam, que os capem; estes, ou por descuido, ou porque finalmente os interesses de seu senhor, pouco ou nenhum cuidado lhes dão, deixam a maior parte por capar, e as vezes deixam todo [...] (pp. 241-242)</p> <p>Não me estenderei muito sobre a utilidade das mondas, porque não há quem deixe de conhecer as suas vantagens; pois além de nutrirem mais os algodoeiros, e brotarem melhores frutos, obstam ao perigo de serem os escravos mordidos de animais tão mortíferos e venenosos como são as cascavéis e outras espécies de víboras que se escondem debaixo das ervas. (p. 262)</p>
--	--

	<p>(1) [Nota de rodapé] <i>Crotalus horridus</i> Lin. Ha tão grande abundância destes animais neste lugar onde cultivo, e nos seus arrebaldes, que nas ocasiões da monda tem os escravos morto trinta e quarenta por dia; que as tenho mandado as moitas, as vão matando com as foices com que trabalham, não falo em outras muitas espécies, não menos venenosas, que se encontram com a mesma frequência. (p. 262)</p> <p>O instrumento, com que se costuma aqui mondar, é a foice, cada escravo armado deste instrumento, partindo todos de um ponto em distâncias proporcionadas, roçarão sempre em ordem: esta operação deve-se fazer, ao menos, duas vezes, uma logo ao princípio do inverno, ou do tempo das chuvas, para que os algodoeiros, não tendo quem lhes roube o nutrimento, principiem a vegetar com força e vigor [...] (p. 263)</p> <p>Para efetuar esta colheita, não é necessário, senão um cesto da capacidade de uma arroba. Quando se vê o algodoal branquejar de modo que se suponha haver suficiente número de capsulas abertas, não se deve dilatar o agricultor em colher, para isto basta que o escravo se sirva unicamente de três dedos. (p. 267)</p> <p>Para a estabelecer, somo a quantidade que colheram todos os escravos juntos, ou a maior parte deles, e dividido pelo seu número, o que me sai no quociente, ou aquilo que toca a cada um [...] (p. 268)</p> <p>A experiência me tem feito ver que a emulação por si só mui poucas vezes tem poder de excitar ao trabalho os ânimos servis dos escravos, e quase sempre produz bom efeito a combinação do castigo com o prêmio, e emulação manejados com destreza. (p. 269)</p> <p>Até aqui não tenho dito neste capítulo, senão, o que eu uso com os meus escravos; esta prática e regularidade não é observada por todos, porque comumente não possuem suficiente número de escravos, e por isso estão</p>
--	---

		<p>sujeitos a mil enganos, que é necessário destreza e vigilância para os descobrir: o primeiro erro é mandar os escravos colher algodão a ventura, isto é, por onde lhes parecer; estes assim que se ocultam nos arbustos, ou dormem e nutrem a sua natural preguiça, ou se colhem, roubam de cada vez uma porção, e escondem nos matos até acharem ocasião de o desencaminharem; e fazem o seu contrabando com tanta sagacidade, que rara vez se sabe [...] (p. 269)</p> <p>[...] esta era a tarefa que dava aos meus escravos, antes de fazer o meu engenho de bestas; mas há pessoas tão hábeis, que descarçam oito arrobas de algodão em carço, que rende dois de lã. (p. 275)</p> <p>O trabalho fatigante desta operação, e alguma curiosidade que exige da parte de quem ensaca, faz com que os negros se neguem a este trabalho, por cuja razão são contados os ensacadores, e logram um preço distinto [...] (p. 284)</p> <p>Quanto ao cravo, se a ilha da pequena Tabago, tiver da natureza, ou se lhe puder fornecer pela indústria e arte um terreno capaz de o produzir; há mais terra ainda nesse pequeno lugar do que a que empregam nisso os holandeses, incluindo as habitações dos escravos que são destinados a sua cultura; cujos números, digamos de passagem, anda abaixo de três mil. e deve passar longo tempo com todo nosso cuidado, antes de precisarmos de tantos. (p. 286)</p> <p>[...] eu nunca estorvo os dias de trabalho de meus escravos com esta operação: quando tenho suficiente quantidade de algodão escarçado, chamo dois dos mais destros na manobra, e dentro de pouco mais de duas horas me ensacam quatro sacos [...] (p. 288)</p>
--	--	--

VIDE, Sebastião Monteiro da. 1642-1722		
<p>O jesuíta Sebastião Monteiro da Vide nasceu em Portoalegre (Portugal), em 1642, e morreu na Bahia, em 1722. Formado em cânones pela Universidade de Coimbra, foi, em Portugal, desembargador da Relação Eclesiástica, vigário-geral do arcebispado de Lisboa e prior da igreja de Santa Marinha. Em 1701, tomou posse do cargo de Arcebispo da Bahia, onde, em 1707, com o intuito de regradar vida religiosa na colônia, organizou um sínodo, do qual resultou as <i>Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia</i>.</p> <p><i>Menções ao negro e ao escravo</i></p>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>67 - Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia Feitas, & ordenadas pelo Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteyro da Vide, Arcebispo do dito Arcebispado, & do Conselho de Sua Magestade, Propostas, e aceytas em o sínodo diecesano que o dito senhor celebrou em 12 de Junho do anno de 1707. Lisboa Occidental: Na Officina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade, 1719.</p>	<p>1719</p>	<p>Páginas: 3, 4, 22, 23, 24, 25, 99, 161, 132, 155, 229, 230, 231, 232, 233</p> <p>§4 Mandamos a todas as pessoas, assim eclesiásticas, como seculares, ensinem ou façam ensinar a seus escravos, que são os mais necessitados desta instrução pela sua rudeza, mandando-os à igreja para que o pároco lhes ensine Artigos da fé, para saberem crer; o Padre Nosso e Ave Maria, para saberem bem pedir; os Mandamentos da Lei de Deus, e da Santa Madre Igreja, e os pecados mortais, para saberem bem obrar; as virtudes, para que as sigam; e os sete sacramentos, para que dignamente os recebam e com eles a graça que dão, e as mais orações da Doutrina cristã, para que sejam instruidos em tudo o que importa a salvação. (Livro I, Título II, p. 3)</p> <p>§6 Porque aos párocos, como pastores e mestres espirituais, obriiga mais o cuidado de apascentar suas ovelhas com a católica e verdadeira doutrina, exortamos a todos os do nosso arcebispado e a todas quaisquer pessoas, a que nele estiver encarregada a cura das almas, ainda que sejam isentas, que todos os domingos do ano, em que não concorrer alguma festa solene, ensinem aos meninos e escravos a doutrina cristã [...]. (Livro I, Título III. p. 3)</p> <p>§ 7 E para se conseguir o fruto desejado, ordenem os párocos aos pais, que</p>

	<p>mandem aos lugares e horas determinadas seus filhos; e aos senhores seus escravos: e se algumas das sobreditas pessoas, esquecidas da obrigação cristã, a não forem ouvir, e não mandarem as pessoas que estão a seu cargo para ouvirem, sejam certos que se fazem réus de quantos pecados se cometerem por falta de doutrina, de que Deus nosso senhor lhes fará rigoroso juízo. (Livro I, Título III, p. 4)</p> <p>§8 E porque os escravos do Brasil são os mais necessitados da Doutrina Cristã, sendo tantas as nações e diversidades de línguas, que passam do gentilismo a este Estado, devem os de buscar lhes todos os meios para serem instruídos na fé, ou por quem lhes fale nos seus idiomas, ou no nosso, quando eles o possam. (Livro I, Título III, p. 4)</p> <p>§50 E para maior segurança dos batismos dos escravos brutos e boçais, e de língua não sabida, como são os que vem da Mina, e muitos também de Angola, se fará o seguinte. Depois de terem alguma luz da nossa língua ou havendo interpretes, servirá a instrução dos mistérios, que já advertimos vai lançada no terceiro livro num. 579. e só se farão de mais aos sobreditos boçais as perguntas ue se seguem. (Livro I, Título XIV, p. 22)</p> <p>§ 53 E sendo os tais escravos filhos de infiéis, que não passem de idade de sete anos ou que lhes nascerem depois de estarem em poder de seus senhores, mandamos sejam batizados, ainda que os pais o contradigam; porquanto ainda que os filhos dos infiéis não devem ser batizados sem licença dos pais, antes de chegarem a uso de razão, ou idade em que peçam o batismo, (exceto naquele caso em que só a mãe o contradiz, e o pai consente, ou que consente a mãe e somente o contradiz o pai) contudo só há lugar o sobredito quando os pais são livres, e não cativos. (Livro I, Título XIV, p. 23)</p> <p>§54 Mandamos ao vigário e curas que com grande cuidado se informem dos escravos e escravas que em suas freguesias houver, e achando que não</p>
--	--

	<p>sabem o Padre Nosso, Ave Maria, Credo, Mandamentos da Lei de Deus e Santa Madre Igreja, sendo eles capazes de aprenderem tudo isto, procedam contra seus senhores para que os ensinem, ou façam ensinar a Santa Doutrina e os mandem à Igreja a aprendê-la ao tempo que a ensinarem, e enquanto o não souberem, lhes não administrem o sacramento do batismo, nem outro algum sendo já batizados. (Livro I, Título XIV, p. 24)</p> <p>§ 55 Porém porque a experiência nos tem mostrado que entre os muitos escravos que há neste Arcebispado, são muitos deles tão boçais e rudes que, pondo seus senhores a diligência possível em os ensinar, cada vez parece que sabem menos, compadecendo-nos de sua rusticidade e miséria, damos licença aos vigários e curas para que constando-lhes a diligência dos senhores em os ensinar, e rudeza dos escravos em aprender, de maneira que se entenda que ainda que os ensinem mais não poderão aprender, lhes possam administrar os sacramentos do batismo, penitência, extrema unção e matrimônio, catequizando-os primeiro nos mistérios da fé, nas disposições necessárias para os receber e obrigações em que ficam: de maneira que de suas respostas se alcance que consentem, tem conhecimento e tudo o mais que supõem de necessidade dos ditos sacramentos. (Livro I, Título XIV, p. 24)</p> <p>§56 E sejam advertidos os vigários e curas, que desta licença não tomem ocasião para administrarem os sacramentos aos escravos com facilidade, pois se lhes não dá senão quando constar, que precedeu muita diligência da parte dos senhores, e pela grande rudeza dos escravos não bastou, nem bastará provavelmente a que ao diante fizerem; antes procedam com atenção examinando-os primeiro, e ensinando-os a ver se podem aproveitar, porque não deem motivo aos senhores a se descuidarem da obrigação que tem de ensinar a seus escravos, a qual cumprem tão mal, que raramente se acha algum que ponha a diligência que deve: errando também no modo de ensinar, porque não ensinam a doutrina por partes e com vagar, como é necessário a gente rude, senão por junto e com muita pressa. (Livro I,</p>
--	--

Endereço eletrônico: <http://unesp.br/escritos/>

E-mail: projetoescritos@gmail.com

		<p>Título XIV, p. 25)</p> <p>§4. Se tem parte de nação Hebreia, ou de outra qualquer infecta: ou de negro ou mulato. (Livro , Título LIII. Das diligencias que se requerem para todas as Ordens, & da forma com que se devem fazer, p. 99)</p> <p>§303 Conforme a direito Divino, e humano os escravos e escravas podem casar com outras pessoas cativas ou livres, e seus senhores lhes não podem impedir o matrimônio, nem o uso dele em tempo e lugar conveniente, nem por esse respeito os podem tratar pior, nem vender para outros lugares remotos para onde o outro por ser cativo, ou por ter outro justo impedimento o não possa seguir, e fazendo o contrário, pecam mortalmente, e tomam sobre suas consciências as culpas de seus escravos [...] (Livro I, Título LXXI, p. 132)</p> <p>§367 Conformando-nos com o costume geral, manda-nos a nossos súbditos, que ouçam missa conventual nos domingos e dias santos de guarda na igreja paroquial onde forem fregueses, e a ela façam ir seus filhos, escravos e todas as mais pessoas que tiverem a seu cargo, salvo aqueles que precisamente forem necessários para o serviço e guarda de suas casas, gados e fazendas, mas a estes revezarão para que não fiquem uns sempre sem ouvir missa, antes vão ouvi-la uns em um dia, outros e outro: procurando porém que quando não puderem ouvir missa conventual, ouçam outra, se se disser na mesma igreja ou em alguma capela. (Livro II, Título II, p. 155)</p> <p>§577 E porque os escravos de nosso arcebispado, e todo o Brasil são os mais necessitados da Doutrina Cristã, sendo tantas as nações e diversidades de línguas que passam do gentilismo a este estado, devemos [?] todos os meios para serem instruídos na fé por quem lhes fale no seu idioma, ou na nossa língua, quando eles já a possam entender. (Livro III, Título XXXII, p. 229)</p>
--	--	---

Endereço eletrônico: <http://unesp.br/escritos/>

E-mail: projetoescritos@gmail.com

		<p>§579 Breve instrução dos mistérios da fé, acomodados ao modo de falar dos escravos do Brasil, para serem catequizados por ela. (Livro III, Título XXXII, pp. 230-233)</p> <p>§593 Ordenaram a seus fregueses que mandem seus filhos e escravos a doutrina cristã na hora que lhes [?] ou tiverem assinado, na qual não faltarão com obrigação de lhe ensinar. (Livro III, Título XXXIII, p. 235)</p> <p>§380 As mesmas penas haverão, e se procederá do mesmo modo contra os lavradores de canas, mandiocas e tabacos, consentindo que seus negros e servos trabalhem aos domingos e dias santos publicamente, fazendo roças para si, ou para outrem, pescando ou carregando, ou descarregando barcas, ou qualquer outra obra de serviço proibido nos tais dias, salvo havendo urgente necessidade, e pedindo-se para isso (como dizemos (15) em outro lugar) licença. (Livro , Título XIII. Das obras que são proibidas nos dias de guarda, & das penas que haverão os que as fizerem, p. 161)</p>
<p>68 - Historia da Vida, e Morte da Madre Soror Victoria da Encarnação Religiosa Professa no Convento de Santa Clara do Desterro da Cidade da Bahia, Escrivia Arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide; Para, As Reverendas Madres Abbadeça, e Religiosas so mesmo Convento. Em Roma: Na Estamparia de Joam Francisco Chracas, 1720.</p>	<p>1720</p>	<p>Páginas: 79, 81, 82</p> <p>Contou também que indo uma noite correndo a mesma Via Sacra como costumava, e olhando de uma varanda para a claustra baixa, viu nela uma como figura vestida de palhas com um fogareiro aceso à cabeça, e prosseguindo no seu devoto exercício, ao passar por uma janela conventual, a vira ir seguindo lhe os passos pelo quintal, e chegando a oitava cruz, querendo prostrar-se em terra; achara estirado no chão um velho negro, que ocupava todo o lugar, em que havia de fazer adoração, de que ficou muito sobressaltada e afligida, e recorrendo a Deus, foi o mesmo senhor servido dar lhe alento e valor para vencer tão importuno e poderoso inimigo. (pp. 79-81)</p> <p>Também não bastou para impedir lhe a sua devoção, quando viu nas grades de ferro de uma das janelas conventuais andarem os demônios em figura de</p>

		<p>vultos negros, fazendo grande estrondo nos ferros, nem quando em figura de um disforme etíope com horrendo aspecto intentava amedrontá-la, ora metendo-se no coro debaixo do banco das cantoras, e levantando no ar, como quem queria lançar lhe sobre a cabeça, ora revolvendo os livros que estavam no coro só a fim de a divertir da oração em que estava, mas a Madre Victoria, como mulher forte, sempre triunfando, perseverava constante no exercício das virtudes, sem deixar, nem interpolar a oração, a disciplina, e outras semelhantes mortificações. (pp. 81-82)</p>
--	--	--

VIEIRA, Antônio. 1608-1697

O padre jesuíta Antônio Vieira nasceu na cidade de Lisboa, em 1608, e morreu na Bahia, em 1697. Veio para o Brasil com sua família, ingressou na Companhia de Jesus, em 1623, e obteve sua formação no colégio da Bahia, onde fez o noviciado, estudou os clássicos, algumas línguas do Brasil e mais tarde filosofia e teologia. Em 1634, recebeu as ordens sacerdotais, e um ano depois tornou-se responsável pela cadeira de teologia do colégio da Bahia. Em 1641, o jesuíta voltou para Portugal, onde exerceu carreira diplomática, retornando ao Brasil, no ano de 1652, quando começou a lecionar humanidades e retórica no colégio de Olinda. No Maranhão, compôs cartas e peças oratórias em que ressaltava os males da escravidão indígena promovida pelos colonos. Devido às suas posições e pregações em relação aos índios, foi expulso pelos colonos daquele Estado. Foi um dos pregadores mais conhecidos e apreciados na época, e compôs uma vasta obra oratória, epistolar, teológica e moral.

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>69 - Resposta a huma Consulta. In: VIEIRA, Antônio. Cartas do P. Antonio Vieyra da Companhia de Jesu Tomo Segundo. Offerecido ao Eminentissimo Senhor Nuno da Cunha e Attayde Presbytero Cardeal da Santa Igreja de Roma do Titulo de Santa Anastasia, do Conselho de Estado, Guerra, e Despacho de Sua Magestade, Inquisidor Geral nestes Reynos, e Senhorios de Portugal. Lisboa Occidental: Na Officina da Congregação do Oratorio, 1735, pp. 174-183.</p>	<p>1735</p>	<p>Página: 176, 177, 181</p> <p>Desta primeira resolução (cuja necessidade é precisa e indubitável) se segue que não podem haver ao presente outros meios mais certos e efetivos que os de meter no dito Estado escravos de Angola, e procurar descer dos sertões todos os índios livres que for possível, applicando-se uns e outros ao trabalho e serviço de que, segundo seu natural, são capazes. (p. 176)</p> <p>Quanto aos escravos de Angola, suposto não terem os moradores do Maranhão os cabedais necessários para os comprar, e por esta mesma falta não haver mercadores que lá os queiram conduzir: o modo mais pronto, mais seguro e mais fácil de haver os ditos escravos de Angola, é que este primeiro empenho, que será de sessenta mil cruzados, pouco mais ou menos se faça por conta da fazenda real, mandando logo S. A para maior brevidade e expedição que da Bahia ou Pernambuco, onde chegam continuamente de navios de Angola, se comprem e remetam ao Maranhão duzentos escravos que devem ser homens e mulheres em ordem a propagação, conduzidos em um Patacho, e dirigidos ao governador e</p>

Endereço eletrônico: <http://unesp.br/escritos/>

E-mail: projetoescritos@gmail.com

		<p>provedor da fazenda, os quais repartirão e consignarão os ditos escravos gratuitamente a cinquenta moradores dos que tiverem maior cabedal e indústria, quatro a cada um, para que nas terras e sítios mais acomodados e proporcionados, plantem e cultivem cacau, baunilha, anil e as outras drogas de maior utilidade, com tal contrato e partido que de tudo o que se colher [...] (pp. 176-177)</p> <p>Quinta: que se as missões se houverem de encomendar aos padres da Companhia (como pareceu na Junta) S. A. seja servido de mandar escrever uma carta ao provincial do Brasil, em que lhe encarregue, mande daquela província alguns religiosos dos mais práticos e exercitados na língua geral, por serem falecidos alguns dos que deram princípio à missão; e posto que os que vão de Europa aprendem a mesma e outras línguas, segundo seu instituto, sempre os que nasceram e se criaram com ela a falam melhor: sendo este o principal ou único instrumento com que se reduzem e persuadem os índios do sertão; e podem vir os ditos religiosos na mesma embarcação em que da Bahia ou Pernambuco vierem negros. (p. 181)</p>
<p>70 - Carta I. Do Padre Antonio Vieira, Escrita de Cabo-Verde ao Padre Confessor de Sua Alteza, indo arribado àquelle Estado. In: VIEIRA, Antônio. Cartas do Padre Antonio Vieira Da Companhia de Jesus, Tomo Terceiro Dedicado ao Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Thomas de Almeida Cardeal da Santa Igreja de Roma, Patriarcha I. de Lisboa, &c. Pelo Padre Francisco Antonio Monteiro, Bacharel formado na faculdade dos Sagrados Canones. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1746, pp. 1-7.</p>	<p>1746</p>	<p>Página: 3</p> <p>Há aqui clérigos e cônegos tão negros como azeviche; mas tão compostos, tão autorizados, tão doutos, tão grandes músicos, tão discretos e bem morigerados, que podem fazer invejas aos que lá vemos nas nossas catedrais. (p. 3)</p>

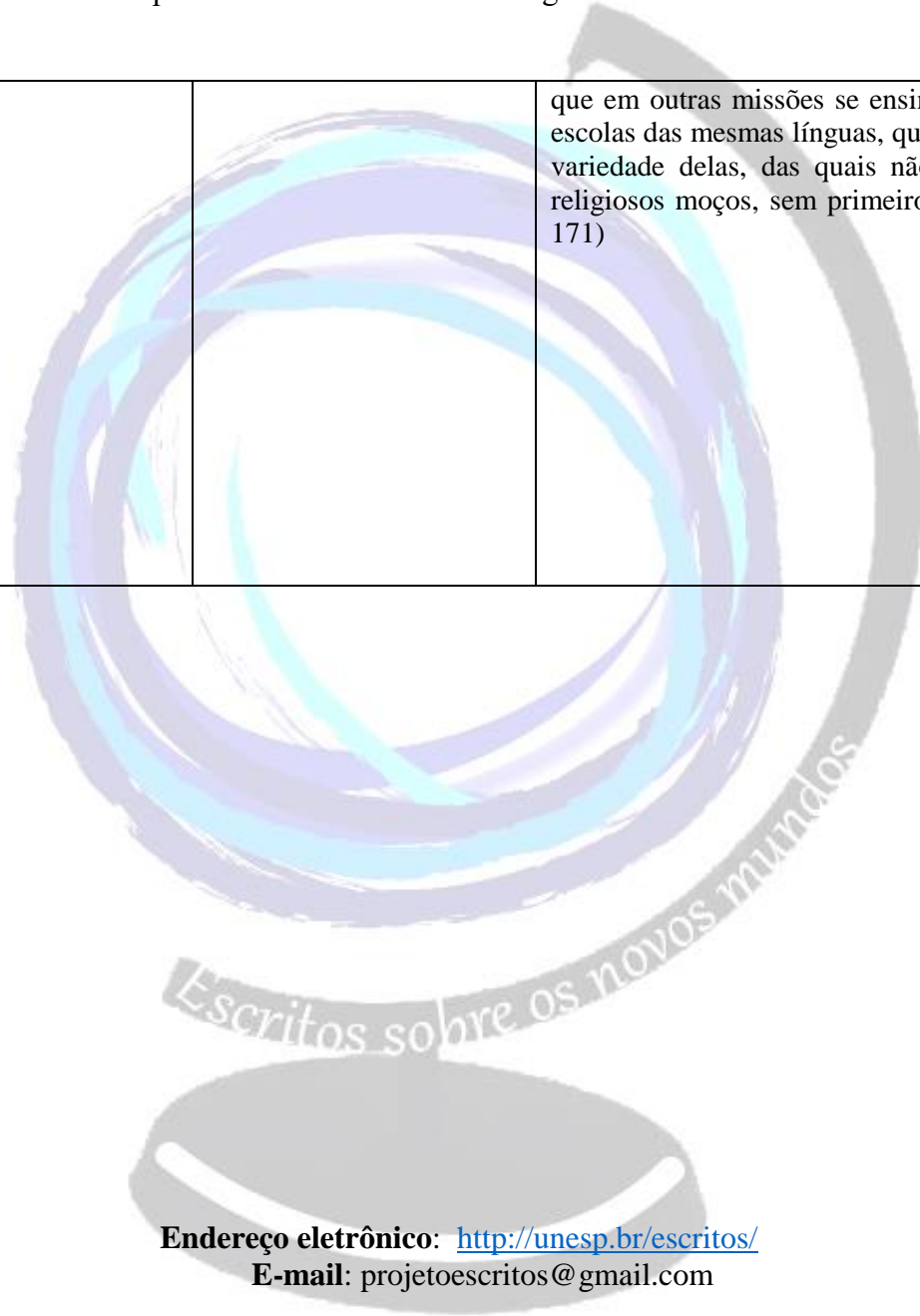
<p>71 - Petição que fez o Padre Antonio Vieira ao Governador Dom Pedro de Mello. In: VIEIRA, Antônio. Cartas do Padre Antonio Vieira Da Companhia de Jesus, Tomo Terceiro Dedicado ao Eminentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Thomas de Almeida Cardeal da Santa Igreja de Roma, Patriarcha I. de Lisboa, &c. Pelo Padre Francisco Antonio Monteiro, Bacharel formado na faculdade dos Sagrados Canones. Lisboa: Na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1746, pp.</p>	<p>1746</p>	<p>Página: 99</p> <p>P. a vossa senhoria haja por bem, que ao padre Antônio Vieira se dê lugar na dita nau Sacramento com os outros religiosos da Companhia, e que vossa senhoria o declare assim por seu despacho, para que o povo o tenha entendido, e não insista no cumprimento da dita notificação; pois é coisa muito alheia da piedade cristã, que vendo lugar na dita nau para cinquenta passageiros, e nove deles ciganos, o não haja para o padre Antônio Vieira, religioso, sacerdote, prelado da sua religião, e pregador de Elrei, e tão aceito a sua majestade, como é notório; sendo certo que se o dito padre fora um negro de Elrei, ou um animal destes matos, que se lhe mandara, o haviam de meter no navio mais seguro. (p. 99)</p>
<p>72 - Sermam XX. In: VIEIRA, Antônio. Maria Rosa Mystica. Excellencias, Poderes, e Maravilhas do seu Rosario: Compandeadas em Trinta sermoens ascéticos, e panegyricos, sobre os dous Evangelhos desta Solenidade, Novo, & Antigo: Offercidos A Soberana Magestade da mesma Senhora, Pelo P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesu, em Cumprimento de hum Voto, Feito, & repetido em grandes perigos da Vida, de que por na imensa Benignidade, & poderosissima Intercessão sempre sahio livre. II. Parte. Lisboa: Na Impressão Craesbeeckana, 1658, pp. 149-184.</p>	<p>1658</p>	<p>O sermão inteiro fala sobre o escravo e/ou sobre o negro.</p> <p>Páginas: 164, 150, 153, 157, 158, 159, 160, 174, 178</p>

<p>73 - Sermam XXVII. Com o Santissimo Sacramento Exposto. In: VIEIRA, Antônio. Maria Rosa Mystica. Excellencias, Poderes, e Maravilhas do seu Rosario: Compandeadas em Trinta sermoens ascéticos, e panegyricos, sobre os dous Evangelhos desta Solenidade, Novo, & Antigo: Offercidos A Soberana Magestade da mesma Senhora, Pelo P. Antonio Vieira, da Companhia de Jesu, em Cumprimento de hum Voto, Feito, & repetido em grandes perigos da Vida, de que por na imensa Benignidade, & poderosíssima Intercessão sempre sahio livre. II. Parte. Lisboa: Na Impressão Craesbeeckana, 1658, pp. 391-429.</p>	<p>1658</p>	<p>O sermão inteiro fala sobre o escravo e/ou sobre o negro. Páginas: 391, 392, 396, 397, 398, 408, 416, 421, 422, 423, 424, 426</p>
<p>74 - Voz Gratulatoria. Sermão de Dia de Reys, pregado no collegio da Bahia Na festa, que fez o Marquez de Montalvão em Acção de graças pelas victorias, e felices sucessos dos primeiros seis mezes do seu governo, anno de 1641. In: VIEIRA, Antônio. Sermões Varios, e Tratados, Ainda não impressos, do grande padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesu; Offercidos A' Magestade Delrey D. João V. Nosso Senhor, pelo P. André de Barros Da Companhia de Jesus. TOMO XV. Ede Vozes Saudosas Tomo II. Lisboa: Na oficina de Manoel da Sylva, 1758, pp. 1-47.</p>	<p>1758</p>	<p>Página: 30, 36, 37</p> <p>Para divertir o inimigo, tropas e mais tropas à campanha: portugueses por mar; negros e índios por terra. Para intentos do Recôncavo, e para outros grandes usos do serviço delrei, e alívio dos moradores, tantas embarcações de remo maiores e menores, barcos, fragatas, galés. (p. 30)</p> <p>E senão, pergunto eu: qual foi o motivo desta perturbação de Herodes? O motivo principal, como bem nota o mesmo S. João Crisóstomo, foi o ver Herodes, que tão poucos homens, e nem todos eles brancos (que um dos magos era negro, e negros os que o acompanhavam, conforme a profecia de Davi: <i>Coram illo procedent Aethyopes. Aethyopia praevenient manus ejus Deo</i>). Ver, pois, que tão poucos homens brancos e negros vinham tantas léguas de caminho, marchando confiadamente por terras, e aclamando o nome de um novo rei sem temor de seus exércitos, isto fazia turbar a Herodes: <i>Turbatus est Herodes</i>: isto fazia temer e tremer a toda Jerusalém: <i>Ei omnis Jerosolyma cum illo</i>. (pp. 36-37)</p>

		<p>Pois se esta resolução dos magos perturba a Herodes, quanto maiores motivos, ou não menos iguais, tem o holandês rebelde de se perturbar, vendo as nossas tropas de quatro portugueses, e quatro negros marcharem tantas léguas de dificultosíssimos caminhos, sem camelos, nem levantes que lhes levem as bagagens, e andarem livre e intrepidamente em suas campanhas, talando e abrasando tudo, apesar de seus presídios e aclamando o invicto nome do monarca das Espanhas, e de seu novo general. (p. 37)</p>
<p>75 - Informação, Que por ordem do Concelho Ultramarino deo sobre as cousas do Maranhão ao mesmo concelho O P. Antonio Vieira. In: VIEIRA, Antônio. Vozes saudosas, da eloquência, do espirito, do zelo; e eminente sabedoria do padre Antonio Vieira, Da Companhia de Jesus, Prégador de Sua Magestade, e Príncipe dos Oradores Evangelicos: Acompanhadas Com um fidelíssimo Echo, que sonoramente resulta do interior da obra Clavis Phophetarum. Concorda no fim a suavidade das Musas em elogios raros. Tudo reverente dedica ao príncipe nosso senhor O. P. Andre de Barros, Da Companhia de Jesus, Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1736, pp. 93-114.</p>	<p>1736</p>	<p>Página: 109</p> <p>Sobre a introdução da moeda, que também se propõem na mesma carta com o avanço de cento por cento, não me atrevo a dar juízo. Representa-me que por este modo subirá muito o preço das drogas de fora, e baterá igualmente o das drogas de dentro, com que antes diminuirá do que crescerá um estado, cujo aumento se procura; porque vendendo-se v.g. um negro por cem patacas, as mesmas cem patacas para o mercador serão sessenta mil reis, e para o morador cento e vinte. (p. 109)</p>

<p>76 - Voto do P. Antonio Vieira sobre as duvidas dos moradores de S. Paulo acerca da administração dos Indios. In: VIEIRA, Antônio. Vozes saudosas, da eloquência, do espirito, do zelo; e eminente sabedoria do padre Antonio Vieira, Da Companhia de Jesus, Prégador de Sua Magestade, e Principe dos Oradores Evangelicos: Acompanhadas Com um fidelíssimo Echo, que sonoramente resulta do interior da obra Clavis Phophetarum. Concorda no fim a suavidade das Musas em elogios raros. Tudo reverente dedica ao príncipe nosso senhor O. P. Andre de Barros, Da Companhia de Jesus, Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1736, pp. 143-166.</p>	<p>1736</p>	<p>Página: 150</p> <p>A razão ou escusa que se dá de ser esta chamada paga tão rara e tão tênue, é serem os índios naturalmente preguiçosos e de pouco trabalho; mas as pessoas muito práticas daquela terra, e muito fidedignas afirmam que os paulistas geralmente se servem dos ditos índios de pela manhã até noite, como o fazem os negros do Brasil, e que nas cáfilas de S. Paulo a Santos não só vão carregados como azêmolos, quase todos nus ou cingidos com um trapo, e com uma espiga de milho por ração de cada dia. (p. 150)</p>
<p>77 - Carta para o sereníssimo rey D. Pedro II. Do padre Antonio Vieira agradecido, e obsequioso. . In: VIEIRA, Antônio. Vozes saudosas, da eloquência, do espirito, do zelo; e eminente sabedoria do padre Antonio Vieira, Da Companhia de Jesus, Prégador de Sua Magestade, e Principe dos Oradores Evangelicos: Acompanhadas Com um fidelíssimo Echo, que sonoramente resulta do interior da obra Clavis Phophetarum. Concorda no fim a suavidade das Musas em elogios raros. Tudo reverente dedica ao príncipe nosso senhor O. P. Andre de Barros, Da Companhia de Jesus, Academico do numero da Academia Real da Historia Portugueza. Lisboa: Oficina de Miguel</p>	<p>1736</p>	<p>Páginas: 170, 171</p> <p>Dando conta das missões, além da relação particular, das que se fizeram discorrendo por várias partes, principalmente do Sul, mais necessitadas de doutrina não menos nos portugueses que nos índios; só desejo se tenha entendido que não são de menos necessidade e fruto as das cidades e aldeias permanentes e fixas; porque nas do sertão falto de párocos e curas todos os portugueses assim na vida, como na morte recorrem aos que nelas assistem, ou vindo eles as nossas igrejas quando podem, ou quando não, indo os mesmos missionários com muitas léguas e duas de caminho a assisti-los, e sendo muito maior sem comparação o número dos negros, que o dos índios, assim como os índios são catequisados e doutrinados nas suas próprias línguas, assim os negros o são na sua, de que neste colégio da Bahia temos quatro operários muito práticos, como também outros no Rio de Janeiro e Pernambuco; e porque sem a ciência das línguas tudo o mais</p>

Rodrigues, 1736, pp. 169-178.		que em outras missões se ensina não passa dos portugueses, tantas são as escolas das mesmas línguas, que temos instituído nesta província, quantas a variedade delas, das quais não podem passar a outro estudo os nossos religiosos moços, sem primeiro serem examinados e aprovados. (pp. 170-171)
-------------------------------	--	--



ZURARA, Gomes Eanes. (1410-1474)		
De acordo com Alberto da Costa e Silva, no livro <i>Imagens da África</i> (2012), Eanes Gomes de Zurara foi um “cronista português, falecido provavelmente em 1474. Com sua obra <i>Crônica do descobrimento e conquista da Guiné</i> , talvez escrita entre 1463 e 1468, tem início em Portugal a literatura da expansão ultramarina” (p.65).		
<i>Menções ao negro e ao escravo</i>		
Obra	Edição	Passagens das fontes
78 - Chronica do descobrimento e conquista de Guiné. Paris: J. P. Aillaud.	1841 Obra escrita provavelmente entre 1463 e 1468	<p>“O Infante, agradecendo-lhe sua boa vontade, fez logo armar uma caravela, na qual aviou como o dito Dinis Dyaz pudesse ir cumprir sua boa vontade; o qual partido com sua campanha, nunca quis amainar, até que passou a terra dos Mouros e chegou à terra dos negros, que são chamados Guineus. E como quer que nós já nomeássemos algumas vezes com esta estória, Guinee, por a outra terra em que os primeiros foram, escrevemo-lo assim em comum, mas não porque a terra seja toda uma, com a grande diferença tem umas terras das outras, e muito afastadas são, segundo departiremos adiante onde acharmos lugar desposto para isso. E indo fazendo sua viagem ao longo daquele mar, viram a caravela os que estavam na terra, da qual coisa foram muito maravilhados, como segundo parece, nunca viram nem ouviram falar de semelhante, como uns presumiam que era peixe, outros entendiam que era fantasma, outros diziam que podia ser alguma ave que corria assim andando por aquele mar” (p. 158).</p> <p>Obs.: Não obstante a importância do fragmento destacado acima, toda a obra é tida como um dos mais importantes textos escritos em língua portuguesa sobre as representações europeias do continente africano produzidas no século XV.</p>

“(...) um franciscano espanhol.”

Trata-se de um manuscrito produzido no reino de Castela, provavelmente no século XIV, estima-se que depois 1385, por um anônimo. O texto descreve uma viagem autobiográfica com diversas informações (geográficas, políticas e heráldicas) sobre o mundo conhecido à época.

OBS: A inclusão do presente texto neste catálogo refere-se apenas ao interesse de indicar movimentos de tráfico de escravos (não exclusivamente de escravos africanos oriundos da região subsaariana) anteriores ao estabelecimento do chamado “escravismo moderno”. Acredita-se que tais textos possam ser úteis aos pesquisadores em termos comparativos.

Menções ao negro e ao escravo

Obra	Edição	Passagens das fontes
<p>79 - Libro del conocimiento de todos los reynos et tierras et señoríos que son por el mundo e de las señales et armas que han cada tierra el señorío por sy e de los reyes e señores que los proveen, escrito por um franciscano español á mediados del siglo XIV.</p>	<p>1877 Escrito, provavelmente, em meados do século XIV</p>	<p>“XL. P. 57, r, <i>En este Reynado dongola falle xpianos ginoveses mercaderes... et tomamos camino el Rio del nilo ayusso.</i> — El tráfico de los genoveses en las altas regiones de la Nubia era fácil y seguro, no sólo en virtud de tratados comerciales celebrados desde 1290, sino del grande y especial servicio que prestaban á los sultanes de Egipto, surtiéndoles de mamelucos, los cuales se adquirían en Cafá, colonia genovesa en la península de Crimea. «Aquí, dice Pero Tafur, viajero español que estuvo en esa ciudad hacia los años 1437, se venden más esclavos é esclavas que en todo lo otro que queda del mundo, c aquí tiene el soldán de Babylonia (El Cairo) sus factores, é mercan allí, é lievan á Babylonia, é estos son los que dixen mamalucos. » (<i>Andanças é viajes</i>, Col, de lib. españoles raros ó curiosos, tomo octavo, p. 161-62).”</p>